

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fátima Maria Pilotto

EDUCAÇÃO CORPORAL DE ATLETAS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Porto Alegre
2010

Fátima Maria Pilotto

EDUCAÇÃO CORPORAL DE ATLETAS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P643e Pilotto, Fátima Maria

Educação corporal de atletas da ginástica artística / Fátima Maria Pilotto; orientadora: Dagmar Elisabeth Estermann Meyer. Porto Alegre, 2010.
210 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, Porto Alegre, BR-RS.

1. Educação. 2. Corporeidade. 3. Atleta. 4. Ginástica artística. 5. Rendimento esportivo. 6. Relações de gênero. 7. Estudos culturais. I. Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann. II. Título.

CDU: 796.417:37

Fátima Maria Pilotto

EDUCAÇÃO CORPORAL DE ATLETAS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 02 ago. 2010.

Profª. Dra. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer – Orientadora

Profª. Dra. Guacira Lopes Louro – UFRGS

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

Profª. Dra. Ana Márcia Silva – UFGO

Escreve-se, então, para aprender, para saber; e não é possível empreender essa viagem de conhecimento levando previamente as respostas. (MONTERO, 2004, p. 123).

AGRADECIMENTO

Especialmente ao grupo de atletas, seus familiares e responsáveis e à equipe de treinamento do Grêmio Náutico União, em especial, à Adriana e ao Leonardo, pelos espaços produtivos de diálogo criados para realização das observações e das entrevistas, e ao professor Jayme por ter autorizado a realização do trabalho de campo.

À Dagmar, por todas as suas contribuições, especialmente por aceitar orientar um trabalho com uma escrita sempre aberta e provisória. Ao grupo de pesquisa, pelas leituras, pelos apontamentos, pelas saídas encontradas durante o percurso de pesquisa.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por propiciar este momento de formação gratuita e de qualidade.

A funcionários(as) e professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação, especialmente àqueles(as) de quem fui aluna desde 1997.

Ao Stigger, ao Luís e à Ana Márcia, pelos encaminhamentos feitos na defesa do projeto, por contar com suas críticas e observações.

À Guacira, por ter aceitado avaliar este trabalho.

À equipe diretiva e professores(as) da E. M. E. F. Leocádia Felizardo Prestes, de Porto Alegre, pelos ajustes, pelas trocas e acomodações de horários em meu trabalho.

À Madalena, Regina, Ruth e Grazi, pela amizade e palavras de força e conforto, importantes para seguir em frente e esquecer as angústias e as dificuldades, pelas possibilidades de juntas comemorarmos as conquistas, seja em encontros, *e-mails* ou telefonemas.

À Fabi, pelo auxílio na finalização do projeto de tese.

À família Pilotto e Pinto, por todo tipo de ajuda.

Ao Leandro, pela paciência, pela compreensão e carinho compartilhados nestes 21 anos de convivência, especialmente nos últimos cinco.

Ao Lorenzo, pela energia, satisfação e alegria propiciadas cotidianamente.

RESUMO

A pesquisa trata do tema da educação corporal de atletas da ginástica artística. A temática foi investigada através do acompanhamento da rotina de treinamento de atletas da ginástica artística do Grêmio Náutico União (GNU) em Porto Alegre (RS). A pergunta principal e os objetivos que nortearam a pesquisa são os seguintes: como os corpos de atletas da ginástica artística são educados? Como gênero atravessa e dimensiona tal educação? O principal objetivo foi discutir e problematizar como corpos de atletas da ginástica artística são educados, especialmente nas sessões de treinamento esportivo, em meio a tecnologias do eu e tecnologias de dominação. A metodologia utilizada é de caráter etnográfico, com uso da observação e elaboração de um diário de campo, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Busquei sustentar minha pesquisa no campo dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero com aproximações no pós-estruturalismo. Conceitos como tecnologias do eu e tecnologias de dominação (FOUCAULT, 2004; LARROSA, 1995; VEIGA NETO, 2008; NICOLAS ROSE, 2001), corpo (HARAWAY, 2000; VIRILIO, 1996; GIL, 1981, 1997) e gênero (LOURO, 1999, 2004; MEYER, 1999, 2003), entre outros, serviram como algumas ferramentas para pensar o objeto de pesquisa. Argumento que a educação corporal de atletas da ginástica artística de alto rendimento, especialmente nas sessões de treinamento esportivo, ocorre na articulação entre natureza e cultura e é o tempo inteiro um exercício do sujeito sobre si mesmo e do sujeito na relação com o outro. Além disso, gênero é uma importante dimensão constitutiva das tecnologias do eu e das tecnologias de dominação.

Palavras-chave: **Educação. Corporeidade. Atleta. Ginástica artística. Rendimento esportivo. Relações de gênero. Estudos culturais.**

ABSTRACT

This research approaches body education of athletes in artistic gymnastics. The theme has been investigated through the follow-up of training routine of athletes at Gremio Nautico Uniao (GNU) in Porto Alegre (RS). The main questions and the objectives that have guided this research are the following: How have bodies of artistic gymnastics athletes been educated? How have gender crossed and dimensioned such an education? The main objective is to discuss and problematize the way bodies of artistic gymnastic athletes have been educated, particularly in sessions of sports training, amidst both technologies of the self and technologies of domination. The methodology used has an ethnographic character, with the use of observation and construction of a field diary, semi-structured interviews, and document analysis. I have attempted to ground my research on the field of cultural studies and gender studies, with approximations to post-structuralism. Concepts such as technologies of the self and technologies of domination (FOUCAULT, 2004; LARROSA, 1995; VEIGA NETO, 2008; NICOLAS ROSE, 2001), body (HARAWAY, 2000; VIRILIO, 1996; GIL, 1981, 1997), and gender (LOURO, 1999, 2004; MEYER, 1999, 2003), among others, have been some of the tools used to think about the research object. I have argued that body education of high performance athletes in artistic gymnastics, particularly in sessions of sports training, occurs in the articulation of nature and culture, and has ever been an exercise of the subject over oneself, as well as of the subject in the relation with the other. Furthermore, gender is a dimension constitute of technologies of the self and technologies of domination.

Keywords: Education. Corporeality. Athlete. Artistic gymnastics. Sports performance. Gender relations. Cultural studies.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 ENVOLVIMENTOS, DÚVIDAS, MOTIVAÇÕES: caminho percorrido	18
2.1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	18
2.2 MODOS DE VER, MODOS DE FAZER	27
2.2.1 Momentos Ambíguos: satisfação, complicação, leveza, diversão...	31
2.2.2 Estar lá: o clube e o ginásio de ginástica	39
2.2.3 “Eu vivo no União”: sujeitos da pesquisa	49
3 ENTENDIMENTOS, COMPREENSÕES, OLHARES POSSÍVEIS	55
3.1 EDUCAÇÃO CORPORAL DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	55
3.1.1 Corpo: natureza x cultura	61
3.1.2 Relações de Gênero no Processo de Educação Corporal da Ginástica Artística	74
3.2 O QUE AS COISAS QUE FAZEMOS FAZEM DE NÓS	86
3.2.1 Silêncio e Concentração: ver-se	94
3.2.2 Disciplina e Repetição: expressar-se	103
3.2.3 Superação e Inquietude: narrar-se	113
3.2.4 Maturidade e Competitividade: julgar-se	119
3.2.5 Coragem e Controle: dominar-se	125
4 OUTROS RELANCES...	140
REFERÊNCIAS	145
ANEXO A – Ofício do programa e síntese do projeto	156
ANEXO B – Termo de consentimento	159
ANEXO C – Documento de solicitação e aceite para realização da pesquisa .	160
ANEXO D – Tabelas de resumo dos diários e das entrevistas	162
ANEXO E – Roteiro das entrevistas	163

1 APRESENTAÇÃO

Todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e um tempo particulares, desde uma história e uma cultura que nos são específicas. O que dizemos está sempre 'em contexto', posicionado (HALL, 1996).

A pesquisa trata do tema da educação corporal de atletas da ginástica artística. A temática foi investigada através do acompanhamento da rotina de treinamento de atletas da ginástica artística do Grêmio Náutico União (GNU) em Porto Alegre (RS). A pergunta principal e os objetivos que nortearam a pesquisa são os seguintes: como os corpos de atletas da ginástica artística são educados? Como gênero atravessa e dimensiona tal educação? O principal objetivo foi discutir e problematizar como corpos de atletas da ginástica artística são educados, especialmente nas sessões de treinamento esportivo, em meio a tecnologias do eu e tecnologias de dominação. Dito de outra forma: de que modo atletas são convidados(as) a operarem sobre si mesmos(as) e sobre seus corpos e como os sujeitos acabam sendo subjetivados por esse processo de educação corporal? Como tal educação está atravessada por questões de gênero, que, junto com diversos outros marcadores sociais, dimensionam nossas vidas cotidianas? Obviamente, tais objetivos não estão separados da busca de compreender que discursos estão envolvidos nesse processo educativo e que relações de poder se estabelecem entre as diferentes instâncias nele envolvidas.

A metodologia utilizada é de caráter etnográfico, com uso da observação e elaboração de um diário de campo, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Busquei sustentar minha pesquisa no campo dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, com aproximações do pós-estruturalismo. Conceitos como tecnologias do eu e tecnologias de dominação (FOUCAULT, 2004; LARROSA, 1995; VEIGA NETO, 2008; NICOLAS ROSE, 2001), corpo (HARAWAY, 2000; VIRILIO, 1996; GIL, 1981, 1997) e gênero (LOURO, 1999, 2004; MEYER, 1999, 2003), entre outros, serviram como algumas ferramentas para pensar o objeto de pesquisa.

Argumento que a educação corporal de atletas da ginástica artística, especialmente nas sessões de treinamento esportivo, ocorre na articulação entre natureza e cultura e é o tempo inteiro um exercício do sujeito sobre si mesmo e do sujeito na relação com o outro e que gênero é um dos atravessamentos das tecnologias do eu e das tecnologias de dominação e é delas constitutivo. Com a expressão “educação corporal de atletas”, busco ampliar a discussão iniciada no projeto, onde usei a expressão “corpo hífen atleta” (corpo-atleta). Ao entrar no campo, fui me dando conta da impossibilidade de usar corpo no singular, visto que os corpos são diferentes em tamanho, em características importantes destacadas por aparelhos da ginástica, etc. Em outro determinado momento da pesquisa, também usei “corpos e atletas”, mas o grupo de orientação chamou-me atenção sobre o quanto o uso dessa expressão estaria separando algo que eu mesma buscava unir, que se constitui nessa junção, nessa mescla entre atletas e seus corpos. Retomo essa discussão no capítulo “Educação corporal da ginástica artística”. Ao usar tal expressão, busco também me afastar do conceito de corpos esportivizados, que utilizei na dissertação de mestrado. Se os corpos esportivizados foram tomados por mim como impossibilitados de resistir às relações de poder vindas, sobretudo, da instituição esportiva, busco agora pensar os corpos o tempo todo imbricados/colados com a condição mesma de ser atleta, não estando simplesmente submissos às instituições que os regulam (clubes, patrocinadores, órgãos e entidades esportivas, técnicos(as), etc.).

Organizei a tese em duas partes. Na primeira parte, falo brevemente sobre alguns fragmentos de histórias das ginásticas e do esporte de alto rendimento e sobre as polêmicas em torno dessa forma de prática corporal. Isso permitiu que construísse meu objeto de pesquisa de uma determinada forma e não de outra. Em seguida, no tópico “Modos de ver, modos de fazer”, escrevo como foi o trabalho de campo, como se deu meu envolvimento com o grupo; faço a descrição do local onde desenvolvi a pesquisa e apresento os sujeitos participantes da pesquisa. Trata-se do “como” da pesquisa, da organização metodológica, do percurso investigativo.

Na segunda parte, inicio escrevendo sobre como entendo a educação corporal da ginástica artística e a articulação entre natureza e cultura na produção deste corpo. Reflito sobre o conceito de gênero e sua articulação com corpo e esporte. No segundo capítulo desta parte, “O que as coisas que fizemos fazem de

nós”, discuto a articulação entre tecnologia do eu e tecnologias de dominação. Desenvolvo uma análise de como ocorre a educação corporal da ginástica artística a partir das cinco dimensões propostas por Larrosa (1995) para pensar a experiência de si: o ver-se, o expressar-se, o narrar-se, o julgar-se e o dominar-se. Trata-se de um capítulo analítico onde busco articular práticas, discursos que foram emergindo da produção de dados com a teorização.

Minhas experiências profissionais e acadêmicas foram importantes na escolha de meu tema de pesquisa e legitimam minhas decisões. Ao contá-las de forma interessada, localizada, posicionada, pretendo desenvolver também uma reflexão sobre meus interesses teóricos. Como não existe uma forma de contar uma trajetória sem estar o tempo todo fazendo sua análise, ao contá-la, também a estarei reconstruindo.

Foi durante minha graduação em Educação Física (março de 1993 a julho de 1997) que comecei a aproximar-me de autores que, na década de 90, produziram e utilizaram as teorias críticas em Educação Física¹. A partir dessas leituras, aprendi a questionar a Educação Física, a criticar a hegemonia esportiva e a defender uma maior visibilidade para a cultura corporal. Nessa época, a discussão na área da Educação Física (refiro-me aqui mais especificamente à área ligada à escola e à educação) estava bastante atrelada a uma forte crítica ao esporte de alto rendimento, visto que este se coloca como a prática corporal mais presente em diversos ambientes da cultura e que, de certa forma, carrega consigo determinadas características, inspiradas na instituição esportiva, muitas vezes ligada ao espetáculo, ao rendimento, à busca de resultados, enfim, à competição.

Foi assim que se deu meu primeiro envolvimento com a pesquisa, um envolvimento atravessado por uma ruptura marcante e, de algum modo, radical, feita exclusivamente com o esporte de alto rendimento. Pensar na competição como um elemento que provoca exclusões dos esportes, que deixa de fora da prática os menos “habilidosos”, que produz hierarquias corporais, foi um importante movimento que fiz em minha trajetória como professora de Educação Física e de esportes,

¹ Entre eles, destaco: *Metodologia do Ensino da Educação Física* (SOARES, TAFFAREL, VARJAL, CASTELLANI FILHO, ESCOBAR, BRACHT, 1992); *Educação Física e Aprendizagem Social* (BRACHT, 1992); *Educação Física: raízes européias e Brasil* (SOARES, 1994); *A Transformação Didático-Pedagógica do Esporte* (KUNZ, 1994); *Educação física no Brasil: história que não se conta* (CASTELLANI FILHO, 1988); *Educação Física Cuida do Corpo e 'Mente'* (MEDINA, 1983); *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento* (SANTIN, 1994).

atenta a trazer para a prática esportiva aqueles que são excluídos pelas características de seus corpos (gordos(as), fracos(as), descoordenados(as), etc.).

Durante o mestrado, pude perceber de forma mais efetiva que não apenas os esportes de alto rendimento, mas também as demais práticas relacionadas à cultura corporal (ginásticas, danças, lutas, jogos, etc.), são constituídas e, ao mesmo tempo, instituidoras de relações de poder. Isso foi possível devido à forte discussão que, na época, se fazia na linha de pesquisa² em relação ao conceito de relações de poder de Michel Foucault. Entender que as relações de poder não se estabelecem de forma vertical – de cima para baixo –, que o poder não está localizado em um único lugar, mas que atua em redes, que é pulverizado, que está em toda parte, foi determinante para ter essa percepção.

(...) o poder deve ser compreendido e analisado em movimento. Deve ser analisado nos movimentos que acontecem ao longo das malhas da rede social, em cujos nós se situam os indivíduos que, ao mesmo tempo que se submetem ao poder, são capazes de exercê-lo. (...) se os indivíduos são capazes de exercer o poder é porque o poder os atravessa. Isso não significa que, numa dada situação, as relações de poder sejam simétricas, isso é, de mesma “intensidade” entre aqueles que mais exercem o poder e aqueles que mais se submetem a ele a cada momento. Se houvesse uma tal simetria – isso é, se ao longo do jogo a soma se mantivesse igual a zero –, não haveria poderes em jogo (VEIGA NETO, 2008, p.21-24).

Nessa perspectiva, entende-se por relações de poder as relações de luta e confronto que agem segundo uma racionalidade própria visando a dominar o outro. Essa racionalidade é assumida tanto por aqueles que se encontram na posição vantajosa quanto por aqueles que se encontram ou que são colocados do outro lado. Isso implica que, nas relações de poder, a resistência seja tomada como uma possibilidade sempre presente, pois, caso contrário, não se constituiria em relações de poder, mas sim em relações de violência.

Penso que aprofundei minhas críticas e lembro-me de algumas disciplinas iniciais do curso de mestrado que problematizavam também o conceito de cultura e sua articulação com as relações de poder. Uma forte crítica era feita à noção de cultura universal, argumentando-se que ela produz e se fragmenta em hierarquias de classe, cor, gênero, idade, nacionalidade, etc. Assim, compreendia-se a cultura

² Refiro-me à linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação.

como um campo de lutas, de disputas travadas por diferentes grupos sociais em torno de significações; nesse sentido, observo o quanto o esporte e a cultura corporal fazem parte dessas disputas, e através delas diferentes vozes se fazem presentes. O esporte, como um dos elementos da cultura corporal, assume o papel de cultura universal e busca impor seus sentidos às demais práticas corporais. Algumas acabam assumindo seus pressupostos e agindo com os mesmos códigos, os mesmos significados, com a mesma racionalidade, enquanto outras resistem.

Num primeiro momento, a aproximação com a linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação foi impactante, e, desde que concluí o curso de mestrado, continuei pensando nas possibilidades que a linha de pesquisa me proporcionou. De 1998 a 2000, período de realização do mestrado, professores, autores, colegas de aula desestabilizaram minhas idéias, questionaram minhas verdades e colocaram-me uma série de novos interesses e questões. As leituras, as conversas, as aulas, fizeram-me ver o mundo, a educação, a Educação Física, os sujeitos envolvidos nelas, a partir de outro lugar – lugar que enfatiza o processo histórico e cultural de construção das identidades dos sujeitos e de seus objetos de pesquisa; lugar que fala de instabilidades, provisoriiedades, precariedades, dúvidas, contradições, constantes transformações. O estudo de conceitos como os de representação, identidade, diferença e sujeito foi central nesse momento.

Marco ainda a minha participação em algumas disciplinas que foram determinantes para minhas escolhas, entre elas: Pedagogias do Corpo e da Saúde; Educação, Saúde e Corpo: abordagens feministas e culturais; Corpo, saúde e educação: olhares desde os Estudos de Gênero e Culturais³; Teoria *Queer* e Educação⁴. Nessas aulas, aproximei-me da linha de pesquisa Educação, Gênero e Sexualidade e vislumbrei possibilidades de articular as discussões sobre a educação corporal de atletas com questões de gênero.

Trago agora algumas questões formuladas de forma ampla que foram importantes até chegar à delimitação do objeto de pesquisa que ora apresento: como ocorre a produção de corpos específicos em modalidades específicas de esportes? Como são tratados os corpos dos atletas? Como acontecem as produções corporais específicas que visam à superação de limites, à quebra de

³Ministradas pela professora Dagmar E. Meyer. A última delas com a colaboração de Fernando Seffner e Maria Henriqueta Luce Kruse.

⁴Ministrada pela professora Guacira Lopes Louro.

recordes, e que simultaneamente ocasionam determinados tipos de lesões, de prejuízos corporais que afetam a saúde de atletas? Enfim, por que é importante estudar a produção de corpos a partir dos esportes de alto rendimento?

Sant'Anna (1997), ao fazer uma retrospectiva dos muitos trabalhos que, em diferentes perspectivas teóricas, pesquisaram o corpo, aponta para a escassez de estudos que investigam a produção dos corpos nos próprios locais onde são fabricados, como, por exemplo, em indústrias, laboratórios, hospitais. No final do artigo, a autora afirma:

[...] investigar as técnicas de educação corporal dentro dos espaços consagrados ao exercício do complexo científico-industrial de nossos dias – que podem parecer pouco atraentes a quem se habituou a ver os delírios de nossa mente e os furores de nosso corpo apenas fora dos locais de trabalho da ciência e da indústria – é uma maneira (existem, certamente, outras!) de relativizar nosso fascínio ou nossa aversão perante a apregoada mistura entre natureza e cultura. E, o que é realmente importante, a investigação desses locais e de seu cotidiano nos fornece, finalmente, critérios e informações para que nossas propostas sobre a ética e a construção positiva da vida sejam mais do que meras frases belas (Ibidem, p. 283).

Entendo que os locais de treinamento esportivo estão atravessados o tempo todo por conhecimentos ditos científicos, portanto, culturalmente aceitos como pouco questionáveis. Diferentemente de locais onde o esporte é tratado de forma lúdica ou educativa, no espaço de treinamento, existe toda uma sustentação de conhecimentos vindos principalmente das vertentes da Educação Física mais ligadas à área biológica e que pouco foram estudadas com referenciais vindos das áreas humanas. Dessa forma, entendo que pesquisar a rotina de treinamento de atletas da ginástica artística pode contribuir para entender a educação de alguns tipos de corpos, suas especificidades, sua singularidade. Como saber qual é o limite a ser respeitado, a não ser ultrapassado? Como trabalhar nesse limite, nessa fronteira? Entender as diferentes tecnologias que incidem sobre esses corpos – o treinamento específico de habilidades, as dietas, o controle da dor, os discursos veiculados nas mídias, as exortações constantes por maturidade e coragem – foi meu desafio. Estive atenta para tentar entender o que se diz sobre esse corpo e como ele é contado e vivido. O que atletas, por exemplo, falam sobre seus corpos? Como vivenciam o treinamento?

Quando, na dissertação de mestrado, pesquisei as representações das práticas corporais em textos de jornais⁵, um dos assuntos perturbadores em que fui estimulada a pensar estava relacionado à questão dos corpos de atletas praticantes de esporte de competição. Não raras vezes, apareciam reportagens sobre corpos lesionados, corpos com “defeitos”, corpos tratados como mercadoria, como bem de consumo, atletas escondendo problemas de saúde para continuar participando dos campeonatos, etc. Foi a partir da necessidade de pensar melhor sobre esse tema que desenvolvi o anteprojeto que apresentei na seleção do doutorado em 2005/1. Durante o ano de 2005 e início de 2006, estive um pouco afastada das questões relacionadas aos corpos e mais próxima da ideia de discutir questões de risco e vulnerabilidades relacionadas a programas sociais destinados a esportes. Cheguei a apresentar para o grupo de pesquisa um esboço de meu “novo” projeto, porém, no semestre 2006/2, ao cursar a disciplina Pesquisa Etnográfica em Educação e Cultura: o campo, a análise, o texto⁶, voltei a interessar-me pelo tema da educação corporal de atletas e a vislumbrar possibilidades de pesquisá-lo. Isso se deu por ter tido a oportunidade de observar o grupo de atletas da ginástica artística da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁷.

Enfim, desde a conclusão da dissertação de mestrado (2000), tenho curiosidade em investigar esse tema, no que fui instigada pela banca examinadora, e, desde então, estive motivada a fazer esta pesquisa. Além de minha motivação pessoal, esses temas fazem parte do cotidiano da Educação Física – campo que gera muitas polêmicas e debates e nos constitui a todos como indivíduos modernos.

[...] a repercussão contemporânea do fenômeno esporte [...] ultrapassa fronteiras, etnias e classes sociais, repercutindo muito além do círculo de pessoas e instituições que com ele trabalha profissionalmente. Coloca-se como uma pedagogia que nos constitui, inicialmente no ocidente urbanizado e depois em praticamente todos os países e faixas etárias, como indivíduos modernos (Silva, 2008, s.p).

⁵ Sob a orientação de Maria Lúcia Castagna Wortmann, desenvolvi a dissertação intitulada *A pedagogia esportiva da mídia, uma análise a partir de textos de jornais*.

⁶ Ministrada por Marco Paulo Stigger.

⁷ Hoje esse grupo não existe mais. Muitas das atletas de ponta da UFRGS passaram a treinar no Grêmio Náutico União.

Feitas essas considerações em relação às minhas experiências profissionais e acadêmicas, buscando indicar a importância de pesquisar o tema da educação corporal de atletas da ginástica artística, trago outros apontamentos importantes para a construção do objeto de pesquisa. Eles dizem respeito às relações entre ser (ou não) esporte de alto rendimento, a algumas convergências e tensões e à minha busca por compreender um pouco o universo da ginástica artística em relação a outras modalidades de ginástica. Trata-se do modo como fui me envolvendo com a problemática de pesquisa e como fui construindo-a.

2 ENVOLVIMENTOS, DÚVIDAS, MOTIVAÇÕES: caminho percorrido

2.1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Pesquisadora (P⁸): Conta um pouco de tua história na ginástica artística, nesses nove anos, como é para ti fazer ginástica?

Atleta (A): Tem que se puxar, vários xingões, várias mãos abertas, vários elogios, vários treinos, de segunda a sexta.

Quais os significados de ser ou não esporte de alto rendimento? Como as ginásticas adquirem “legitimidade esportiva”? Quando a ginástica artística passou a fazer parte deste universo? Quais suas contribuições na construção do esporte de alto rendimento? Procuo trazer, neste tópico, alguns fragmentos de histórias das ginásticas que permitem pensar um pouco sobre essas relações. O trecho da entrevista colocado por mim como epígrafe possibilita algumas reflexões em torno de questões como essas. Ele dá início ao exercício de trazer para o texto o campo pesquisado, o material produzido e a tentativa de escrever de forma etnográfica. Trata-se de uma das questões feitas no momento da entrevista e da resposta dada por uma atleta de nove anos que refere fazer ginástica desde antes de nascer, desde que estava na barriga de sua mãe. Dizer que é preciso se puxar, que são vários xingões e mãos abertas, vários treinos, caracteriza a forma esporte de alto rendimento; ter nove anos e ser atleta desde antes de nascer também. Porém, o que aparece em menor proporção, mas que também está dito na fala dessa atleta, são os “elogios”, que penso estarem diretamente envolvidos com questões de autoestima e prazer e também constituírem os esportes de alto rendimento. Dar sentido ao que não está em evidência, ao que aparece em pequena proporção, é um dos desafios que me propus ao fazer esta investigação nesta perspectiva teórica.

A opção pela ginástica artística e não por outra modalidade esportiva ocorreu pelo fato de ter cursado durante um semestre uma disciplina sobre etnografia, em que o trabalho de escrita de um diário de campo ocorreu no espaço da ginástica artística, e pelas possibilidades e aceitação que esse lugar me ofereceu. Apesar de

⁸ Nos próximos trechos, apenas indicarei P, referindo-me a mim como pesquisadora, e A, referindo-me aos(às) atletas participantes da pesquisa. Também usarei IET, para me referir a integrantes da equipe técnica, e R/F para responsáveis ou familiares.

ser graduada em Educação Física, em minha graduação, cursei apenas uma disciplina sobre esta modalidade de esporte (Ginástica Olímpica Fundamentos), cujo professor, ex-atleta da ginástica artística, proporcionou algumas experiências práticas nessa modalidade. Lembro-me, inclusive, de ter experienciado alguns exercícios no solo, na trave e no cavalo.

A ginástica artística⁹, que ficou conhecida no Brasil como ginástica olímpica, é apenas uma das modalidades de ginástica, e uma de suas especificidades é ser praticada com aparelhos. As diferentes modalidades apresentadas e filiadas à Federação Internacional de Ginástica¹⁰ são as seguintes: ginástica artística feminina, ginástica artística masculina, ginástica rítmica desportiva, ginástica de trampolim, ginástica aeróbica desportiva, ginástica geral e ginástica acrobática.

Na ginástica artística, atletas competem individualmente ou por equipes. O principal objetivo é conseguir a melhor nota na avaliação dos juízes, que, por sua vez, verificam o grau de dificuldade dos movimentos e a sua execução. Para obter pontos extras, o ginasta deve acrescentar elementos além dos obrigatórios. Mulheres competem com mulheres, e homens com homens. As provas são organizadas com exercícios livres e obrigatórios. “Cada modalidade de exercício tem regras e regulamentos próprios para a contagem dos pontos, que são distribuídos entre as notas de Dificuldade, Combinações/Ligações e Execução (...)” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA, s/p, 2007).

A ginástica artística possui um reconhecimento importante no mundo esportivo; sua história é bastante intensa e vincula-se principalmente ao discurso militar e artístico – militar no que diz respeito à disciplina, e artístico no que tange às suas similitudes com atividades circenses. Um argumento muito utilizado e bastante recorrente ao buscar entender sua história é o de que a ginástica artística está entre as modalidades que participam dos jogos olímpicos desde sua primeira edição na era moderna (que ocorreu em Atenas no ano de 1896).

⁹ No projeto, optei pelo uso da expressão “ginástica artística-olímpica” por ela ser conhecida muito mais por “olímpica” em nosso meio do que por “artística”, embora “artística” seja a denominação oficial internacionalmente e nas mídias. Essa denominação não é neutra e encontra-se imbricada em um campo de disputas. Apesar de este ser um assunto polêmico e de, no meio onde me inseri, persistir a preferência pelo uso do adjetivo “olímpica”, opto pela adoção do adjetivo “artística” neste momento de escrita da tese justamente por me dar conta dessas disputas e de alguns de seus efeitos.

¹⁰ A Fédération Internationale de Gymnastique, também conhecida como FIG, é a entidade máxima das ginásticas, responsável pela organização da ginástica em âmbito mundial. Foi fundada em 23 de julho de 1881.

Quando se fala da história da ginástica no Brasil, enfatiza-se bastante sua relação com a colonização alemã. O reconhecimento pela inserção da ginástica no Brasil é dado ao nosso Estado (RS) e à Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA). “A Ginástica Olímpica chegou ao Brasil em 1824 por meio da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Este foi também o primeiro estado a fundar uma Federação de Ginástica (Federação Rio-grandense de Ginástica), oficializando assim a prática desta modalidade no Brasil” (PÚBLIO, 1998, p. 128). Esta é parte da história da ginástica artística contada no Brasil; em outros países, são outras as características a serem enfatizadas. União Soviética, Rússia, Ucrânia, Romênia, Japão e Estados Unidos são alguns dos países que possuem uma tradição grande nessa modalidade, principalmente pelo destaque de seus(suas) atletas.

No universo esportivo de alto rendimento, muitas vezes os países, os clubes e os patrocinadores ficam conhecidos pelas glórias individuais de atletas, reconhecendo-se pouco o trabalho sistemático de muitas pessoas e instâncias na produção dos ídolos que, nesta modalidade, levam anos para conseguir resultados. Introduzo abaixo duas cenas de treinamento vivenciadas no início da pesquisa em que é possível analisar algumas convergências e tensões no esporte de alto rendimento; são trechos do diário de campo:

Cenas de treinamento 1

“O que achei mais interessante foram as pitangas. Estava sentada com um pai e uma mãe e observava a aula de longe. Já no final da aula, uma aluna vem correndo até a porta, seu pai lhe entrega um pote em uma sacola plástica. Achei estranho, parecia lanche, me perguntei: será que ela vai lanche no final da aula dentro do ginásio? Ela entregou a sacola para uma das atletas que vinham saindo. Fiquei curiosa para saber o que era. A atleta foi ao banheiro, fui também. Ela logo foi abrindo a sacola. Perguntei se havia ganhado, disse que sim e que ia ver o que era. O pote de margarina estava cheio de pitangas, e me surpreendi. Apresentei-me para a atleta e comecei a conversar, disse que achei legal ela ganhar pitangas e indaguei se ela já havia dado presentes para a amiga também. Ela disse que sim, umas pulseirinhas. Soube também que tem doze anos e treina há seis; que nesta quarta irá para São Paulo para competir; foi vice-campeã no Peru, único evento internacional de que participou; vai embora dos treinos de carona com o técnico, que não ganha dinheiro como atleta; não vai acompanhada de nenhum familiar quando viaja; que antes de competir pela UFRGS competia pela Sogipa; estuda em uma escola estadual e há dois meses é amiga da aluna-atleta que lhe deu as pitangas”. (Diário de campo 2, 18.09.2006)

Cenas de treinamento 2

“Quatro atletas realizavam alguns exercícios. Conversavam muito entre si, riam a todo instante, o clima era de brincadeira, de ludicidade. Parecia que executavam o treino de forma livre. Uma delas dizia para as outras: ‘vamos brincar disso, depois daquilo’. Gostei de observar. Elas misturavam brincadeira com gestos técnicos da modalidade que treinam. Ficou bonita a combinação. Brincavam de pegar no solo, corriam dando saltos de diferentes formas na cama elástica, passavam de um colchão para outro com uma corda: tudo parecia muito divertido e muito alegre, nada de dor e choros, tão comuns quando se fala em treinamento. Perguntei para uma das atletas da equipe que treinava próximo ao local onde eu estava sentada observando por que ela não estava fazendo as atividades com as colegas. A resposta foi que ‘precisava acertar o salto’. Parecia estar de castigo. Num determinado momento, as atletas foram até uma sala no canto esquerdo do ginásio. A atleta que treinava o salto disse que suas colegas foram ver fotos e que ela também estava nas fotos, mas que não poderia ir ver porque teria competição na próxima quarta e que, como não acertou o salto, ia ficar repetindo¹¹. Perguntei sobre o número de saltos que executava por treino. Ela respondeu: ‘até acertar’. Disse que uma de suas colegas foi ao campeonato brasileiro no final de semana e que ficou em segundo lugar. Demonstrou felicidade. Um pouco antes disso que acabo de relatar, outra atleta, com mochila nas costas, passa em nossa frente chorando, em direção à porta de saída do ginásio. A atleta que dialogava comigo comenta com ela algo como: ‘precisa de tubos de oxigênio’, e a outra responde: ‘estou precisando de férias, acho que permanentes’; tinha algo de compreensão nesse diálogo. Perguntei sobre o que estava acontecendo, e ela respondeu que estava indo para a fisioterapia. Ainda desse local, ouvia a atleta fungar. Ela passou a treinar atrás de mim. Não conseguia identificar se era choro; perguntei se estava gripada, ela respondeu que não. No final do treino, recebi um tchau e um sorriso”.

(Diário de campo 3, 25.09.2006)

Pitangas, presentes, viagens, competição, amizade, fotografias, choro, dor, brincadeira, compreensão, felicidade, etc. fazem parte da trama desse local: local de relações de poder, local de prática esportiva, local que comporta pessoas diferentes e que, ao mesmo tempo, exige gestos técnicos padronizados. Tais gestos não são iguais, variam conforme o corpo, a graciosidade, a leveza, a soltura, e foi possível observar isso nos treinos de ginástica artística. Treinar, ir para a escola, viajar para participar de competições, fazer fisioterapia, são algumas práticas comuns entre atletas.

¹¹ A atleta manifestou em sua fala o desejo de ver as fotos. Ela disse: “elas foram ver fotos, e eu também apareço nelas”. Disse-lhe que certamente poderia ver as fotos em outro momento. Fiquei pensando sobre o quanto não poder estar com as colegas influencia em acertar ou não acertar o salto. Será que é possível treinar de outra forma? Até onde existe a necessidade de rigidez no treinamento? Precisa-se de críticas, castigos, xingamentos?

Hall (1997), ao tratar da globalização, permite pensar que o esporte, tal como o conhecemos hoje (via meios de comunicação de massa), possa ser considerado um “produto cultural”, fruto daquilo que o autor denomina de “revolução cultural global”. Essa revolução permite afirmar que características particulares assumidas pela existência local de diferentes práticas corporais vão cada vez mais se apagando em função da globalização. Talvez por isso seja possível falar hoje de “esporte de alto rendimento” ou de “esporte de alto nível” ou “esporte espetáculo”. Os críticos da Educação Física e dos esportes (entre eles, BRACHT, 1997, e KUNZ, 1994), desde a década de 80, vêm fazendo análises dessa forma de esporte, que se pretende hegemônica, que intenta homogeneizar as demais práticas, como a dança, a ginástica, as lutas, os jogos. Tais autores questionam o que chamam de esportivização das práticas corporais.

A globalização do esporte pretende atribuir características comuns e fixar uma identidade para as demais práticas corporais. Porém, o texto de Hall, ao trazer à tona as contradições que essa revolução ocasiona, as possibilidades de surgimento de novas culturas múltiplas e diversas, também permite enxergar as resistências por ela ocasionadas e perguntar se é possível ver o esporte de alto rendimento como não-homogêneo, contingente, possibilitador do surgimento de várias outras práticas corporais.

Padiglione (1995) trata da impossibilidade de se chegar a uma única definição de esporte. Ele questiona visões que reduziram o universo de formas e de práticas esportivas a uma única ideologia, os modelos evolutivos que tentaram verificar no esporte as transformações experimentadas por outros fenômenos sociais e aquelas visões que afirmam que o esporte faz desaparecer as diferenças étnicas. A respeito disso, afirma: “entre o jogo de bola organizado pela federação e aquele praticado por meninos na rua podem existir significativas diferenças culturais que não se pode esquecer” (PADIGLIONE, 1995, p.32).

Neste artigo o autor questiona a definição clássica de esporte (“uma atividade lúdica, baseada em regras, que apresenta uma estrutura relacional do tipo competitivo que exige alguma forma de habilidade física”. Ibidem p. 32). Principalmente através de exemplos do surgimento das práticas corporais vinculadas a natureza (esportes extremos, esportes californianos e esportes ecológicos), problematiza os três componentes do conceito clássico de esporte: a

ludicidade a competição e a habilidade física. Argumentando a favor da diversidade e da pluralidade no cenário esportivo. Diz o autor: “os esportes ocidentais são cada vez mais heterogêneos e, sobretudo mais variados internamente. (...) Hoje em dia os esportes são, acima de tudo diversificados, no sentido de que sua diversidade interior parece ser cada vez mais visível e significativa que sua homogeneidade”. (Ibidem p. 30). Seus estudos desafiam quem quer oferecer uma imagem homogênea do esporte.

Em resumo, Padiglione fala da heterogeneidade no esporte, da pluralidade e da diversidade esportiva e da impossibilidade de definir tão claramente ou de dar uma definição única para os esportes, para isso desconstrói o conceito clássico de esporte. Pergunto então: como essa compreensão de esporte como heterogêneo, como plural e diversificado, pode ser pensada no alto rendimento? O alto rendimento é apenas uma das maneiras de praticar esportes, que em muitas concepções assume o elemento competição como privilegiado, colocando-se muitas vezes em oposição ao conceito de ludicidade.

A *Folha de São Paulo*, em 2008, no período das Olimpíadas de Pequim, publicou dois textos com manifestações antagônicas sobre assistir às Olimpíadas, expressando concepções de esporte de alto rendimento¹². Rubem Alves assumiu a posição de quem não assistia às Olimpíadas e associava ao esporte de alto rendimento uma definição negativa, enquanto Moacyr Scliar defendia a posição favorável, assumindo a postura de quem assistia às Olimpíadas. Esse debate foi publicado na seção Tendências e Debates que a *Folha de São Paulo* publica aos sábados, onde articulistas são convidados para dar opiniões opostas. A pergunta feita foi: “você vai assistir à Olimpíada de Pequim?”. Seguem trechos dessas posições:

A competição, representada no seu ponto máximo pelas Olimpíadas, é o oposto do brinquedo. O brinquedo é uma atividade feliz. Por sua vontade, o corpo não competiria. Ele brincaria. O corpo não gosta de competições e Olimpíadas porque elas existem sobre o estresse. E o estresse faz sofrer. Os atletas sofrem. Basta observar a máscara de dor nos seus rostos. O corpo vai contra a vontade, empurrado por um tipo que mora dentro da sua alma e que é dominado por uma obsessão narcísica. Todo pódio é uma celebração do narcisismo. O que o espírito olímpico deseja é levar o corpo aos limites do estresse. E o limite do estresse é a morte. Não vou ver as competições. (Rubem Alves)

¹² Ver em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=498ASP003>.

Para milhares de jovens, inclusive e principalmente no Brasil, o esporte, e sobretudo o esporte olímpico, é o caminho da auto-afirmação, da restauração da dignidade pessoal. E o instrumento para isso é aquilo que o ser humano possui de mais autêntico: o próprio corpo. É o corpo que tem de responder ao desafio. Na verdade, o atleta não está só competindo com outros; está competindo consigo próprio. Está pedindo a seu tronco, seus braços, suas pernas, seus músculos, seus nervos que o ajudem a mostrar aos outros o que ele vale. Quando o peito do corredor rompe a fita na chegada da prova, não se trata apenas de uma vitória mensurável em minutos e segundos. Trata-se de libertação. É o momento em que a pessoa se liberta da carga pesada representada por um passado de pobreza, de privações, de humilhação. (Moacyr Scliar)

As abordagens pós-estruturalistas de pesquisa estimulam-nos a não pensar no “isto ou aquilo”, a não ser a favor ou contra, mas a buscar, na linha tênue que se estabelece entre “o isso e o aquilo”, formas particulares de pensar o esporte. Tais abordagens incitam-nos a evitar posições localizadas em binarismos e a perceber como, muitas vezes, as coisas são paradoxais e fogem ao alcance de se ver, com tantas certezas, isto ou aquilo. No entanto, não podemos deixar de reconhecer a importância da crítica radical ou da defesa feita ao esporte de alto rendimento e a que elas vêm e servem.

Ao abordá-lo e problematizá-lo, procurarei trazer evidências de que essa maneira de praticar esporte, embora vinculada ao alto rendimento, na maioria das vezes, é contraditória em suas distintas formas de experimentação. Procurei compreender o esporte como uma prática social com sentidos múltiplos, conflituosos e disputados e que, portanto, não podem ser lineares e simplesmente caracterizados como *adequados* ou *inadequados*.

Muitos são os autores que se dedicaram e se dedicam a pesquisar esse tema e várias são as abordagens feitas aos esportes. Stigger (2002), ao analisar criticamente diferentes abordagens sociológicas sobre o esporte, aponta duas perspectivas de análise:

A primeira (Bouet; Brohm; Guttmann; Mandell; Guay) – ao privilegiar aspectos estruturais da sociedade e tendo como opção metodológica a busca de aspectos que caracterizem o esporte como uma realidade cultural específica – encaminha para uma visão homogeneizada desta prática. Segundo esse ponto de vista, o esporte já estaria até certo ponto suficientemente explicado, na medida em que tanto as (Ibidem, p. 36-7).

suas características (reproduções objetivas da sociedade mais ampla) como as críticas que delas decorrem se repetem, de certa forma, nas interpretações que fazem os autores.

A segunda (Elias & Dunning; Pociello; Bourdieu; Bento; Padiglione) volta-se para aspectos individuais e subjetivos dos atores sociais e encaminha a reflexão para a heterogeneidade das manifestações esportivas, além de demonstrar a sua insatisfação em relação à pretendida posição passiva dos protagonistas do esporte. Para esses autores, o esporte poderia ser visto como uma prática social passível de ser apropriada de forma diferente pelas pessoas comuns, em diversas realidades específicas, em que, com características distintas, inserem-se nos seus estilos de vida (Ibidem, p. 36-7).

No olhar que pretendi desenvolver em relação ao *corpus* da pesquisa – o treinamento esportivo de atletas masculinos e femininas de ginástica artística, procurei me aproximar das abordagens que encaminham a reflexão para a heterogeneidade, buscando olhar para essa modalidade como uma prática social passível de ser apropriada das mais diferentes formas, em diferentes lugares, por diferentes pessoas. Fui a campo buscando pensar a educação corporal de atletas da ginástica artística de alto rendimento assumindo uma postura nem de crítica radical ao alto rendimento, nem de defesa ingênua dessa forma de prática esportiva. Pensar “positividades e riscos no esporte de alto rendimento” foi a reflexão que me conduziu durante a pesquisa.

O desporto perdeu seu sentido inequívoco. O sentido do desporto é variado e multidimensional. Nele podemos encontrar os valores da corporeidade, da condição física, da saúde, do ter e do ser, do rendimento, do esforço de procura, do empenhamento, da persistência, da ação e da realização, do enfrentar dificuldades, barreiras e resistências, da tensão, do dramatismo e da aventura. E é um espaço de expressão, de estética, de relaxação e entretenimento, de configuração e criação de vivências, de sensações, de impressões e experiências, de comunicação, de cooperação e interação (BENTO apud STIGGER, 2002, p. 33).

Embora essa definição tenha sido usada pelo autor para pensar o esporte no espaço de lazer, acredito que ela possa ser útil para pensar também o esporte no espaço do alto rendimento. No local em que desenvolvi a pesquisa, o esporte se constitui, também, como espaço de expressão, estética, relaxamento, entretenimento, enfim, de vivências, socialização, integração, formação de grupos, etc.

Também são bastante comuns afirmações relacionadas ao esporte de forma mais geral, tais como: “maior fenômeno sociocultural do século”, “meio de educação”, “meio de convivência humana”, “instrumento de paz” (tais como as concepções frequentemente veiculadas por organizações como a ONU e a UNESCO), “forma de evitar as drogas”, etc. Essas noções, na maioria das vezes, conduzem a uma compreensão do esporte voltada unicamente para os aspectos positivos, relacionando-o principalmente a um entendimento quase naturalizado culturalmente de que o esporte é, desde sempre, sinônimo de saúde, bem-estar, vida regrada e enquadrada nas normas sociais vigentes. Porém, ao abordá-lo e problematizá-lo, procurarei trazer evidências de que essa forma de prática corporal, na maioria das vezes, é contraditória em suas distintas formas de experimentação.

Os esportes, devido ao espaço adquirido nas mídias, com sua ampla circulação e divulgação, constituem uma importante instituição cultural dos séculos XX e XXI, e, exatamente por isso, pode-se dizer que eles exercitam uma pedagogia. Eles participam ativamente na produção de identidades culturais. Atingem um grande público e, apesar de estarem relacionados com a diversão, com o lazer, também demandam análises políticas e críticas. O esporte não é apenas uma forma de entretenimento: ele possibilita produzir identidades sexuais e de gênero culturalmente aceitas, mas também produz brechas por onde essas identidades “vazam”, são transgredidas, transformadas, modificadas, questionadas. Os esportes sugerem determinadas formas de ser, condutas humanas, comportamentos, identidades sociais que, de alguma forma, acabam interferindo em nossas vidas.

[...] o esporte é identificado como um elemento da cultura que, mesmo sendo considerado tão corriqueiro pelos habitantes de conglomerados urbanos – que os vêem acontecer todos os dias nas ruas, parques, etc. –, ao ser analisado a partir dos seus protagonistas e em situações particulares, pode mostrar-se bastante peculiar (STIGGER, 2007, p. 34).

Busquei, até este momento, expor o tema da pesquisa, as questões e objetivos principais e como se deu meu envolvimento e motivação para sua realização. Esse foi um movimento particular, mas necessário e importante para chegar à configuração da pesquisa na forma em que a apresento. Situar minimamente a modalidade que escolhi, ou que me escolheu, para trabalhar, dar

crédito e reconhecimento ao percurso histórico de minha formação, tornou-se para mim uma necessidade. Foi esse processo que me permitiu refletir, desta maneira e com estas nuances, sobre como ocorre a educação corporal de atletas da ginástica artística. Passo agora a escrever sobre o percurso da pesquisa, o caminho que percorri, o local em que estive, as pessoas que me acolheram.

2.2 MODOS DE VER, MODOS DE FAZER

Nossas interrogações e as pesquisas que elas instituem nos desafiam, do mesmo modo, a embarcar em viagens que podem nos colocar em contato com mundos e realidades que podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes, borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver (MEYER e SOARES, 2005, p. 31).

Minhas primeiras observações do treinamento esportivo na modalidade ginástica artística, conforme referi acima, aconteceram no ginásio Bugre Lucena da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tendo em vista que, pela UFRGS, treinava uma pequena equipe feminina de atletas, busquei o clube Grêmio Náutico União (GNU), onde treina um grupo maior de atletas da ginástica artística, composto também por equipes masculinas. Fiz esse deslocamento principalmente por este ser um grupo mais sólido e com possibilidades maiores de contar com atletas de ponta, pertencentes à seleção brasileira de ginástica artística.

No GNU, iniciei os contatos em novembro de 2007, quando finalizava a escrita do projeto¹³. Naquele momento, ter definido o local de realização da pesquisa e ter a aceitação do clube foi uma das preocupações. Esta seria minha primeira investigação envolvendo pessoas de “carne e osso”.

Nos três trabalhos¹⁴ de pesquisa que desenvolvi anteriormente, usei livros e textos de jornais como fonte de pesquisa.

¹³ Defendido no final de abril de 2008.

¹⁴ *A educação física escolar analisada a partir de três diferentes perspectivas.* (1997). Monografia PET. Análise de livros acadêmicos; *A pedagogia esportiva da mídia - uma análise a partir de textos de jornais.* (2000). Dissertação de Mestrado. Análise de textos de jornais. *Marcando, driblando, bloqueando, cortando... representações de professores/as de Educação Física na literatura infanto-juvenil.* (2002). Artigo. Análise de livros de literatura.

Durante o ano de 2008, acompanhei parte do trabalho de ginástica artística desenvolvido no GNU. Observei equipes femininas e masculinas de ginástica artística em seu local de treinamento e pude acompanhar duas competições esportivas. Entrevistei atletas, integrantes da equipe profissional do treinamento e das escolinhas e alguns familiares ou responsáveis por atletas menores de idade. Para enriquecer a discussão quanto à pluralidade presente nos esportes (já que um dos meus objetivos está direcionado para a necessidade de pensar a educação dos corpos em relação ao esporte de alto rendimento), observei também o trabalho de “base” que ocorre no clube, ou seja, os diferentes níveis de formação de atletas¹⁵ da ginástica artística, embora minha ênfase maior tenha sido nas equipes envolvidas diretamente com o alto rendimento.

Não pretendo aqui, ao contar como desenvolvi o trabalho de campo, reproduzir uma tradição moderna de pesquisa, ou seja, fazer um capítulo metodológico, um capítulo com o referencial teórico e outro com as análises. Corro o risco de assim fazê-lo, mas este não é meu objetivo, pois procuro, principalmente através da linguagem, não separar teoria de prática, trazer à tona tanto fragmentos do campo quanto passagens do referencial teórico com o qual estou operando.

Preocupações com a linguagem são centrais na perspectiva teórica em que estou implicada, no sentido de que a linguagem não descreve determinada realidade tal como ela é, mas, ao falar sobre ela, a produz de determinadas formas. Alfredo Veiga Neto (2002), tratando do conceito de paradigma e sua polissemia, diz: “não há como definir inteira, suficiente e definitivamente o significado de uma palavra, o que

¹⁵ Escrevi no momento do projeto: “Talvez “esportista” seja uma boa saída para me referir àquelas pessoas que praticam a ginástica artística, mas que não estão envolvidas diretamente com a equipe de ‘ponta’”. Agora opto por denominar de “iniciantes” os(as) integrantes das escolinhas que não treinam sistematicamente, pois é assim que são denominados(as) no ginásio, e de “atletas” aqueles(as) que dedicam horas semanais, menos aos domingos, feriados e períodos de férias, ao esporte. Nesse sentido, iniciantes são aqueles(as) que podem não almejar tornar-se atletas, os(as) que fazem o esporte por diversão, os(as) que estão naquele espaço simplesmente para ocupar seu tempo, seja porque querem praticar algum exercício, seja porque os pais precisam que fiquem em algum lugar naquele horário, os(as) que não apresentam as características físicas desejáveis para a modalidade, etc. Enfim, denomino “iniciantes” aqueles(as) que não estão inseridos(as) no momento de treino e sob a supervisão do técnico e da técnica em horários específicos (quase diários, em torno de quatro horas). Em outros momentos, dirigi-me a eles(as) como “alunos(as)”, mas entendo que essa expressão está demasiadamente marcada pelo espaço escolar. O clube normalmente insere o(a) aluno(a) na escolinha e, após “detectar o talento”, o(a) encaminha para as equipes de treinamento; outras vezes, atletas mencionam que fazem teste para ingressar direto nas equipes. Porém, o que gostaria de dizer é que, de certa forma, a escolinha já está direcionada para o alto rendimento, principalmente em relação a alunos(as) de escolas públicas que o clube conveniou com a prefeitura. Não existe interesse em manter na escolinha quem não paga, a não ser que desenvolva potencial e entre para as equipes.

nos resta é falarmos, e falarmos, e falarmos sobre as palavras, isso é, discursarmos sobre nossos próprios discursos” (VEIGA NETO, 2002, p. 38).

É compreendendo a linguagem dessa forma que procuro contar como procedi em minhas idas a campo. Tomo meu olhar, meus escritos no diário de campo, as questões feitas nas entrevistas, assim como as práticas, as respostas dadas, a experiência observada, como parte de uma rede discursiva constituída por discursos que nos fazem pensar de determinadas formas e não de outras.

Não estamos falando sobre ‘coisas’ que já estariam simplesmente aí, à espera daquilo que temos a dizer sobre elas. O que estamos fazendo é entrando numa rede discursiva precedente que, antes, já as havia colocado no mundo na medida em que havia atribuído determinados sentidos a ela (ibidem, p.43).

Não ter pretensões generalizantes, imergir no grupo a ser investigado, efetuar uma descrição densa, não ficar na mera descrição, realizar observação direta, etc. são alguns cuidados que tive e que podem ser encontrados em vários autores que trabalham nessa direção (FONSECA, 1999; SANTOS, 2005; STIGGER, 2007; MOLINA NETO, 2004; VÍCTORA et al, 2000). Observações e entrevistas foram os instrumentos que utilizei, não para *coletar* dados, mas para *produzir* dados e, assim, poder efetuar as análises.

Quando defendo *produção* de dados e não *coleta* de dados por meio das observações e das entrevistas semiestruturadas, estou em sintonia com as abordagens que defendem a linguagem não apenas como constituída pelos discursos, mas ela própria como constituidora de discursos, conforme vinha falando. Não creio que exista um olhar que esteja livre de compreensões prévias. Aquilo que escrevi no diário de campo não é um relato “fiel” e mais “verdadeiro” de uma única realidade, mas está sempre implicado no que eu mesma consigo, naquele momento, ver; no que minhas “lentes” me permitem enxergar e nas descrições igualmente atravessadas pelos diversos discursos que me interpelaram de diferentes maneiras em diferentes épocas. Por isso, tanto as entrevistas quanto os escritos do diário de campo foram vistos como discursos, como “monumentos” (no sentido foucaultiano do termo), no entendimento de que:

[...] discursos, por uma parte, e ações, por outra, não são realidades que se opõem, nem que uma opera distorcendo a outra: seriam antes formas diferentes [...] de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através da especificidade de cada situação concreta (MAGNANI, 1998, p. 196-197).

As abordagens pós-estruturalistas de pesquisa enfatizam que aquilo que nós mesmos produzimos e dizemos também seja olhado como discurso, e não somente aquilo que é dito pelo outro. Ainda, aquilo que dizemos ou que é dito sobre as coisas não apenas “relata” algo, mas o produz de determinadas formas, justamente por compreender que a linguagem constitui as coisas. Nas palavras de Foucault:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato ou de confronto entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar por meio de exemplos precisos que, analisando os próprios discursos, vemos desaparecerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas e destacar-se um conjunto de regras próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 1996, p. 56).

Nos discursos, fazem-se presentes diferentes vozes, com diferentes poderes de enunciação. Elas colocam em ação disputas e hierarquias pela imposição de verdades, que também são sempre provisórias e parte de contextos bastante específicos.

Partindo deste pressuposto teórico amplo e, ao mesmo tempo, central, optei por organizar esta parte do texto em três tópicos, procurando enfatizar particularidades da prática de pesquisa, sem deixar de retomar constantemente o tema da educação corporal de atletas: 1) Início problematizando um pouco mais como procedi nas observações, nas entrevistas e na busca de documentos 2) Depois, descrevo o local em que me inseri para constituir o *corpus* da pesquisa, enfatizando o lugar ocupado pela ginástica artística neste local; 3) Por fim, falo dos participantes da pesquisa e de suas práticas.

2.1 Momentos Ambíguos: satisfação, complicação, leveza, diversão...

Como em muitos lugares e espaços em que atuamos, participamos e estamos, as coisas não acontecem de forma linear. Às vezes, a “atmosfera” está muito boa, sentimo-nos à vontade, com desejo e prazer de estar ali; porém, outras vezes, as coisas se complicam, não entendemos bem o que está acontecendo, angustiamo-nos, enfim, não passamos bem. Foi esse sentimento de altos e baixos – de bem-estar e mal-estar, de estar contribuindo e atrapalhando, de estar invisível e evidenciada – que experienciei no período em que estive no campo. Mesmo que tentasse fugir desses pares binários para contar esta história (prática de pesquisa), não posso descrevê-los de outra forma, por isso utilizo “e” ao invés de “ou” para expressar que, muitas vezes, em curtos espaços de tempo, o estar no campo foi vivenciado por mim de formas ambíguas. Estar no ginásio de ginástica artística para observar o treinamento de atletas foi muito parecido com estar em outros espaços de educação. Às vezes, por exemplo, a aula, a orientação, o filme, etc. fluem, acontecem; às vezes, ocorrem risos; outras vezes, parece que tudo fica muito enleado, que as coisas não andam. Elogios, risos, leveza, diversão, fazem-se presentes junto com xingamentos, críticas, tensões.

Cheguei ao clube depois de alguns contatos por telefone e por *e-mail*. Minhas expectativas eram diversas, e meu principal objetivo era estabelecer um contato de forma a não constranger as pessoas. Santos (2005) escreve sobre etnografia a partir de sua estada em uma sala de aula de ciências de um curso supletivo para trabalhadores metalúrgicos de Porto Alegre. Em relação ao “estar lá”, ele faz as seguintes afirmações:

São, enfim, muitas as possibilidades de ter estado lá. Possibilidades essas que variam em intensidade, em risco, em capacidade de se “miscigenar”, de se misturar com hábitos, valores, crenças, modos de ver, enfim, de tornar-se mais um(a) daquele lugar (de ser menos estrangeiro(a)). Efetivamente, esta é uma das tentativas do(a) etnógrafo(a). É também por esta experiência que ele(a) é autorizado a falar (SANTOS, 2005, p. 11).

Em relação a isso, ele acrescenta: “minha estada lá dependia da capacidade de me deixar habitar pelos fluxos, pelo que circulava, e também de suportar ser observado como ‘novo no pedaço’” (Ibidem, p. 13). Nesse texto, o autor fala do

percurso de um(a) pesquisador(a) etnógrafo(a) usando a metáfora *etnógrafo-viajante*. Suportar ser observada e ter capacidade de me miscigenar foram dois desafios que enfrentei.

Nas primeiras estadas, aprendi como o ritual de tirar os sapatos¹⁶ no *hall* de entrada, antes de entrar no ginásio, separa, delimita, baliza o estar do lado de lá e do lado de cá. Além disso, existe outro ritual bastante presente para os integrantes do grupo: quando alguém chega ou sai do ginásio, passando pela escada que leva ao *hall*, cumprimenta ou se despede. Os cumprimentos são mais marcantes, visto que, na maioria das vezes, a pessoa que entra no ginásio dirige-se a algumas outras, quase sempre integrantes da equipe técnica ou colegas de grupo, e as beija, abraça ou dá um aperto de mão. Na saída do ginásio, também ocorrem beijos, abraços e apertos de mãos, mas algumas vezes a despedida é feita em voz alta. Para mim, tanto o ritual de tirar o calçado quanto o de cumprimentar e despedir-se com beijos, abraços, apertos de mãos ou em voz alta dão visibilidade aos presentes e a quem se ausenta do ginásio. Em relação a miscigenar-me também ser um dos desafios, isso se deve ao exercício constante de enxergar o esporte de alto rendimento, atletas e técnicos(as) diferentemente de representações que me constituíram em outros momentos, sustentadas em outras concepções, além da necessidade de perda de timidez e capacidade de iniciar conversas, contatos.

Após os primeiros contatos, feitos em novembro de 2007¹⁷, o técnico da equipe principal masculina de ginástica artística do clube colocou-me em contato com o consultor esportivo. Liguei para marcar o encontro e, alguns dias depois, fui recebida novamente no clube. Fui até o ginásio de ginástica artística, assisti um pouco ao treino, conversei com uma integrante da equipe técnica e, logo em seguida, o técnico se aproximou e se dispôs a ir comigo até o setor administrativo do clube. O setor estava organizado em uma sala coletiva, com várias mesas e vários profissionais atuando, de modo semelhante ao departamento de qualquer empresa. O consultor esportivo cumprimentou-nos, chamou-nos para sentar e foi providenciando as cadeiras. Falei um pouco de minhas intenções e logo fui entregando a documentação¹⁸. O consultor pôs-se a ler e em seguida colocou-se

¹⁶ Embora tirar os sapatos seja uma necessidade relacionada à fragilidade e à preservação de aparelhos (solo, trave, mesa de salto, etc.) e acessórios (colchões, trampolins, *plintos*, *tumble track*, etc.) da ginástica artística.

¹⁷ Viabilizados pelo professor Stigger e pelo técnico de ginástica da UFRGS.

¹⁸ Ver anexo I.

totalmente à disposição para acolher a mim e à pesquisa. Em voz alta, solicitou a um funcionário que providenciasse uma carteirinha para minha entrada no clube, enfatizou que fosse um livre trânsito e que eu pudesse entrar no momento em que precisasse. A carteirinha foi entregue de imediato, e nela, entre outros dados, estava escrito “GA (Ginástica Artística) liberada todos os horários, inclusive finais de semana”.

Em março de 2008, dei início às observações e, em setembro do mesmo ano, iniciei as entrevistas. Optei por primeiro observar e depois entrevistar, conforme argumento a seguir. Desde os primeiros contatos, o GNU mostrou-se interessado e aberto para que ali eu pudesse desenvolver a pesquisa. Ao mesmo tempo em que o acolhimento do clube gerou segurança, certo conforto por ter um local para investigar, gerou também preocupação em relação a como produzir um tipo de conhecimento, de verdade, de forma ética e politicamente apropriada. Assumi o compromisso de manter o anonimato das pessoas com quem trabalhei¹⁹, embora compreenda que, para aqueles(as) envolvidos(as) nesse meio e nesse local, as pessoas possam ser facilmente identificadas. Preocupações em relação ao tipo de informação que trouxe sobre as pessoas para o trabalho e se essas informações acarretariam algum tipo de prejuízo para elas estiveram presentes no cuidado que tive ao recortar trechos do diário de campo e das entrevistas para serem analisados.

A ginástica artística constitui-se em um universo restrito; sendo assim, não faria sentido assumir compromisso de anonimato com o clube, pois, por exemplo, ao falar de atletas que iniciaram sua carreira ou treinam no clube, sua identidade logo seria identificada. Além disso, a manifestação de sua identidade proporcionou-me o apoio²⁰ necessário para conduzir a pesquisa da forma que desenvolvi. Esta foi uma das razões pelas quais decidi manter o nome do clube. Compreendo que não existe neutralidade na pesquisa e que aquilo que produzimos são verdades deste mundo, produzidas num jogo de correlação de forças. O que desenvolvo é uma das possíveis leituras – ela participa da atribuição de sentidos, é histórica, provisória, datada, localizada. Quem narra exerce o poder sobre o que é narrado, mas quem narra também é narrado. “Os saberes são produzidos obedecendo a regimes de verdade que seguem regras específicas de acordo com a racionalidade de uma

¹⁹ Ver anexo II.

²⁰ Ver anexo III documentos de solicitação e de aceite para realização da pesquisa.

época. Estas racionalidades são radicalmente históricas e correspondem a interesses situados e datados” (COSTA, 2002, p. 153).

Nas primeiras vezes em que estive no clube, no final de 2007, procurei observar “livremente”, principalmente para fazer uma descrição do local de pesquisa. Fotografei os aparelhos de ginástica artística e o ginásio, buscando familiaridade, para depois, aos poucos, realizar o estranhamento.

Dúvidas, preocupações, cuidados, questionamentos, acompanharam-me durante o período de observação. Será que devo fotografar? Devo ficar quieta? Devo comentar? Deveria ou não ter dito algo, manifestado minha opinião? Onde vou sentar? O local onde me posicionar no ginásio foi um dos cuidados que precisei ter. O trânsito dentro daquele espaço é bastante “pesado”, pois quase todos os lugares são ocupados por aparelhos, atletas treinando, equipe orientando; assim, cuidar para não ser “atropelada”, não “atropelar”, não atrapalhar, principalmente o salto, tornou-se rotina. Aos poucos, fui escolhendo alguns lugares para ficar, e foram poucas as vezes em que consegui participar nas observações²¹. Atribuo isso não somente a características pessoais minhas como pesquisadora, mas também a características como exatidão, previsibilidade, controle, organização e definição de tarefas com que a prática acontece naquele local. Foi também a inevitável visibilidade de qualquer pessoa no ginásio e a vontade de não ser alguém no espaço que julga, controla, cria inibições, que me levaram a tomar a decisão de não fazer anotações durante os períodos de observação. Logo no início, decidi não usar caderno, não fazer anotações, não escrever durante as observações.

Fui ao ginásio no período da tarde, em horários diferentes. Algumas vezes, observava o início do treino; outras, o meio; e outras ainda, o final. Minhas observações duraram de 30 a 120 minutos. Não fiquei no ginásio tempo inferior a este, e foram poucas as ocasiões em que estive lá por mais de duas horas. Normalmente, isso se deu duas vezes por semana – algumas terças e quintas, poucas sextas; na maioria das vezes, nas segundas e quartas-feiras.

²¹ Um momento marcante foi quando uma atleta solicitou que eu segurasse suas pernas em um exercício (prancha) e que controlasse o tempo da execução no cronômetro. Nesse dia, senti-me muito bem, inserida. A maioria de minhas participações junto ao grupo, durante as observações, deu-se apenas em conversas (discussões de assuntos referentes à ginástica artística presentes na mídia, “achados” da pesquisa), principalmente com a equipe técnica.

Apesar da orientação que tinha de escrever o diário de campo logo após a observação, inclusive usando gravador, se fosse o caso, poucas vezes procedi dessa forma já na saída do campo. Ficava algum tempo sem escrever, conversava com algumas pessoas sobre o que havia visto e somente depois escrevia o diário. Organização, tempo, vontade de digerir melhor a observação, são alguns dos motivos que identifiquei para ter agido dessa forma.

Organizei um resumo na forma de tabelas, onde fui colocando anotações sobre os diários de campo e as entrevistas. Em relação aos diários, anotava seu número, a data da observação, como havia feito o deslocamento até o clube, a duração da observação, o tempo de escrita do diário e um resumo de tópicos importantes observados no dia. Quanto às entrevistas, procurava anotar na tabela a idade do(a) atleta, o tempo de treino e desde quando se envolveu com o treinamento, além de: se recebia ou não bolsa de estudo ou auxílio do clube, a profissão dos pais e/ou responsáveis, se fizera viagens importantes para competir, a forma como se envolveu com o treinamento e expressões significativas de suas falas²².

Ao inserir-me no grupo para pesquisar o processo de educação corporal de atletas que estavam em treinamento, meu objetivo não foi encontrar regras universais para compreender todos os corpos, todos(as) os(as) atletas, mas identificar alguns dos discursos que constituem esses sujeitos. Minha estada no ginásio para observar representou um momento de convivência; de conhecer as pessoas que ali estavam diariamente; de conhecer um pouco suas histórias, os diferentes tempos em que frequentam o ginásio de ginástica; de reconhecer diferentes experiências, seja de atletas, de integrantes da equipe de treinamento ou de familiares e responsáveis.

[...] a observação participante consiste – em linhas gerais – na vivência do investigador, por um longo período, no contexto que pretende investigar; é nessa experiência que ele – um estrangeiro no universo cultural em que está agora envolvido – estará em contato com modos de vida nos quais estão presentes diferentes sistemas de significações [...] (STIGGER, 2007, p. 39).

²² No anexo IV, há um exemplo das tabelas que organizei.

Stigger, nesse texto, conta como procedeu para desenvolver um trabalho etnográfico com três grupos de praticantes de esportes em espaços públicos na cidade do Porto em Portugal. Seu objetivo foi “compreender o esporte em algumas das suas expressões particulares, identificando-o como um elemento da cultura que é apropriado por diversas pessoas, as quais, no seu dia-a-dia, o inserem no seu modo de vida” (Ibidem, p. 37). O autor argumenta que é mais produtivo que as entrevistas sejam realizadas após a observação. Nas palavras do autor: “com o passar do tempo, fui desenvolvendo relações mais estreitas com o grupo e com cada um dos seus participantes em particular, o que criou as condições para – de uma forma mais aprofundada – ter acesso às informações que eles viriam a oferecer-me” (Ibidem, p. 40). Da mesma forma, para mim ficou mais fácil definir quem entrevistar, o conteúdo das entrevistas e a quantidade de pessoas a entrevistar após ter realizado algumas observações.

A maioria das entrevistas foi realizada durante as sessões de treinamento no ginásio, e algumas foram feitas em outras dependências do clube. Quando entrevistei atletas que aguardavam para ir embora, sentei em bancos próximos às piscinas, em mesas na entrada do clube ou ao lado da quadra esportiva, onde eles costumam jogar futebol até a hora de sair. Fazer as entrevistas em espaços abertos, onde transitam pessoas e com barulho, dificultou um pouco sua realização, mas tive dificuldades de criar outro espaço para entrevistar a não ser esses. Teve momentos, quando entrevistava técnicos ou atletas com maior destaque, em que aos poucos algumas pessoas se aproximavam.

Logo que comecei as entrevistas, senti-me mais próxima dos(as) atletas – ocorreu uma aproximação tanto deles(as) de mim, quanto minha deles(as). Os sorrisos, os cumprimentos, as conversas, tornaram-se mais intensos. Segui, outra vez, a orientação de Stigger de iniciar por aqueles que não fossem tão significativos para a pesquisa e deixar para o final quem mais me interessasse ouvir. Apesar de estar atenta a isso, solicitei autorização da equipe técnica para realizar as entrevistas e não tinha total liberdade para assim proceder; precisava ir entrevistando conforme as oportunidades iam sendo criadas.

Não segui uma ordem de entrevistar antes um grupo e depois outro, fui marcando, pré-agendando as entrevistas de acordo com os horários dos(as) atletas, muitos(as) deles(as) entrevistados(as) no momento final do treino, quando

esperavam a “Kombi” para ir para casa. Algumas vezes, fui para entrevistar, mas ninguém estava disponível, pois estavam em treino; em outra ocasião, agendei e, quando cheguei, as atletas já haviam sido liberadas; em ainda outro momento, os atletas estavam nas piscinas e obviamente não iriam abrir mão da diversão e do lazer naquele instante. Procurei não deixar de fora aqueles(as) de quem, de alguma forma, me aproximei ou que pertenciam a um grupo, pois percebi que a maioria fazia questão de ser entrevistada. Dar entrevista faz parte do universo esportivo, principalmente quando a mídia evidencia atletas bem-sucedidos(as) economicamente e com fama.

Quando comecei a entrevistar integrantes da equipe técnica, um atleta me perguntou: “mas tu vais falar com eles também?”. Senti, a partir desse momento, um novo distanciamento entre mim e o grupo de atletas. Considerava isso como fato dado, escrito no termo de consentimento que cada participante assinava antes das entrevistas ou levava para casa para ser assinado por responsáveis ou familiares. Uma das perguntas que fiz para o grupo de atletas foi: “você já chorou no treino?”. A resposta dada, além de referir a dor sentida ao realizar de forma incorreta algum exercício, na maioria das vezes, fazia referência também aos xingamentos da equipe durante as sessões de treinamento por não ter conseguido realizar determinados movimentos, pela pressão sofrida no treino. Atribuo também a isso o fato de ter ocorrido o novo distanciamento.

Aqui novamente evidenciam-se os desafios e os conflitos éticos com que nos defrontamos no percurso de pesquisa. Ao falar com diferentes sujeitos, com diferentes forças e poder de atribuição de sentidos, com diferentes compreensões, deparei-me com o temor que os atletas sentiam de que suas respostas fossem conhecidas por integrantes da equipe técnica. Trabalhar com três grupos diferentes – atletas, equipe e familiares (responsáveis) –, buscando refletir sobre a educação corporal de atletas, ao mesmo tempo em que permitiu enriquecer a pesquisa, tornou-se também mais complexo do que trabalhar com apenas um desses grupos.

Ainda em relação às entrevistas, estas foram feitas na forma semiestruturada²³. Fui perguntando o que era pertinente em relação ao objeto de estudo e, igualmente, ia formulando novas questões conforme a conversa acontecia. Gravei aproximadamente 15 horas e transcrevi, com mais cuidado, trechos que me

²³ O roteiro encontra-se no anexo V.

interessavam discutir. Como atletas falavam muito com gestos e expressões corporais, fazendo sinais com seus corpos, após realizar as primeiras entrevistas, cogitei a possibilidade de fazer filmagens, mas essa ideia não vingou e foi logo desestimulada pela coordenadora da equipe, que argumentou contrariamente devido à exposição maior dos entrevistados e à sua inibição ou timidez. Nesse processo de estar no campo, pude observar e escrever 52 diários e realizar 36 entrevistas com atletas, equipes de treinamento e familiares ou responsáveis por atletas menores de idade.

No clube, participei da 13ª Copa Escolar e Campeonato Gaúcho, que teve participação de 713 crianças e jovens de todo o Estado do Rio Grande do Sul, e de um evento interno em comemoração ao dia das mães (aula de matroginástica). Durante o ano, acompanhei pela televisão algumas competições e reportagens referentes à modalidade, principalmente as Olimpíadas de Pequim²⁴. Nos *sites* do clube e da Confederação Brasileira de Ginástica, acompanhei os eventos que aconteceram em 2008 e seus resultados. Buscava estar informada sobre resultados de competições das quais atletas do clube participavam. Quando chegava ao ginásio, alguns comentários giravam em torno disso. Os dados que interessavam em relação a esses eventos foram colados em alguns diários de campo.

Além desses dois *sites*, que visitei mais frequentemente, acessei também o da Federação Rio-grandense de Ginástica, o de Mosiah Rodrigues, principal atleta da equipe masculina do clube, bem como o de Daiane dos Santos, o de Jade Barbosa, etc. Neles fui acompanhando notícias da ginástica, lendo *blogs* e participando, de alguma forma, de discussões amplamente mostradas pela mídia durante 2008, como o caso da lesão de Jade e as denúncias feitas por ela, Daiane e Laís Souza à Confederação Brasileira de Ginástica. Também visitei alguns locais aleatórios aos quais o Google me remetia quando buscava algum tipo de informação.

O envolvimento que tive com a pesquisa, além das estadas no ginásio para observar, entrevistar, participar de eventos e pesquisar na internet, também esteve relacionado com a preparação para ir ao clube, à ida e à volta do campo, ao tempo despendido para escrever os diários, ouvir e transcrever parte das entrevistas. A saída do campo representou também um misto de sentimentos ambíguos, da

²⁴ Realizada de 08 a 24 de agosto de 2008.

mesma forma que a chegada – de vontade de continuar observando, sempre com a sensação de que o tempo tinha sido insuficiente e também da vontade de terminar. A saída do campo coincidiu com minha leitura do trabalho de Wacquant (2002), realizado com um grupo de boxeadores norte-americanos. Foi impactante ver que ele havia escrito 1.300 páginas de diário e permanecido três anos em campo, além de ele próprio ter se tornado um lutador de boxe.

2.2.2 Estar lá: o clube e o ginásio de ginástica

O clube foi assim definido por Marta Medeiros, escritora, colunista do jornal *Zero Hora*:

Se eu tivesse que resumir o clube em uma única palavra, creio que seria amplitude. Nada é econômico, tudo é generoso. Não há um parquinho, uma piscininha, um salãozinho de festas, um restaurantezinho. Não é a miniatura de um centro recreativo: o União é um mundo. Um grande empreendimento voltado para o esporte e lazer, que respeita o espaço destinado a cada atividade e que permite a seus associados uma convivência de braços abertos, não de aperto e disputa de lugar. Para o clube, bem-estar é mais que um conceito, é uma prática diária. Em cada centímetro quadrado, nota-se o capricho. O União parece que foi inaugurado ontem, tem cara de novo, e ao completar 100 anos, nos inspira através de sua gestão a gerir nossas próprias vidas com a mesma alegria, beleza, amor, à natureza e ao esporte, sem esquecer jamais que um espaço para convivência e lazer é requisito básico para uma vida equilibrada (MEDEIROS, 2007, s.p.).

O trecho citado compõe um dos primeiros textos introdutórios do livro que comemorou o centenário do clube. Certamente, aquilo que está dito, resguardando sua possível encomenda para comemoração de uma data importante, é passível de análises críticas. O que chamou minha atenção nesse trecho, além de referir a amplitude do clube e de estar vivenciando o clube em uma de suas sedes, foi a parte em que a autora afirma que ele “nos inspira através de sua gestão a gerir nossas próprias vidas”. Entendo que isso faz parte de um modo de constituição do sujeito, próprio da sociedade em que estamos vivendo – sujeito autônomo, independente, empreendedor de si mesmo, o que procuro aprofundar adiante. O fato de o clube ter “cara de novo” lembra a forma de ser atleta, uma ênfase positiva na

juventude, que também se coloca como requisito na constituição deste sujeito, além de apresentar uma determinada concepção de estilo de vida, lazer, esporte e bem-estar própria de uma determinada classe social²⁵.

A ênfase no tamanho do clube, na amplitude de suas dependências, também é encontrada na composição de itens inseridos na página da internet para sua divulgação e apresentação: mais de 9.884 m² de área construída, 2.000 m² de piscinas em áreas abertas, mais de 3.000 m² de área verde. O clube possui complexo aquático cercado por modernos vestiários e composto por quatro piscinas térmicas e cobertas (semiolímpica, multiuso, hidromassagem e El Caminito) e três piscinas externas (bolha, infantil e piscina infantil olímpica). A frequência média neste complexo é de 42 mil pessoas/mês. Possui, ainda, uma piscina térmica descoberta que apresenta um sistema de aquecimento e permanece no inverno e verão com temperatura ideal para treinamento dos atletas (27°C). Trabalham no clube 80 funcionários para atendimentos gerais e 120 profissionais e Instrutores Esportivos. Na sede, existem também outros espaços: sala para judô, pousada para visitantes, centro de treinamento de Ginástica Artística, salas de musculação para sócios e atletas, vestiários e banheiros para atletas, sala de ginástica aeróbica, central de atendimento, quadras poliesportivas externas, ginásio para treinamento e ginásio dos esportes, pista de minigolfe, cancha de bocha, pista de caminhada, Recanto Oriental, Ponto da Bolha, churrasqueira coletiva, estacionamento. Para as crianças, há o União Criança (projeto que integra atividades pedagógicas da pré-escola com práticas desportivas), com frequência anual de 180 crianças na faixa etária de um a seis anos; a Casa do Passatempo (espaço mágico que proporciona às crianças muitas atrações); o Projeto Despertar (com objetivo de incentivar o interesse da criança pelo esporte); o Mini-mundo-união; o Recanto da Sabedoria (espaço com biblioteca, sala de estar, sala de trabalho e acesso à internet)²⁶. Desde o final de 2008, a sede do clube encontra-se em reforma, sofre nova ampliação, criando novos espaços e suprimindo outros, mas sempre com o objetivo de melhorar sua infraestrutura.

²⁵ Atualmente o título de associação ao clube custa em torno de R\$ 5.840,00. Para frequentar as aulas da escolinha de ginástica artística, os(as) alunos(as) pagam de R\$ 37,00 a R\$ 95,00, dependendo do número de vezes que frequentam as aulas, se são ou não sócios(as) e se participam ou não do União Criança (projeto que mescla educação infantil com vivência em diversas modalidades esportivas).

²⁶ <http://www.gnu.com.br/>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

Em suas origens, o primeiro nome do clube era Ruderverein Freundschaft – escrito em alemão, portanto, mostrando sua descendência teuto. Em 1917, sob influência das guerras mundiais, o nome foi alterado para Grêmio Náutico União. Quando o clube iniciou, funcionava em um pavilhão junto ao Guaíba. Hoje, no entanto, ele é composto por três sedes, que foram construídas em diferentes momentos: sede do Bairro Moinhos de Vento, da Ilha do Pavão e do Bairro Alto Petrópolis. A mais antiga delas é a do Moinhos de Vento (data de 1940), onde ocorre o treinamento de ginástica artística. O nome da sede deve-se ao fato de ela estar localizada no Bairro Moinhos de Vento. Cada uma das sedes tem como referência um esporte: Moinhos de Vento – natação; Ilha do Pavão – remo; e Alto Petrópolis – tênis. Contudo, a diversidade de modalidades esportivas existentes no clube, nos mais diferentes momentos de sua história, é bastante vasta: atletismo, esgrima, boxe, vela, vôlei, basquete, polo aquático, saltos ornamentais, tiro ao alvo, ciclismo, patinação, *paddle*, etc.

No clube, além dos esportes, ocorrem também diversas atividades sociais, tais como: baile de *réveillon*, baile de carnaval, concurso de beleza (rainha das piscinas), baile de debutantes, festa junina, luau, etc.

Sant’anna (2000), ao se referir às cidades e aos espaços para exercitar o corpo, diz que os espaços urbanos estão cada vez menos solidários com os pedestres e mais receptivos aos automóveis. No texto em que, entre outras coisas, discute “as relações entre descoberta do corpo e as possibilidades de novos riscos para a saúde”, ela fala sobre os processos de “artificialização da natureza”, afirmando que os clubes e outros locais fechados e privados tendem a cumprir este papel: “no lugar de lagos e rios, piscinas e cascatas artificiais, no lugar de florestas, áreas verdes” (Ibidem, p. 56). As famílias urbanas têm buscado essa forma de contato com a natureza e com os esportes. O GNU pode, assim, ser descrito e caracterizado como espaço de artificialização da natureza – e não é por acaso que algumas de suas piscinas são denominadas de “piscinas-lago”.

Ao me informar sobre sua história²⁷, e no próprio ato de descrever esse clube, percebo sua grandeza e importância para o desenvolvimento e implementação de vários esportes no Rio Grande do Sul e no Brasil. O clube é referência nacional e internacional em diversas modalidades. Sua criação data de 1906 – período também de criação das ligas e federações esportivas e dos dois maiores clubes de futebol do Estado (Grêmio, em 1903, e Internacional, em 1909). O GNU é reconhecido no mundo esportivo como um dos maiores clubes do Brasil; também por isso, sediou inúmeros campeonatos esportivos e, desde 1960, envia atletas para as Olimpíadas.

O GNU completou 100 anos de existência em 2006, e é recorrente a história de ter surgido a partir da prática do remo por alguns garotos (“seis guris”) que transitavam nas margens do Guaíba. O remo, então, foi o esporte do qual se originou o clube. Isso é de tal forma marcante que a própria logomarca do clube tem relação com esta modalidade. Além do remo (esporte náutico), outros esportes aquáticos também tiveram grande importância para o clube, entre eles, a natação, o polo aquático e os saltos ornamentais. Atualmente, no GNU, a ginástica artística é o terceiro esporte em ordem de prioridades do clube: em primeiro lugar, está o remo (único esporte considerado estatutário, ou seja, todas as outras modalidades de esportes podem aparecer e desaparecer institucionalmente; contudo, se o remo acabar, o mesmo ocorre com o clube); em segundo, a natação; em terceiro, a ginástica artística. “A Ginástica Artística começou a ser praticada no GNU em 1957; no ano seguinte, o clube já participava de competições. Desde então, dezenas de títulos foram conquistados” (GRÊMIO NÁUTICO, s/p, 2008).

Ainda em relação à ginástica, a mais recente evidência de sua projeção nacional, bem como da projeção do próprio clube, foi o fato de a atleta Daiane dos Santos ter iniciado sua profissionalização no GNU. Hoje, o atleta de alto rendimento desta modalidade é Mosiah Rodrigues, também projetado em nível internacional, que participou das Olimpíadas de 2004 na Grécia, foi medalha de ouro na barra fixa no pan-americano de 2007 e no ano de 2008; enquanto estive observando, Mosiah participou de uma etapa da copa do mundo de ginástica em Marobor, na Eslovênia, na Escócia, Suíça e Alemanha. Da equipe feminina, a atleta que também participou

²⁷ Não se trata de escrever mais uma história do clube, mas apenas retomar algumas informações que penso serem importantes para a pesquisa e principalmente para caracterizar o espaço em que me inseri – papel fundamental para a etnografia. Além do livro *Grêmio Náutico União - Centenariamente Jovem*, vários outros, editados em 1956, 1981, 1996, 2001 e 2004, tratam de sua história. Existe também, em uma das sedes, um museu.

de eventos nacionais e internacionais e que esteve treinando em Curitiba junto à seleção brasileira é Juliana Chaves Santos; ela retomou seus treinos no ginásio do clube quando eu já estava encerrando o trabalho de campo.

Enfim, falamos aqui de um grande clube social e esportivo da cidade de Porto Alegre que promoveu e continua promovendo diversas modalidades esportivas direcionadas à competição em nível regional, nacional e internacional. Trata-se de um clube particular mantido por seus sócios – hoje, em número de aproximadamente 60.000. Em diferentes momentos de sua existência, contou também com investimentos públicos, como, por exemplo, aqueles ligados à reconstrução de espaços danificados pela enchente na cidade (outubro de 1936), ao incêndio de uma das instalações (1978) e à doação de um terreno da sede da Ilha (1950).

O espaço caracteriza-se por ser frequentado por uma parcela da população de Porto Alegre com condições socioeconômicas bastante favoráveis. Isso não significa que atletas, em sua totalidade, compartilhem de tal condição. Vários(as) atletas que observei e entrevistei moram em bairros considerados periféricos e enfrentam dificuldades e problemas sociais, como de moradia, alimentação, locomoção, vestimenta, etc. Eles(as) vivenciam e transitam, no mesmo dia, por mundos variados, como é o exemplo de um atleta de 11 anos que mora no Bairro Cohab, estuda no Bairro Nonoai e, durante as tardes, treina na sede do clube no Bairro Moinhos de Vento.

A mesma criança ou jovem que depende do transporte do clube para poder frequentar os treinos tem oportunidade de viajar de avião e hospedar-se em hotéis, vivenciando realidades distintas nesse processo de ser, tornar-se atleta. Que efeitos isso produz na vida de crianças e jovens? Em quantos mundos uma criança vive ao mesmo tempo? O bairro, o clube, o ginásio, a convivência com integrantes das equipes de classes sociais distintas, a escola, a família, etc. – efeitos importantes do esporte, principalmente na medida em que são apresentados a estas crianças e jovens caminhos possíveis ou não de percorrer, que podem ou não dar certo.

A partir de agora, procuro deter-me mais na descrição do ginásio de ginástica, local onde passei a maior parte do tempo. Busco ensaiar algumas análises em relação ao visto, lido ou dito e, para isso, inicio com a transcrição de um trecho do diário de campo escrito depois de minha primeira estada no clube. Em seguida,

descrevo o percurso de chegada ao ginásio e o próprio ginásio. Destaco, ainda, que a forma como descrevo tudo isso hoje não foi a que pude fazer no início da pesquisa e não seria a mesma descrição se continuasse frequentando o espaço. Muito do que descrevo fui percebendo aos poucos, conforme fui frequentando o local.

Quando cheguei ao clube pela primeira vez, já havia anoitecido. Havia um agendamento previamente marcado e apenas a informação de que um dos horários de treino acontece entre o final da tarde e o início da noite. O anoitecer, contudo, não escureceu a grandiosidade do prédio iluminado que se colocava à minha frente. A iluminação ofuscante dos automóveis que subiam a avenida em velocidade deixava minha visão confusa – aliás, era assim que me sentia: um misto de ansiedade, de confusão, de dúvida, de constrangimento, aliado a alegria, satisfação e entusiasmo por ter chegado àquele local. Desembarquei no outro lado da rua, um pouco preocupada em esperar que o fluxo de carros permitisse uma brecha para que pudesse atravessar (não me dei conta de que, alguns passos acima, havia uma sinaleira de pedestre, bem em frente à entrada do clube, para facilitar o acesso; atribuo isso à ansiedade de uma pesquisadora que chega pela primeira vez em seu possível local de campo e, ao mesmo tempo, “convocada” a olhar para o alto, na tentativa de decifrar o símbolo presente no meio do prédio esportivo. Não foi difícil de ver que este símbolo é composto por dois remos colocados em forma de um X (ou cruzada). Na parte superior do X, está escrito o ano de fundação do clube (1906), na inferior, simplesmente a palavra “União” e, nas laterais do X, estão as letras G à esquerda e N à direita. Os remos e a palavra “Náutico” estão associados à história do clube, à modalidade do remo, seu esporte originário. “Centenariamente Jovem” é a frase escrita logo abaixo desse símbolo em letras enormes, ocupando quase toda a parede, possivelmente escrita em 2006, quando o clube completou 100 anos de história.

Piscinas, saunas, salas de ginástica (de academia), caixas eletrônicas de bancos, quadras esportivas, lojinha de roupas e acessórios esportivos, são alguns dos ambientes e equipamentos que se podem ver durante o percurso realizado para chegar ao ginásio, caminho percorrido durante todas as observações. Após atravessar a porta giratória²⁸ de metal que controla a entrada e saída de pessoas do clube – feita por impressões digitais, por cartão ou, no meu caso, pela apresentação de uma carteirinha, etc. –, numa portaria onde estão porteiros(as) com uniformes do clube, segue-se em frente, dobra-se à esquerda, sobe-se uma escada, e no alto está a primeira parada obrigatória para quem chega pela primeira vez neste espaço. Do alto, através de uma janela de vidro, é possível “contemplar” os(as) atletas em

²⁸ Ao lado esquerdo dessa porta giratória, ficam mais duas portas: uma “normal” (que é possível abrir e fechar com chaves), que me foi aberta várias vezes por eu estar de bicicleta, e outra da saída das pessoas do clube; esta, além do metal, possui lâminas transparentes, de plástico ou vidro.

treinamento. Essa janela permite que se veja, de um ângulo privilegiado, grande parte do que acontece no ginásio. Permite também que quem está no ginásio (em vários pontos) veja quem está olhando²⁹. Desse local, desce-se mais uma escada, também à esquerda, e, no final dela, há mais uma janela de vidro. Passa-se por um corredor muito estreito e dobra-se à direita, onde está localizada mais uma abertura na parede, dessa vez sem vidro. Até chegar ao ginásio, é possível ver três vezes o seu interior; ao mesmo tempo, também é possível ser visto o mesmo número de vezes. Chega-se à entrada do ginásio. Ao lado da porta da ginástica artística, está a porta de entrada para o ginásio do judô. Em frente à entrada, há um banco para sentar e uma abertura com a indicação de que o acesso é restrito a funcionários. Na parede da direita, estão localizados os banheiros.

Essa é uma possível descrição do percurso da portaria ao ginásio de ginástica, que fica em um lugar não muito privilegiado do clube, se comparado aos que ficam em frente e no alto de suas dependências e instalações. O ginásio fica nos fundos, em uma baixada, lembra um porão. De aberturas, possui apenas uma porta de entrada e outra que dá passagem aos alunos da escolinha de educação infantil aos demais espaços do clube. Sem janelas, a ventilação é feita com ventiladores colocados nas laterais das paredes. Abafamento e cheiro de magnésio são sensações possíveis. Por outro lado, o ginásio serve de ornamentação para os usuários do restaurante. Na parede da direita (de quem olha o ginásio do *hall*, em frente à porta de entrada), que faz divisão com o restaurante, há diversas janelas de vidro. Elas não abrem e são decoradas com troféus, permitindo que se vejam, se acompanhem, se contemplem do interior do restaurante os acontecimentos de ginástica artística.

O ginásio constitui-se em um pavilhão não muito amplo. Muitas vezes, os equipamentos precisam ser deslocados de um local para outro para poderem ser usados em treinamento devido à falta de espaço. Na entrada do ginásio, há uma área de espera (*hall*) com cadeiras, prateleiras para guardar calçados, armários para os pertences dos(as) atletas e da equipe técnica, uma mesa com computador, um telefone convencional e um banheiro. Logo na entrada deste espaço, há um mural

²⁹ Muitas vezes, quando estava em observação no ginásio, percebia que pessoas olhavam lá de cima – um ponto para ver que também serve de local para ser visto.

com fotos e reportagens (recortadas de jornais) relacionadas aos(às) atletas reconhecidos(as) no mundo da ginástica artística que passaram pelo clube, especialmente de Daiane dos Santos, de Mosiah Rodrigues e Michael Conceição. “Em 2003, a atleta do GNU, Daiane dos Santos, venceu o Campeonato Mundial, categoria solo. A ginasta participou das Olimpíadas em 2004 e conquistou o 5º lugar, também no solo, sua especialidade. Mosiah Rodrigues, campeão do pan-americano, é outro unionista que desponta como uma das estrelas do esporte” (GRÊMIO NÁUTICO, s/p, 2008).

Vemos, ainda, cartazes com os seguintes dizeres: “A presença dos responsáveis inibe a atitude dos ginastas e ainda dispersa a sua atenção”, alertando para a proibição de essas pessoas permanecerem naquele local. Ao lado da porta do banheiro que fica no *hall*, fixado na parede, há um pôster sobre um trabalho acadêmico que aborda o tema do crescimento das atletas de ginástica artística: “Análise do crescimento pondero-estatural em atletas de ginástica artística”; tal análise enfatizava que o estudo realizado mostrou que não houve prejuízo no crescimento das atletas.

Logo na entrada do ginásio, fica a trave; à direita da trave, estão as barras paralelas assimétricas; mais próximas do canto do ginásio, também no lado direito, ficam as argolas; em frente às argolas, situa-se o cavalo com alças; do lado esquerdo do cavalo com alças, estão as paralelas simétricas. Ocupando a maior parte do ginásio (seu meio), está o solo; nos fundos, há a barra fixa, a mesa de salto à esquerda e outras argolas à direita. Bem no fundo direito de quem olha do *hall* de entrada, está um armário branco onde atletas das equipes principais deixam seus pertences. Embaixo da barra fixa, em frente à parede dos fundos, há o fosso de espumas; na lateral esquerda, uma pista de *tumble track*. Ao lado da pista de *tumble track*, fica o tapete que corresponde ao percurso da corrida de atletas antes de saltar na mesa de salto. No ginásio, embaixo da escada que leva as crianças da escolinha para as demais dependências do clube, ficam alguns equipamentos para o trabalho de força (barras, pesos, caneleiras, etc.); ao lado, fixado na parede, há um espaldar. Em dois pontos do ginásio, fixadas no teto, ficam duas cordas com dois sinos dispostos ao lado. Atletas sobem (escalam) as cordas até quase o teto e tocam o sino. Tanto a corda quanto o espaldar são equipamentos também utilizados em quartéis. Esses aparelhos, com origens no militarismo e usados na preparação de

ginastas, continuam compondo esse espaço, embora seus usos tenham finalidades esportivas e a maioria dos(as) atletas desconheça tal história.



Diz Bortoleto (2007), falando sobre o ginásio de ginástica artística de Barcelona, onde desenvolveu seu trabalho com o grupo de ginastas masculinos: “a sala é sagrada porque representa um espaço fundamental para o desenvolvimento da ginástica artística masculina e também para a vida de seus protagonistas (espaço onde passam a maior parte de seu tempo), um lugar respeitado por seus usuários como se fosse sua própria casa” (BORTOLETO, 2007, p. 331).

O ginásio mantém diversas características típicas da cultura militar, passíveis de serem criticadas, conforme a perspectiva defendida por Bortoleto, porém, apresenta também esse aconchego, essa comparação ao lar ou à própria casa, um refúgio para atletas, equipe, familiares e responsáveis que vivem intensamente esse

local por anos a fio. Em outras épocas, a ginástica foi também praticada ao ar livre, em espaços abertos. Um dos precursores da construção de ginásios fechados como locais para o trabalho corporal foi Francisco Amoros. Ele foi criticado por defender um local de adestramento do corpo e da moral do homem, criando locais de isolamento para que seus membros fossem protegidos e defendidos das tentações do mundo exterior.

Pesquisar em um ginásio de esportes, inserido em um clube esportivo considerado de elite, usando a etnografia foi semelhante a uma experiência descrita por Latour e Woolgar (1997). Eles desenvolveram etnografia em um laboratório de neuroendocrinologia do Instituto Salk, na Califórnia. Os autores estudam os pesquisadores como se esta fosse uma tribo exótica e descrevem como ocorre a produção social do objeto científico. Ao falarem sobre a “razão de ser da etnografia de um laboratório”, fazem a seguinte afirmação:

Centenas de etnólogos visitaram todas as tribos imagináveis, penetraram florestas profundas, repertoriaram os costumes mais exóticos, fotografaram e documentaram as relações familiares ou os cultos mais complexos. E, no entanto, nossa indústria, nossa técnica, nossa ciência, nossa administração, permanecem bem pouco estudadas. Expulsos do campo na África, na América Latina ou na Ásia, os etnólogos só se sentem capazes em estudar em nossas sociedades o que é mais parecido com os campos que acabavam de deixar: as artes e tradições populares, a bruxaria, as representações simbólicas, os camponeses, os marginais de todos os tipos, os guetos (LATOURE E WOOLGAR, 1997, p. 17-18).

Considero o ginásio de ginástica como um dos locais onde a indústria, a técnica, a ciência, a administração, tal como foram valorizadas e produzidas no mundo moderno, se fazem presentes. De algum modo, esse espaço comporta conhecimentos vindos dessas áreas, e tais saberes interferem na maneira como ocorre a educação corporal de atletas. Compreendo que desenvolver etnografia no ginásio de ginástica artística, onde o esporte de alto rendimento é priorizado, é pouco comum. A etnografia, na área esportiva, está mais vinculada a espaços onde são desenvolvidos projetos sociais em que o esporte é tomado, por exemplo, como um meio de “resgate” ou de “produção” da autoestima, para afastar crianças e jovens do uso de drogas, como um modo de reduzir a violência e a agressividade ou como uma forma de lazer.

Quando se fala em treinamento de ginástica artística de competição em Porto Alegre ou até mesmo no Estado do Rio Grande do Sul, os locais imediatamente lembrados são SOGIPA, GNU e, mais recentemente, a UFRGS. Algumas escolas particulares da cidade – entre elas, Anchieta, Farroupilha, Americano e Associação dos Funcionários do Banco do Brasil (AABB) – são outros locais em que também ocorre a prática dessa modalidade. O treinamento da ginástica está presente, ainda, em vários municípios do interior do Estado, principalmente naqueles de imigração alemã.

Durante a pesquisa, acompanhei uma crise na ginástica artística da SOGIPA e o fechamento dessa modalidade no CETE (Centro de Treinamento Esportivo do Estado), além da migração das atletas da equipe de ponta da UFRGS para o GNU. As dificuldades e a desvalorização da modalidade em locais tradicionais de sua prática foram motivos de conversas durante várias das observações, principalmente porque um dos integrantes da equipe atuava também em um desses locais e, durante o tempo em que estive em campo, foi remanejado dentro de seu emprego público. “O mundo da ginástica” é relativamente pequeno: no Brasil, os clubes tradicionais são Minas Tênis Clube, Esporte Clube Pinheiros, Clubes de Regatas do Flamengo, além do GNU e da SOGIPA. As escolas que mais influenciam a ginástica artística brasileira são as escolas russa, japonesa e chinesa. Enfim, o clube e o ginásio de ginástica artística onde estive durante o trabalho de campo possibilitaram-me também compreender um pouco da ginástica artística em algumas de suas nuances, suas marcas históricas, suas complexas lutas e enfrentamentos para continuar no universo esportivo, além das dificuldades encontradas por quem vive, quem se dedica integralmente a esta modalidade, quem a toma como forma de vida. Passo agora a falar sobre os(as) participantes (atores) da pesquisa.

2.2.3 “Eu vivo no União”: sujeitos da pesquisa

“Eu vivo no União” é a frase que está escrita na camiseta que alguns/algumas atletas usam durante as sessões de treinamento de ginástica artística, e acredito que atletas de outras modalidades esportivas praticadas no clube também a usam. Ela diz sobre os sujeitos da pesquisa porque, tanto atletas e integrantes da equipe, quanto responsáveis e familiares, ao entrarem para o esporte de alto rendimento,

levam consigo o entendimento de que se trata de uma vida de envolvimento: são treinos, participação em competições, compromissos em finais de semana e viagens, tudo envolvendo tempo, dedicação e empenho. Em minha opinião, ela diz principalmente sobre o tempo que se passa no clube para se tornar atleta, muitas vezes superior ou equivalente àquele que se passa na escola ou em casa.

Essa frase escrita nas camisetas pode ser analisada de várias maneiras, desde como demonstração do gosto de estar no clube e das várias horas das sessões de treinamento até como indicação das diferentes histórias vividas nesses espaços. No ginásio, treinam atletas que ingressaram recentemente (e que já deixam suas marcas); existem outros(as) que já estão treinando há vinte, doze, dez, nove, oito, seis, cinco anos; há integrantes da equipe técnica que trabalham há vinte e cinco, vinte e dois, dezessete, dez, oito anos no clube com a modalidade; há mães e pais que acompanham o(a) filho(a) e sentam no *hall* de entrada do ginásio há três, quatro anos.

Alguns(algumas) atletas que passaram pelo ginásio transformaram-se em celebridades; outros(as), que treinam ainda hoje, receberam reconhecimento nacional e internacional. Alguns(algumas) migraram para o circo; outros(as) optaram por mudar de “carreira”, transformando-se em dentistas, engenheiros(as), professores(as) de educação física, técnicos(as) de ginástica, etc. Há quem tenha se envolvido com drogas e foi afastado ou se afastou do treinamento. De alguns(algumas), não se sabe o rumo que tomaram. Alguns(algumas) retornam para dar notícias da família, convidar para festas (casamento, batizado, formatura); outros(as) pensam em sair da ginástica, mas não criam coragem; algumas foram para a ginástica rítmica; outros(as), para o atletismo. Alguns(algumas) atletas mudaram de instituição para treinar ou foram mudados(as) por envolvimento com roubo de pequenas quantias ou por “*virem ao ginásio somente para bater boca*”³⁰. Ainda houve quem não suportou xingamentos e aqueles(as) de quem não tive notícias, esquecidos(as), que passaram despercebidos(as). Atletas e iniciantes são pessoas com histórias de vida particulares, com idades diferentes, tempos de treinamento diferentes, condição socioeconômica diferente.

No ginásio de ginástica artística onde desenvolvi a pesquisa, estão diferentes “atores sociais”. Uso essa expressão a partir do entendimento de Mato (2005), por

³⁰ Essa expressão foi usada por um atleta da equipe principal no momento da entrevista. Ele se referia a colegas que não tinham vontade de treinar, que reclamavam de tudo e que, por isso, não estavam mais na equipe.

entender que as práticas desses sujeitos envolvem, ao mesmo tempo, dimensões políticas, econômicas e culturais. Atletas de maior alcance podem ser considerados(as) regionais, nacionais e transnacionais. Eles(as) foram os sujeitos mais significativos para o estudo. São ou não filiados(as) à Federação Rio-Grandense de Ginástica, respondem ou não junto à Confederação Brasileira de Ginástica e à Federação Internacional de Ginástica, isso tudo com o aval do clube que representam. As redes de envolvimento dependem principalmente do nível técnico atingido por atletas dentro da modalidade e das condições sociais criadas para estarem em determinados lugares, ocuparem determinadas funções em determinados períodos.

Talvez essa dimensão de redes de envolvimento não faça muito sentido para a maioria de atletas que treina no GNU, porém, é importante destacar que o alcance e as práticas desses atores ocorrem nessas instâncias. Para mim, isso importa, pois, ao falar desse espaço que é local, particular, estou também falando de práticas sociais mais amplas que constituem identidades desses atores – discursos, pontos comuns que acabam fazendo parte da prática da ginástica em muitos lugares onde é praticada.

Discussões sobre a idade de início do treinamento, as lesões, o código de pontuação, o grupo de elementos obrigatórios que devem constituir as séries da ginástica, sobre forçar a flexibilidade até o limite, etc. dão-se no âmbito internacional. Essas são redes complexas que, na maioria das vezes, extrapolam a condição técnica individual de atletas, posicionando sujeitos com maior ou menor alcance e poder de decisão sobre esses e muitos outros assuntos que circulam no campo da ginástica artística. Isso interfere na escolha, no convite, no mérito de quem representa (tanto atletas quanto árbitros(as) e técnicos(as)) o Brasil, o Rio Grande do Sul, o clube, nas competições. Essas decisões afetam as vidas individuais dos sujeitos, criam oportunidades de aperfeiçoamento e visibilidade no mundo esportivo e, muitas vezes, não ocorrem por méritos individuais, por seletivas disputadas, mas por diversos outros fatores mais ou menos legítimos, que podem envolver sofrimentos de uns(umas) e alegrias de outros(as).

A: Quando eu tinha 17 anos, a gente competiu um brasileiro, e eu me classifiquei para um Pan-Americano Inter-Clubes no México, em Cancun. Fiquei tri-feliz, 'oba, vou para Cancun competir um Pan-Americano'. Um tempo depois, fui comunicado que não iria mais para Cancun, pois não havia saído o visto de meu técnico. A gente não precisava fazer aquele esforço todo se a gente não ia ir; o treino foi duro, e acabamos não participando da competição.

Esse trecho faz parte da entrevista que realizei com atleta da equipe principal masculina e representa a frustração vivenciada por ele, que não conseguiu participar de uma competição importante para sua vida de atleta, devido a uma dificuldade não resolvida pelo clube que representava. Acabou “ficando em casa” (expressão que usa) por uma razão que considera tão absurda que o fez até mesmo mudar de clube para treinar. Trata-se da fala de um atleta de 20 anos de idade que ingressou na modalidade aos 10 anos e que, na época do evento esportivo em pauta, tinha 17.

Vive-se no ginásio de ginástica, no GNU; nele deixam-se marcas; dele carregam-se marcas. Algumas delas valem a pena, proporcionam reconhecimento, prestígio, alegria; outras, nem tanto – causam dor, sofrimento, mágoa. Isso é também a vida de quem carrega na camisa a frase citada anteriormente, ou seja, uma vida cheia de altos e baixos, de encontros e desencontros.

Em torno de 45 a 50 pessoas estão diariamente (dias úteis e sábados pela manhã) no ginásio. Dessas, aproximadamente 30 são as que vivem cotidianamente o treinamento. As demais são participantes da escolinha, que estão divididas em dois níveis – avançado e iniciante – e frequentam o ginásio duas a três horas por semana em dois dias. Cada integrante envolve uma rede de relações afetivas, de sustentação, de viabilização, para estar nesse local, o que acaba ampliando o grupo de pessoas implicadas naquele espaço. Entre as que vivem cotidianamente o treinamento, encontram-se integrantes da equipe principal (feminina e masculina), das equipes intermediárias (base, atletas em formação) e da pré-equipe (mais novatos).

A média é de aproximadamente 250 praticantes. Destes(as), 48 a 54 são atletas das equipes em treinamento. Obtive esses dados em campo e em conversa com uma integrante da equipe técnica – que, além de dados “quantitativos”, também sublinhou que o grande pico da participação na ginástica ocorreu em 2007, após o pan-americano, quando havia um total de 303 praticantes (embora a média seja de

250 a 280 praticantes). Ela explicou também que, durante os meses de junho a setembro, ocorre o pico, pois as crianças saem da natação e vão para a ginástica artística devido ao frio. Lamenta a redução de alunos, afirmando que antigamente se chegou a ter 580 crianças participando em eventos internos do clube. Atribui essa redução ao fato de antes não existirem tantos locais para fazer ginástica artística. Segundo esse depoimento, a redução do número de alunos no clube implica dificuldades para quem busca ou quer encontrar talentos. A integrante da equipe técnica usa a expressão “*talentos perdidos*” para argumentar que, dessa forma, com a redução de alunos, fica mais difícil encontrar talentos.

Ao todo onze profissionais trabalham no ginásio: quatro professores(as) que atuam nas escolinhas – dois(duas) para cada turno –, seis treinadores(as) e uma professora de balé. Embora tenha observado o treinamento à tarde, as sessões e aulas também ocorrem no turno da manhã e, em outras épocas, ocorriam também no turno da noite. Na equipe principal, são selecionados(as) atletas de melhor nível técnico. A equipe é composta por atletas de diferentes idades que competem em diferentes categorias.

Os(As) praticantes são separados em grupos. O treinamento das equipes de atletas é separado em feminino e masculino, enquanto que, na escolinha, os grupos são mistos. Os espaços do ginásio são organizados e ocupados pelos diferentes grupos, em diferentes momentos, porém, o grupo masculino de atletas concentra-se especialmente em determinados locais do ginásio. Os componentes desse grupo usam espaço menor, ficam mais concentrados. Os(As) integrantes das equipes principais quase sempre treinam separados(as), ou seja, são poucos os momentos em que estão no mesmo local. Transitam pelo ginásio, treinando em aparelhos diferentes. O número de atletas masculinos é inferior ao número de atletas femininas. Apenas no masculino há a categoria adulta.

Enfim, no ginásio de ginástica do GNU, “*todos os dias*”, com exceção de domingos, feriados e períodos de férias, treina um grupo de atletas, enquanto um grupo de iniciantes participa das escolinhas esportivas. Cabe ressaltar que feriados e finais de semana podem também ser momentos de treinamento, dependendo das necessidades impostas pelo esporte, pelos(as) próprios(as) atletas e pelas competições. Durante as entrevistas, quando perguntava aos(às) atletas sobre o período e o número de horas semanais de treino, muitos(as) respondiam “*todos os*

dias”, com isso marcando o treinamento como uma tarefa árdua, intensa, rotineira, dispendiosa.

Quem é atleta? Quem é iniciante? Qual a equipe que cada qual integra? Como denominar os(as) integrantes de cada grupo? Quem é técnico(a)? Quem é professor(a)? Estas foram algumas das questões feitas durante a pesquisa. No decorrer da pesquisa, fui nomeando atletas como aqueles(as) que dedicam quase diariamente tempo ao trabalho com o corpo e com a modalidade – com exceção de um dia da semana, feriados e período de férias. Considerei como atletas não somente quem faz parte do alto rendimento, e como alto rendimento não somente o esporte daqueles(as) que integram as equipes principais, embora no ginásio de ginástica sejam considerados(as) atletas de alto rendimento apenas quem tem idade para competir em um campeonato brasileiro.

Além de atletas, iniciantes, técnicos(as), professores(as), familiares e responsáveis, encontrei também no ginásio estagiários(as) de faculdades, alunos(as) em processo de aprendizagem de arbitragem, equipes de jornais e TV, ex-atletas e suas famílias, um grupo de atores e atrizes de teatro em treinamento, etc.

3 ENTENDIMENTOS, COMPREENSÕES, OLHARES POSSÍVEIS

3.1 EDUCAÇÃO CORPORAL DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

(...) a presença decisiva das tecnologias em nosso ambiente e, principalmente, em nossos corpos, indica que estamos reinventando a vida, determinando uma outra natureza para a espécie.

(COUTO, 2003, p.176).

(...) o corpo se tornou o lugar por excelência das tecnologias.
(Ibidem, p. 172).

(...) o corpo é cada vez mais alimentado por máquinas.
(Ibidem, p. 174).

Na primeira parte da tese, apresentei o objeto de pesquisa, as questões e os objetivos principais, além de refletir sobre como a pesquisa foi feita (as observações e as entrevistas). Também apresentei os sujeitos da pesquisa e os espaços (clube e ginásio) onde desenvolvi o trabalho de campo. Passo agora a escrever sobre os conceitos de corpo, educação e gênero, com os quais operei durante a pesquisa.

Como os corpos de atletas da ginástica artística são educados? Várias foram as questões formuladas no processo de investigação. Algumas foram eliminadas, outras sofreram transformações e incorporações. Esta, que resultou em meu problema de pesquisa, não pretendo responder de uma única maneira, mas complexificá-la a partir do que foi lido, produzido, dito, pensado durante as observações, na realização das entrevistas e no acompanhamento da ginástica artística durante o período em que estive em campo. A resposta a essa questão pressupõe pensar que sua formulação já esteve direcionada, vinculada a diversas outras que foram me constituindo como pesquisadora e que, em minha formação, estiveram marcadas singularmente pela forma como compreendo (compreendi) os esportes de alto rendimento, o que descrevi brevemente no início desta escrita.

No projeto de pesquisa, enfatizava que discutiria “a produção cultural do corpo-atleta na modalidade ginástica artística”. Durante a pesquisa, fui reformulando essa ideia e pensando na impossibilidade de separar natureza e cultura, o que o referencial teórico já apontava, sobretudo porque, em minha questão, eu mantinha a

ênfase no fator cultural, ou seja, naquilo que pode ser produzido, fabricado, construído. Compreendi que, usando a expressão “produção cultural”, ficaria difícil analisar as características corporais previamente estabelecidas para ser atleta desta modalidade. Ao mesmo tempo, o uso dessa expressão manteria, por um lado, a cultura, compreendida prioritariamente como o treinamento que incide sobre os corpos de atletas (aquilo que pode ser produzido), e, por outro, as características físicas, os tipos específicos de corpos, vistos como a dimensão da natureza (aquilo que não pode ser produzido).

Abri mão da expressão “produção cultural” para referir-me apenas à “educação corporal”. Foi a partir das compreensões de corpo, natureza, cultura, e suas articulações, discutidas por autores como Francisco Ortega (2008), Renato Janine Ribeiro (2003), Adauto Novaes (2003) e Paula Sibilia (2002), que encaminhei essa mudança. O fator cultural (compreendido por mim prioritariamente como o treinamento que incide sobre os corpos, conforme vinha afirmando) ainda estava colocado em oposição ao fator “natural” dos corpos de ginastas, ou seja, a predisposição de corpos para determinadas modalidades esportivas foi tomada por mim como fixa, estável, imutável (o que, em pesquisa anterior, havia considerado como sendo a existência de diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esporte).

Buscando ir além dessa compreensão e assumindo que outras e novas articulações entre natureza e cultura são produzidas a partir do desenvolvimento tecnológico e científico, com promessas de manipulação e produção da vida, conforme apontam esses autores, percebi que estava reduzindo o fator cultural ao que é produzido e o fator natural ao não-produzido. Porém, o que essas perspectivas afirmam em relação à criação de novas fronteiras entre a natureza e a cultura é que os avanços da ciência e suas promessas de transformação e produção da vida, principalmente relacionadas ao projeto genoma³¹, à neurociência e à cibernética, efetuam mudanças até mesmo naquilo que, em determinado momento, foi tomado como sendo a “natureza” dos corpos. Cultura e natureza articulam-se de tal forma na atualidade que se torna impossível falar dessas dimensões separadamente.

³¹ “Há pouco, cientistas americanos anunciaram o rascunho do genoma – receita para fabricar um ser humano –, o que de imediato se transformou em um dos grandes marcos da ciência. O homem acaba de decifrar 97% das informações para criar a si mesmo” (NOVAES, 2003, p. 07).

Nesse sentido, o exemplo da polêmica sobre a altura de atletas da ginástica artística representa tal articulação. Essa polêmica é criada principalmente pelo mito de que atletas que praticam esta modalidade não crescem tudo o que poderiam. Diversas são as pesquisas feitas para comprovar que a ginástica não deixa o corpo mais baixo e para demonstrar que o fator genético é mais importante na definição da altura final de uma pessoa. Na maioria das vezes, essas pesquisas tomam como pressuposto que a altura é algo determinado geneticamente, hereditariamente, assumindo que ela seja inata, dada e invariável. Buscando evitar que a ginástica artística seja acusada injustamente por algo que não executa, entendo que muitas dessas pesquisas acabam por deixar de lado as interferências do meio ambiente na constituição corporal. Também deixam de considerar a existência de tecnologias como o hormônio de crescimento³² e nem mesmo admitem a possibilidade de ocorrerem acidentes que interferem no crescimento do corpo, seja de atleta desta ou de outra modalidade esportiva ou de uma pessoa que não pratica nenhum tipo de esporte.

Se, por um lado, o treinamento (olhado como cultura) incide sobre os corpos, dando-lhes características específicas e alterando processos orgânicos bem definidos (como é o caso do ciclo menstrual³³, etc.), por outro, determinados tipos de corpos já são previamente escolhidos para modalidades específicas de esportes. Contudo, esses corpos variam e assumem características que interferem até mesmo na transformação da modalidade esportiva. Dizendo de outro modo, a ideia de que o esporte imprime marcas aos corpos, que até então orientava meu posicionamento em relação ao assunto, sofre um deslocamento, qual seja: os diferentes corpos e as promessas de sua modificação, transformação e produção também imprimem marcas às diferentes modalidades esportivas.

Junto à discussão do treinamento como uma pedagogia esportiva que deixa marcas, modifica e transforma corpos, é também possível problematizar como os corpos, já previamente “talhados” para as diferentes modalidades esportivas, acabam constituindo os esportes, provocando inclusões e exclusões de sujeitos. Na modalidade ginástica artística, a pedagogia esportiva atua diretamente em

³² Trata-se do hGN, produto geneticamente alterado e usado inicialmente para grupos que sofrem de nanismo.

³³ “(...) as meninas que se destacam na ginástica artística apresentam maturação tardia, tendo a primeira menstruação (menarca) após os 16 anos, quando a média entre as adolescentes brasileiras é que isso ocorra com 12,3 anos” (FERREIRA FILHO, 2005, p.2).

características físicas de atletas. O constante trabalho de força e flexibilidade exigido nas sessões de treinamento é um dos exemplos desta pedagogia que faz de atletas sujeitos fortes – com musculatura definida – e flexíveis – com músculos alongados e elásticos. As lesões, as frequentes queixas de dor, as dietas, também fazem parte da rotina dos esportes de alto rendimento e configuram marcas nos corpos.

Essa relação entre esportes que marcam corpos e conhecimentos produzidos sobre os corpos que transformam as modalidades esportivas apresenta diferentes efeitos, e uma não substitui a outra. Conhecimentos produzidos sobre os corpos por diferentes áreas (neurociência, engenharia genética, cibernética, etc.) acabam transformando o esporte; conhecimentos produzidos sobre os esportes acabam fazendo novas exigências aos corpos e, conseqüentemente, exigindo sua modificação.

Ao me interessar pela discussão sobre os corpos no esporte de alto rendimento, minha motivação inicial estava envolvida com a necessidade de fazer crítica ao alto rendimento, que frequentemente acaba tratando (ou destrutando) os corpos de atletas, tomando-os como mercadorias de consumo, com relações de compra, venda, empréstimo, troca, devolução, etc. No entanto, a experiência no campo, acompanhando sessões de treinamento e entrevistando pessoas envolvidas com a ginástica artística, possibilitou-me pensar o quanto conhecimentos produzidos sobre os corpos, não apenas advindos da área esportiva, interferem na constituição de diferentes modalidades esportivas. Com esse deslocamento, pude relativizar a crítica radical que vinha fazendo à instituição esportiva de alto rendimento, como se ela fosse a única responsável pela extrapolação do limite corporal, pelo estímulo excessivo à competitividade, pela busca do máximo rendimento a qualquer custo. Com isso, pude também ampliar a compreensão do que denominamos instituição esportiva, observando, principalmente, sua articulação com o desenvolvimento do mercado, o mundo empresarial e os investimentos feitos em pesquisas na área médica.

Os conhecimentos produzidos sobre corpos, com o desenvolvimento de tecnologias médicas, equipamentos, acessórios e produtos esportivos, vinculados ao consumo do mercado e ao capitalismo na época em que estamos vivendo (pós-industrial), produzem os esportes de alto rendimento, ou seja, a instituição esportiva é produtora de corpos ao mesmo tempo em que ela própria é produzida por outras

instituições. Estas, por sua vez, também priorizam o conhecimento do corpo em sua articulação com esporte e, por isso mesmo, acabam interferindo na maneira como os esportes devem ser praticados, como os atletas devem agir, o que devem fazer de seus corpos, etc.

(...) as instituições que comandam a produção de corpos e almas individuais e a intervenção no substrato biológico das populações hoje se apresentam como capazes não apenas de regularizar os processos, de polir e evitar contingências, mas também de alterar as próprias essências orgânicas: mexer nos códigos da vida, **reprogramar** (grifos da autora) os destinos biológicos dos indivíduos e da espécie (SIBILIA, 2002, p. 170).

Torna-se importante pensar não apenas que o poder exercido atua no disciplinamento dos corpos, formando corpos dóceis, submissos, cumpridores de regras, mas também que o biopoder está em ação, atuando nas subjetividades, conforme defendem os autores mencionados anteriormente. Significa pensar o esporte de alto rendimento inserido neste mundo pós-industrial, de aliança entre a tecnociência e o mercado, onde as biopolíticas³⁴ dos saberes médicos são aplicadas não só aos corpos, mas até mesmo às almas dos atletas. “O biopoder não focaliza mais aquilo que o indivíduo faz (ou fez), mas aquilo que ele é: o que ele pode vir a fazer, aquilo que ele é capaz de fazer” (ibidem, p. 198). Assim, “pode-se dizer que a noção de natureza não é a mesma que animou a história das idéias; o próprio conceito de subjetividade está posto em questão” (NOVAES, 2003, p. 7).

Na primeira parte do livro *O corpo incerto – corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*, Francisco Ortega (2008), ao discutir as modificações corporais e as tecnologias médicas, desenvolve a ideia de um corpo que antes era “submetido” e que, a partir desses e de outros eventos contemporâneos, passa a “submeter” (do corpo submetido, passa-se à submissão ao corpo). Sua abordagem do desenvolvimento e do alcance das tecnologias

³⁴ De acordo com a definição do próprio Foucault, as biopolíticas representam “a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em populações: saúde, higiene, natalidade, raças” (SIBILIA, 2002, p. 158). “A aparição histórica das biopolíticas foi levemente posterior à dos aparelhos disciplinadores, devido a sua complexidade centralizada no aparato estatal, mas suas estratégias só puderam se ‘incrustar’ na população graças ao trabalho prévio de disciplinamento operado nos corpos individuais. Como mostra Foucault, o objetivo das biopolíticas era organizar a vida, cultivá-la, protegê-la, garanti-la, multiplicá-la, regulá-la, controlar e compensar suas contingências, delimitando as suas possibilidades biológicas ao encaixá-las em um formato preestabelecido e definido como ‘normal’” (Ibidem, p. 161).

médicas, sobretudo da centralidade das imagens e do grande desenvolvimento da engenharia genética, foi fundamental para a realização dos deslocamentos que efetuei na forma como vinha pensando meu objeto de pesquisa, possibilitando-me entender que os corpos também produzem os esportes. Isso inclui a necessidade de refletir sobre a cultura somática (culto ao corpo, negação do social, do mundo compartilhado), que atribui ao corpo uma centralidade nunca vista antes; sobre as diferenças entre as ascetes (práticas de liberdade que apresentam preocupação com o outro) e as bioascetes (que visam ao assujeitamento e criam relações individualistas); e sobre o conceito de biossociabilidades, entendidas como as novas formas de sociabilidade que se organizam a partir da interação das biotecnologias com o capital, por exemplo. Apesar de não aprofundar essa discussão e ter conhecimento de que ela procura tensionar e problematizar as abordagens foucaultianas, principalmente em relação aos conceitos de biopoder e biopolíticas, propondo o conceito de biossociabilidades, trouxe-a no início deste tópico para mostrar o quanto ela foi importante para mudar os conceitos, as expressões e a forma como vinha desenvolvendo a pesquisa.

Talvez fosse mais fácil analisar o treinamento esportivo a partir do poder disciplinar, onde um conjunto de saberes se impõe sobre os corpos dos atletas, moldando-os de determinadas formas e, na maioria das vezes, impedindo-os de resistir. Visto dessa forma, o treinamento poderia ser considerado uma pedagogia que incide duramente sobre os corpos, produzindo-os de formas específicas. Contudo, o desafio que me coloquei ao assumir algumas vertentes dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero ligadas ao pós-estruturalismo foi analisar a educação de corpos e atletas a partir da compreensão de que o poder atua em redes, em diferentes direções, com diferentes forças; de que ele varia seu modo de agir em diferentes épocas; e, sobretudo, de que ele é uma força muito mais produtiva do que coercitiva, no sentido estrito do termo.

Uso a expressão “educação corporal” por compreender que ela dá conta tanto dos atributos do corpo que são produzidos culturalmente quanto daqueles que já são tomados de antemão como necessários para a prática da ginástica artística, conforme exposto nas tabelas que analisarei posteriormente. Entendo que essa expressão permite que a articulação entre natureza e cultura seja levada em consideração de forma menos binária, apontando para novas descobertas que

permitem pensar o natural também como construído: “as características de um indivíduo (o fenótipo) são o produto de uma interação complexa entre suas características genéticas (o genótipo) e o meio ambiente” (REINACH apud NOVAES, 2003, p. 18).

Utilizei o termo “educação” para abarcar tanto as práticas que ocorrem nas sessões de treinamento quanto as que também dizem respeito ao treinamento, à preparação do corpo, mas que ocorrem fora do ginásio, fora do clube, fora da instituição esportiva. “Educar engloba um complexo de forças e de processos (...) no interior dos quais os indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” (MEYER, 2003, p. 17).

Pensar a educação a partir do conceito de pedagogia cultural, discutido na perspectiva dos Estudos Culturais, significa entender que a educação não se dá apenas em espaços formalizados, como na família, na escola e, neste caso, em instituições esportivas durante sessões de treinamento, mas também através dos meios de comunicação de massa, da literatura, do cinema, da música, etc. Tais práticas educativas e pedagógicas, que ocorrem em diferentes locais, atravessam os corpos de atletas, sendo ao mesmo tempo produtoras e produzidas, em um processo complexo de educação corporal. Entendo que as práticas de treinamento representam apenas um dos locais onde ocorre o que estou chamando de educação corporal de atletas – neste caso, especificamente de ginastas. Existem outros locais que são também produtores de corpos, entre eles, a medicina, a dieta, a fabricação de vestimentas e acessórios, etc.

3.1.1 Corpo: natureza x cultura

Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias (LOURO, 2004, p. 81).

As tabelas que apresento a seguir foram desenvolvidas por pesquisadores canadenses e fazem parte do Programa de Desenvolvimento para Grupos de Idade, fornecido pela Federação Internacional de Ginástica como referência para quem trabalha com ginástica artística. Esse programa, ainda em fase de elaboração, tem

como objetivo apresentar uma nova abordagem para o desenvolvimento de talentos em ginástica artística, tanto para mulheres quanto para homens. Apresenta as bases para o desenvolvimento das habilidades fundamentais e dos requisitos prévios que o(a) ginasta deve dominar.

Identificación de talentos														
Cuadro de altura y peso														
Mujeres		POBLACIÓN GENERAL												
		6 - 7	7 - 8	8 - 9	9 - 10	10-11	11-12	12-13	13-14	14-15	15-16	16-17	17-18	
ESTRUCTURA	GRANDE	ALTURA	116	123	130	136	143	150	156	163	168	171	173	174
		PESO	26	30	35	41	47	54	61	67	73	78	81	82
	MEDIANA	ALTURA	108	115	121	126	132	138	145	152	157	160	162	163
		PESO	20	22	25	28	33	37	42	46	50	54	56	57
	PEQUEÑA	ALTURA	101	107	112	117	122	128	133	140	145	149	151	152
		PESO	16	18	20	22	24	27	31	34	38	41	43	45
POBLACIÓN GIMNÁSTICA	IMPROBABLE		112	115	119	124	130	135	142	149	154	157	159	159
	POSIBLE	111	114	119	123	129	134	141	148	153	156	158	158	
		111	114	118	122	129	133	140	147	152	155	157	157	
		110	113	117	122	128	132	139	146	151	154	156	156	
		109	112	116	121	127	131	138	145	150	153	155	155	
		109	111	116	120	126	131	137	144	149	152	154	154	
	ÓPTIMO	108	111	115	119	125	130	136	143	148	151	153	153	
		107	110	114	119	124	129	135	142	147	150	152	152	
		106	109	113	118	124	128	134	141	146	149	151	151	
		106	109	113	117	123	127	134	141	145	148	150	150	
	POSIBLE	105	108	112	116	122	126	133	140	144	147	149	149	
		104	107	111	115	121	126	132	139	143	146	148	148	
		104	106	110	115	120	125	131	138	142	145	147	147	
		103	116	110	114	120	124	130	137	141	144	146	146	
		102	105	109	113	119	123	129	136	140	143	145	145	
		102	104	108	112	118	122	128	135	139	142	144	144	
		101	104	107	112	117	121	127	134	138	141	143	143	
		100	103	107	111	116	120	126	133	137	140	142	142	
	IMPROBABLE		99	102	106	110	115	120	125	132	136	139	141	141
99	101	105	109	115	119	125	131	135	138	140	140			

Identificación de talentos

Cuadro de altura y peso

Hombres		POBLACIÓN GENERAL												
		6 - 7	7 - 8	8 - 9	9 - 10	10-11	11-12	12-13	13-14	14-15	15-16	16-17	17-18	
ESTRUCTURA	GRANDE	ALTURA	117	124	130	136	142	148	155	162	170	177	182	185
		PESO	26	30	35	40	45	51	58	65	72	79	86	91
	MEDIANA	ALTURA	110	116	122	127	132	138	143	150	157	163	169	174
		PESO	21	23	25	28	31	35	40	45	51	57	62	66
	PEQUEÑA	ALTURA	102	108	113	118	123	128	133	138	143	149	155	161
		PESO	17	19	20	22	24	27	30	34	38	43	48	52
POBLACIÓN GIMNÁSTICA	IMPROBABLE	122	128	133	139	144	149	155	162	169	175	178	180	
	POSIBLE	121	127	132	137	142	148	154	160	167	173	176	178	
		120	125	131	136	141	146	152	158	165	171	174	176	
		118	124	129	134	139	144	150	157	164	169	172	174	
		117	122	127	132	138	143	148	155	162	167	170	172	
		116	121	126	131	136	141	146	153	160	165	168	170	
	ÓPTIMO	114	119	124	129	134	139	144	151	158	163	166	168	
		113	118	123	128	133	138	143	149	156	161	164	166	
		112	116	121	126	131	136	141	148	154	159	162	164	
		110	115	120	125	130	134	139	146	152	157	160	162	
		109	114	118	123	128	133	138	144	150	155	158	160	
		107	112	117	122	126	131	136	142	149	153	156	158	
		107	111	116	121	126	130	135	141	148	152	155	157	
		106	111	115	120	125	129	134	140	147	151	154	156	
	POSIBLE	105	110	115	119	124	129	133	140	146	150	153	155	
		105	109	114	119	123	128	132	139	145	149	152	154	
		104	109	113	118	122	127	132	138	144	148	151	153	
		103	108	112	117	122	126	131	137	143	147	150	152	
	IMPROBABLE	103	107	112	116	121	125	130	136	142	146	149	151	
		102	107	111	116	120	125	129	135	141	146	149	150	

NOTA: Para gimnastas EL PESO ÓPTIMO DURANTE LA PREPARACIÓN Y COMPETENCIA DEBE DETERMINARSE CIENTÍFICAMENTE, POR PERSONAL ESPECIALIZADO Y SOBRE BASES INDIVIDUALES

Como se pode deprender, estas tabelas foram produzidas para auxiliar na identificação de talentos esportivos, apresentando um quadro de altura e peso da população em geral e da população da ginástica artística, segundo a faixa etária. Os quadros diferem para homens e mulheres. Identificam corpos como improváveis, como apresentando possibilidades ou como ótimos, separando-os por sexo e idade, corpos grandes, corpos médios e corpos pequenos da população em geral, em relação à população da ginástica artística. Por exemplo: uma menina que está na faixa etária entre seis e sete anos e que tem altura entre um metro e seis centímetros e um metro e oito centímetros encontra-se na população da ginástica artística considerada ótima. Já uma menina da mesma idade que mede entre um

metro e nove centímetros e um metro e onze centímetros ou que apresenta outra medida, entre um metro e um metro e cinco centímetros, está entre a população da ginástica que apresenta possibilidades de se tornar atleta (talento). Caso a altura da menina da mesma idade esteja nos noventa e nove centímetros ou em um metro e doze centímetros, a mesma é considerada, na população da ginástica, como improvável para esta modalidade. Pessoas consideradas grandes nesta faixa etária teriam um metro e dezesseis centímetros e nem sequer entram na tabela.

O peso varia conforme a estrutura da população em geral. Para esta faixa etária, pessoas consideradas pequenas com altura de um metro e um centímetro pesam dezesseis quilogramas; com altura mediana, ou seja, um metro e oito centímetros, pesam vinte quilos; e pessoas grandes, com um metro e dezesseis centímetros, pesam vinte e seis quilos. O livro apresenta também outras tabelas com medidas relacionadas ao modo de avaliar as capacidades, como: força, flexibilidade, velocidade, potência, resistência, etc.

Independentemente da existência das tabelas, qualquer pessoa que desejar pode praticar ginástica artística. No entanto, para participar das competições, para estar no alto rendimento, com as exigências no grau de dificuldades dos elementos que se colocam na ginástica artística hoje e da maneira como são regulamentados no código de pontuação feminino e masculino, se a pessoa não apresenta tais características corporais, dificilmente se enquadra na modalidade. As conclusões de estudos apresentados nestas tabelas mostram o nível de desenvolvimento de índices corporais e suas interfaces produzidas no campo do esporte de alto rendimento, com auxílio de outras áreas do conhecimento. Esses conhecimentos servem para avaliar, selecionar, comparar corpos para a ginástica artística, e circulam no meio esportivo desta modalidade.

Parece que o poder sempre nos escapa, que ele está em outro lugar, é difícil de mensurar e seus efeitos são múltiplos. Nas palavras de Foucault (1998): “na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua” (FOUCAULT, 1998, p. 146). Enquanto se discute se a ginástica artística permite que o corpo cresça o desejado ou se ela impede seu crescimento, as tabelas adiantam-se e catalogam corpos como ótimos, com possibilidades ou improváveis para a modalidade; ainda,

enquanto pensamos no uso de *doping* como proibido ou permitido, a engenharia genética desenvolve o *doping* gênico.

Existe um conjunto de conhecimentos, produzidos principalmente na área médica, que interferem no modo como os esportes devem ser praticados, gerando novos códigos de pontuação, novos recordes, novos modelos a serem seguidos. Uma área de conhecimento que atingiu os esportes é a engenharia genética, com suas promessas de terapia. O uso do *doping* gênico apresenta-se como capaz de alterar até mesmo o código genético de atletas, atuando no interior dos corpos, sendo considerado uma técnica invasiva de difícil identificação, pois sua captura vai além de exames de sangue e urina³⁵. “Através dos procedimentos invasivos e não invasivos podemos pensar que as relações entre dentro/fora ou, mais explicitamente, entre a superfície e o interior se articulam de maneira combinada: o interior é superficializado e a superfície, interiorizada. (VARGAS e MEYER, 2003, p.172).

Observando, por exemplo, os investimentos para tentar capturar e punir os atletas que fazem uso de substâncias químicas, podemos perceber o quanto o desenvolvimento da farmacologia interfere nos esportes. Os corpos dos atletas também não escapam ao olhar preciso das tecnologias de imagem médica que explicam os processos fisiológicos que ocorrem no corpo durante o treinamento. Com isso, criam-se formas de alterar esses processos, tornando-os mais eficazes, mais econômicos, etc. “Vencer os jogos olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo” (HARAWAY apud KUNZRU, 2000, p.26).

Haraway (2000) é radical em sua proposição de que olhemos para os corpos, para nós mesmos, como “ciborgues”. “No final do século XX, nesse nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismos; somos, em suma, ‘ciborgues’” (Ibidem, p. 41). A autora define o “ciborgue” como sendo “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Ibidem, p. 40). “Com o ‘ciborgue’, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma

³⁵ A esse respeito, ver o livro *Atletas geneticamente modificados – ética biomédica, doping genético e esporte*, de Andy Miah, publicado em 2008 pela editora Phorte.

não pode mais ser objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (Ibidem, p. 43). Ela defende, na complexidade de seu pensamento, que as fronteiras entre organismo e máquina estão completamente rompidas e que estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo constituído historicamente. Para Haraway, corpo, mente e instrumento estão intimamente relacionados.

Os corpos na ginástica artística são educados o tempo todo na articulação entre natureza e cultura. Atletas de esporte de alto rendimento, por meio de seus corpos, representam as imbricações com o uso da técnica para aprimorar o desempenho de um dito corpo substancial-próprio-biológico. O treinamento intensivo, o uso de medicamentos, as cirurgias necessárias, fazem parte dos corpos que cruzam essas fronteiras ou que estão o tempo todo nelas.

Paralelamente a isso, parece existir uma tentativa, por meio de treinamentos, de atingir (ou superar) o rendimento necessário (exigido, almejado) à modalidade e, assim, manter certo corpo puro. Digo isso considerando, por exemplo, as críticas feitas por atletas e integrantes da equipe de treinamento quando conversamos sobre o uso de *doping*. Diz um atleta integrante da equipe principal masculina: “*Usar doping é a pior coisa que pode existir dentro do esporte. Vencer sem realmente ter sido o melhor*”.

Porém, Haraway vai dizer: “com drogas ou sem drogas, o treinamento e a tecnologia fazem de todo atleta olímpico um nó em uma rede tecnocultural internacional tão ‘artificial’ quanto o supercorredor Ben Johnson no ponto máximo de consumo de esteróides” (HARAWAY apud KUNZRU, 2000, p.26). Ainda:

[...] o ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. (...) o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original (HARAWAY, 2000, p. 42).

Compreendo que, ao usar a palavra “realmente” na expressão “*vencer sem realmente ter sido o melhor*”, o atleta entrevistado faz referência a um suposto estado original, a uma totalidade orgânica que o conceito de ciborgue, usado para pensar o corpo de atletas, permite problematizar. O treinamento intenso, as cirurgias, o desgaste de partes do corpo (lesões), o uso de roupas, acessórios e

equipamentos, comumente são tomados no meio esportivo da ginástica como naturais, como não-problemáticos se comparados ao uso de *doping*.

A tecnologia que cura, que recupera a lesão, é aceita, mas a que se dispõe a fazer render mais o corpo com carga menor de treinamento não é vista com bons olhos por muitos(as). A articulação entre natureza e cultura é aceita até um determinado ponto. Cabe aqui o questionamento feito por Novaes (2003) ao definir o corpo:

[...] o corpo contemporâneo é absolutamente imperfeito, uma vez que ele se tornou não apenas objeto de controvérsias, mas também campo de todas as experiências possíveis. O corpo transformou-se em máquina ruidosa a ser reparada a cada movimento. Máquina defeituosa, “rascunho” apenas, como escreve David Le Breton, sobre o qual a ciência trabalha para aperfeiçoá-lo. Por que esse interesse em mudar o corpo a ponto de projetar para que ele se transforme em uma terceira coisa, nem natural nem inteiramente artificial? (NOVAES, 2003, p. 10).

Apesar de vivermos em um tempo em que a oposição entre natureza e cultura não é mais sustentável, em que novas fronteiras vão sendo discutidas e problematizadas³⁶, esse binarismo ainda se faz presente no esporte de alto rendimento. O treinamento esportivo insiste em ser compreendido como algo natural na educação corporal de atletas, enquanto a utilização de substâncias químicas (uso de *doping*, por exemplo) é vista como artificial. As cirurgias para recuperação de lesões ou para retirada de gordura corporal, conforme apresento adiante, aparecem em discursos e práticas como um meio-termo entre o natural e o artificial. São mais ou menos aceitas, dependendo da função com que são realizadas. Assim, ao mesmo tempo em que o esporte de alto rendimento está diretamente relacionado com a quebra de fronteiras entre natureza e cultura, entre corpo e máquina, está também buscando o tempo inteiro um corpo puro, natural, na tentativa de atingir o máximo rendimento apenas pelo treinamento de habilidades.

Entendo que o conceito de metacorpo, de Virilio (1996), concebido como o corpo composto por uma reposição de órgão que pode torná-lo ainda mais eficiente do que é (ou seja, um corpo invadido em seus órgãos e vísceras pela biotecnologia), é um conceito produtivo para pensar a educação corporal de atletas. Assim como o

³⁶ A esse respeito, ver o texto de Renato Janine Ribeiro (2003): “Novas fronteiras entre natureza e cultura”.

conceito de ciborgue, o conceito de metacorpo rompe com as fronteiras entre natureza e cultura, humano e máquina, corpo e tecnologia. Tal conceito faz previsões futurísticas em relação aos corpos, amenizando as responsabilidades individuais atribuídas aos corpos treinados, lesionados, dopados, etc. de atletas, como se estes pudessem responder “conscientemente” por todos os seus atos.

A possibilidade de transplante, de recuperação de partes e órgãos estragados e defeituosos, coloca-se nesse conceito como algo produtivo que, de certa forma, deixa a condição de atleta menos vulnerável. Virilio defende que estamos vivendo a passagem de super-homem para o homem superexcitado e que a tecnologia incidirá até mesmo em nossos nervos, ou seja, passaríamos de uma colonização do corpo para uma endocolonização. Enfatiza, então, que nossos corpos são colonizados desde muito, porém a colonização do espaço interno – o que ele chama de endocolonização – será a próxima investida, mais radical do que aquelas que são visíveis, como a prótese, a tatuagem, o *piercing*, etc. Nessa perspectiva, o super-homem usa apenas os artifícios externos para fazer render o corpo, enquanto que o homem superexcitado, através das neurociências, introduz a biotecnologia, ou melhor, a nanotecnologia nos seus órgãos e vísceras. “[...] a recente miniaturização nanotecnológica favorece agora a intrusão fisiológica ou mesmo a inseminação do ser vivo pelas biotecnologias” (VIRILIO, 1996, p. 91).

Esse autor também problematiza a antiga preocupação a respeito da questão: “onde termina o humano e onde começa a máquina?” ou, como formula Silva (2000), “dada a ubiqüidade das máquinas, a ordem não seria a inversa? ‘Onde termina a máquina e onde começa o humano?’, ou ainda, dada a geral promiscuidade entre o humano e a máquina, não seria o caso de considerar ambas as perguntas simplesmente sem sentido?” (Ibidem, p.13).

O homem segue seu caminho, da espécie à superespécie, afirmava Nietzsche. No domínio dos seres vivos, do vivo, não estaríamos assistindo a um progresso da saúde, as práticas esportivas não são índices dessa tentativa “pós-modernista” de acelerar o que vive, o animado, como de há muito se acelera o inanimado, a máquina? (VIRILIO, 1996, p.107).

No final do texto, o autor traz o exemplo da técnica francesa que, não satisfeita com a condição inválida dos paraplégicos ou tetraplégicos, não bastando

as cadeiras de rodas ou os sistemas de assistência para a direção de automóveis, busca também implantar eletrodos nos pacientes. Esses eletrodos, comandados por microcomputadores, devem fornecer aos músculos, via sistema eletrônico, estímulos que normalmente vêm da medula espinhal, possibilitando a ideia de um eletromóvel. Portanto, não se trata mais de um homem pedestre, mas de um homem comparado a carros elétricos, o que o autor denomina de motorização do organismo.

Isso remete ao conceito de corpo operador³⁷ de Gil (1981), que ajuda a pensar os aparelhos, os equipamentos, as roupas usadas pelos(as) atletas como partes do próprio corpo. Para esse autor, o corpo vai além dos limites dele próprio – afirmação que ele exemplifica da seguinte forma: “se você está imerso em uma grande banheira tomando banho, cai uma aranha sobre a superfície da água perto de seus pés e você se arrepia, aquela aranha não lhe tocou, mas tocou” (GIL apud SANT’ANNA, 1997 p. 254). A consciência corporal e a percepção corporal não se limitam à materialidade do corpo, ou seja, o atleta, ao executar uma atividade, precisa ter também presente as dimensões, a profundidade, a largura, o tamanho, não apenas de seu corpo, mas de tudo o que está em sua volta (ou em seu interior) para a realização da performance. A trave, o cavalo, as barras, o solo, a mesa de salto, as argolas, as paralelas, etc. são também corpo, seu prolongamento; é como se o atleta estivesse o tempo todo acoplado aos seus equipamentos e acessórios. O corpo operador, distante de ser considerado substância, é processo, é operador de linguagem. Gil o compara com a escrita, com a própria linguagem: “corpo é uma superfície de inscrição como um papel [...] corpo escreve no espaço, tal qual ocorre na dança”. O autor fala das dificuldades de definir o que seria um operador e afirma que “é todo o processo de constituição de nossa civilização que deve ser interrogado” (Ibidem, p. 255).

³⁷ Esse conceito é trabalhado em seu livro *Metamorfoses do Corpo* (1981), publicado pela editora Regra do Jogo, de Portugal.

Alguns autores (SILVA, 2001; SANT'ANNA, 2000; SOARES, 1998; LOURO, 1999, 2004, entre outros) discutem o conceito de corpo na contemporaneidade. A centralidade desse conceito deve-se também ao fato de ele ter se tornado o que alguns chamam de “marcador social”³⁸.

Portanto, assim como classe social, raça, gênero e idade, corpo passa a ser um distintivo importante em nossa cultura³⁹. Estar em forma, ser “bonito(a)” e ser magro(a) são algumas das exigências impostas a todos(as), e sua ausência tem gerado discriminação e preconceito.

Nesta tese, interessa-me pensar sobre esse conjunto de questões, subsidiada principalmente por alguns autores que pensam o corpo como “um construto cultural, social e histórico, plenamente investido de sentidos e significação” (SILVA, 2000, p. 31). Essa noção de corpo, conforme os referenciais teóricos com que estou envolvida, opõe-se à teorização tradicional que considera o corpo apenas como “um substrato biológico naturalmente dado e inquestionável” (Ibidem, p. 31). Assim, ao se assumir que o corpo é construído, produzido, fabricado, criticam-se as formas de concebê-lo como se o biológico se resumisse apenas ao genótipo, desconsiderando as características corporais que sofrem interferências do meio ambiente, adquiridas ao longo da vida (o fenótipo). Não se nega a dimensão de características físicas propícias para determinadas práticas, aquilo que se convencionou chamar de hereditário, de genético, de dom, de talento, de propensões. Acrescenta-se, sim, um status para a dimensão cultural ou do meio ambiente, algo que pode até mesmo modificar o que algumas perspectivas defendem que seja determinante, naturalmente dado, imutável, inato.

³⁸ Damico e Meyer (2006), “ao discutir alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apre(e)ndem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo”, fazem essa discussão subsidiados principalmente em Linda Nicholson. Afirmam: “(...) o corpo torna-se uma forma de distinção, um modo de classificar, de agrupar, de entender, de incluir ou de excluir. Ele torna-se, enfim, um marcador social, ele não é mais apenas atravessado pela classe, pelo gênero, pela sexualidade, pela etnia, pela geração, mas ele mesmo passa a figurar como um marcador junto com esses outros marcadores” (Ibidem, p. 115).

³⁹ Os corpos de ginastas aproximam-se do modelo ideal hoje culturalmente aceito, da cultura da magreza, do corpo firme, “definido”, porém não muito musculoso. Se na estatura ocorre um afastamento deste ideal, nas demais características, aproximam-se, e estas continuam sendo reivindicadas. Lembro-me de uma conversa com um dos técnicos quando ele elogia os corpos das atletas femininas e fala como eles são vistos e valorizados no ambiente escolar e no ambiente de lazer, como a praia. Essa ênfase aparece também em várias falas de atletas masculinos, quando afirmam que seus corpos se diferenciam de corpos de outras modalidades esportivas, por terem musculatura definida: a maioria dos atletas que entrevistei gosta e faz questão de ter o corpo “muscularmente [inventei a expressão] definido”.

Penso que o hereditário, o inato, o dom, o talento, estão, sobretudo, em apresentar características corporais e esportivas que se aproximam daquilo que uma determinada modalidade assume em determinada época como o ideal (conforme apresentaram as tabelas acima). Pergunto: como fica o místico, o sobrenatural, o talento, o dom para as diferentes modalidades de esportes de alto rendimento em épocas em que tudo está tão esquadrinhado, tabelado, classificado, medido e avaliado? Quais serão as próximas dimensões do imprevisível e da emoção?

Atualmente, para além das qualidades físicas, corporais, que na ginástica artística se resumem em ser forte e flexível na medida certa e não ser alto, existem as características “subjetivas”, que são muito mais rigorosas. Existe quem pensa que estas também são inatas, como coragem em oposição ao medo, segurança, disciplina (compromisso, organização e planejamento), capacidade de resistir à dor, autocontrole, perseverança, ter metas (sonhos, objetivos) e, mais recentemente, atitude⁴⁰ (como uma palavra da moda), além de capacidade de lidar com público, boa linguagem, entre outras.

[...] hoje o privilégio do emprego é oferecido às almas capacitadas, àquelas subjetividades equipadas com as qualidades voláteis mais cotadas no mercado de trabalho contemporâneo, tais como a criatividade, a inteligência e as habilidades comunicativas (SIBILIA, 2002, p. 169).

Estas últimas capacidades serão problematizadas no próximo tópico, onde discutirei as tecnologias do eu.

Sant’anna (1995, p. 12) define assim o corpo: “lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico”. A autora afirma, ainda, tomando emprestadas as palavras de Michel de Certeau, que “cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua” (Ibidem). Como

⁴⁰ Ver: SCHMIDT, Saraf. Ter Atitude: escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

[...] memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo. [...] o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história (Ibidem, p.12).

Pergunto, inspirada em Foucault (1998, p. 147): quais os efeitos de poder que atuam sobre esses corpos? Para esse autor, os investimentos feitos ao corpo na época em que vivemos não têm mais a “forma de controle-repressão” como propagaram, por exemplo, muitas das exigências de algumas formas de ginásticas, mas a forma de “controle-estimulação”, tão presente hoje nos esportes de alto rendimento. Talvez alguns dos efeitos desse poder, que ao mesmo tempo controla e estimula, sejam as possibilidades de recuperação de articulações e membros lesionados, permitindo a retomada da carreira esportiva (voltar às competições), bem como as lesões e as mortes de atletas. Enfim,

Conhecer o corpo é, também, uma tarefa incerta e as certezas acumuladas a seu respeito são provisórias. Pois, cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. [...] Além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos (SANT’ANNA, 2000, p. 50).

O desafio para atletas da ginástica artística e de outras modalidades esportivas de alto rendimento em tempos de biotecnologias, projeto genoma, novas descobertas sobre o corpo e estabelecimento de novas fronteiras entre natureza e cultura, é: “ser capaz de ir além do que jamais se foi” (RIBEIRO, 2003, p. 29). Pergunto: até que ponto a luta por manter um corpo “natural” é legítima no esporte de alto rendimento? Por que é considerado legítimo artificializar o corpo com roupas, assessórios, calmantes, analgésicos, pomadas, *spray*, etc. enquanto outras tecnologias são tidas como ilegítimas?

As novas fronteiras entre natureza e cultura há muito interferem nos esportes de alto rendimento, alterando suas práticas, produzindo novos códigos de pontuação, novos aparelhos de ginástica, novos artigos esportivos. Essa mudança de fronteiras não é tranquila e lida com o “anseio de vencer as barreiras, de derrotar

os limites históricos e, talvez, até biológicos de nossa condição” (RIBEIRO, 2003, p. 33). Para Ribeiro, a separação entre natureza e cultura marcou os limites entre, de um lado, as ciências biológicas e exatas e, de outro, as ciências humanas; o autor defende que vivemos essa separação há pelo menos duzentos anos, porém, o que ocorre no momento atual é o estabelecimento de novas fronteiras dessa separação. Nesta tese, isso implicou não compreender o treinamento como o fator cultural e as características corporais como o fator natureza, mas sim perceber o quanto esses fatores não podem ser discutidos separadamente – ou seja, eles estão o tempo todo implicados na produção, modificação e transformação do corpo de atletas e das modalidades de ginástica. Como defende Silva (2001), o corpo situa-se na interconexão entre cultura e natureza.

Situando-se na interconexão entre o mundo da cultura e o mundo da Natureza, o corpo pode representar um importante foco de reflexão e de indicações em torno do renorteamento do eixo civilizatório, dada a vivência de uma crise de dimensões desconhecidas até então, com implicações éticas e epistemológicas para o futuro da vida no planeta (SILVA, 2001, p. 1).

Feitas essas considerações relacionadas ao conceito de corpo e a articulação entre natureza e cultura, com as quais operei no processo de pesquisa, buscando compreender o corpo como histórico e contingente, como estando o tempo inteiro em constantes transformações, passo agora a escrever como gênero atravessa e dimensiona a educação corporal. Trata-se de uma noção fundamental para entender como nossas vidas são organizadas. É um importante princípio organizador da nossa sociedade e, junto com sexualidade, condição socioeconômica, raça, etnia, idade, etc. constituem nossa linguagem, nossas práticas, nossas formas de compreender o mundo, as pessoas.

Analisar a educação de corpos na modalidade de esporte da ginástica artística, tomando como central o conceito de gênero, implica ler criticamente diversos elementos, entre eles: os aparelhos, as habilidades físicas treinadas distintamente para corpos femininos e masculinos, os espaços de prática, as roupas utilizadas, a linguagem usada por técnicos(as) e atletas, a alimentação e a nutrição, enfim, elementos que frequentemente nos são apresentados como tão “naturais” que se torna difícil questioná-los, criticá-los. O treinamento da ginástica artística

produz e reproduz marcas de gênero nos corpos de atletas. Apresentarei algumas dessas marcas, que são históricas, datadas, e que produzem diferentes efeitos de poder nas vidas de atletas que praticam essa modalidade e daqueles(as) que, de alguma forma, se encontram com ela envolvidos(as).

3.1.2 Relações de Gênero no Processo de Educação Corporal da Ginástica Artística

Uma primeira e óbvia leitura, ao se discutirem relações de gênero na educação corporal de atletas da ginástica artística, implica reconhecer que essa modalidade é dividida em ginástica artística masculina (GAM) e ginástica artística feminina (GAF). Temos uma divisão na ginástica artística entre meninos e meninas, homens e mulheres, como se fossem duas modalidades distintas, com dois códigos de pontuação diferentes, que estabelecem normas e regras diferenciadas para cada gênero.

Início esta problematização considerando as discussões e lutas em relação à participação das mulheres nos esportes. Um fato que chamou minha atenção a partir de um dado produzido no campo é o de que, até algum tempo atrás, o comum na ginástica artística era mulheres treinarem mulheres e homens treinarem homens. A situação mudou quando homens passaram a treinar também as equipes femininas, com argumentos de que as mulheres conseguem resultado muito mais cedo do que os homens, ou seja, chegam às competições com menos idade, e ainda têm apenas quatro aparelhos para apresentação, o que facilita a aprendizagem e o treinamento. Isso gerou uma luta por parte das técnicas de ginástica artística, que se sentiram ameaçadas no mercado de trabalho, resultando na definição regulamentada de quem pode ou não acompanhar atletas no momento de uma olimpíada. O Código de Pontuação da Ginástica Artística Feminina diz que um homem e uma mulher podem acompanhar atletas femininas no ginásio de ginástica durante esse evento, assim como duas mulheres, mas fica proibido a dois homens acompanharem as equipes femininas⁴¹.

⁴¹ O Código de Pontuação da Ginástica Artística Feminina estabelecido pela Federação Internacional de Ginástica, no artigo 2 da parte 1 (que trata das regras para os participantes nas competições), ao falar sobre Regras para Treinadores, diz o seguinte (em relação ao número de treinadores permitidos na área de competição

Se, num determinado momento, houve um movimento de técnicos migrando para o treinamento feminino e se mulheres dificilmente treinam equipes masculinas, estão em jogo questões de diversas ordens, que materializam relações de gênero desiguais em nossa sociedade, especificamente no esporte. O que coloco em suspensão é o fato de mulheres geralmente treinarem mulheres e homens geralmente treinarem homens, embora isso não possa ser analisado sem levar em consideração as concepções que cada técnico(a) estabelece com questões de gênero, indiferentemente de ser homem ou mulher. No ambiente que observei, encontrei homens treinando junto com mulheres as equipes femininas, mas não encontrei mulheres treinando equipes masculinas. Isso também se repete em nível estadual e nacional e é possível que ocorra em nível internacional. Como sugere Miriam Adelmam (2003):

A persistência de grande ambivalência em relação ao *significado* da atividade física e esportiva das mulheres sugere que esta seja um dos mais importantes espaços de conflito relativos à definição da corporalidade feminina na atualidade, com certeza vinculado àquele outro campo de conflito, o da *sexualidade*. (...) Cabe perguntar em que medida a participação esportiva contribui para uma *re-significação* da corporalidade feminina, sendo possível também que prevaleça uma apropriação da atividade esportiva que consegue enquadrá-la dentro de padrões de normatividade social que reproduzem o controle (masculino, ou masculinista) sobre os corpos das mulheres (ADELMAM, 2003, p. 449).

Para essa autora é preciso procurar entender o que está em jogo quando as mulheres entram num mercado historicamente dominado por homens. O que significa ser técnica, ser atleta profissional, tornar-se símbolo do sucesso e da cultura nacional, não buscar o esporte por prazer, por beleza, para manter a forma física, mas ver nele um meio de ganhar a vida, de ingressar em uma cultura anteriormente masculina.

Na ginástica artística e em muitas outras modalidades esportivas, as mulheres começaram a praticar depois dos homens. Apesar de a ginástica artística masculina ter sido uma das primeiras modalidades a participarem das Olimpíadas (1896), o ingresso das mulheres nas competições olímpicas ocorreu somente 32

para países que participam com equipes completas): “1 treinador mulher e 1 treinador homem ou 2 treinadores mulheres; se somente há 1 treinador, pode ser homem”.

anos depois, ou seja, a garantia de esta modalidade praticamente inaugurar as Olimpíadas não significou maior facilidade de inserção das mulheres neste evento.

Conforme apontei acima, existe para a ginástica artística (GA) uma separação bastante evidente que a classifica como duas modalidades distintas pelas entidades representativas: ginástica artística masculina (GAM) e ginástica artística feminina (GAF). Essa marca de gênero da ginástica artística caracteriza-se, por exemplo, no uso de aparelhos: na ginástica artística feminina, os aparelhos utilizados são quatro: trave, solo, mesa de salto e barras paralelas assimétricas. Na ginástica artística masculina, são seis: solo, mesa de salto, cavalo com alça, barras paralelas simétricas, barra fixa e argolas. Na ginástica artística, mulheres competem com mulheres e homens com homens. Observei no ginásio equipes masculinas e femininas treinando separadamente; embora a mesa de salto e o solo sejam aparelhos usados tanto pelas equipes masculinas quanto pelas femininas, atletas dificilmente compartilham num mesmo momento estes materiais e espaços. Estar no mesmo ginásio, em um mesmo ambiente, não significa ter convivência direta durante as sessões de treinamento. Quase sempre, mesa de salto e solo são aparelhos disputados e negociados por atletas mulheres e homens das diferentes equipes, o que pode, inclusive, causar atritos e mal-estar nos relacionamentos.

É possível perguntar: por que os aparelhos são diferentes para homens e para mulheres? Quais as especificidades corporais exigidas para corpos femininos e masculinos e que feminilidades e masculinidades são produzidas na ginástica artística? Parece que a diferença não se localiza apenas no número de aparelhos nos quais competem mulheres (quatro) e homens (seis), mas nas características corporais exigidas para praticar nos aparelhos, nas especificidades dos movimentos corporais das séries de exercícios masculinos e femininos e na própria constituição física desses materiais. A transformação do cavalo para salto em mesa de salto e a permanência do cavalo com alça para a ginástica artística masculina possivelmente estejam também implicadas em questões de gênero. Faço essa afirmação por entender que o cavalo seja o aparelho que mais guarda as marcas de masculinidade produzidas culturalmente. Pergunto: para a ginástica artística feminina, quais as implicações de saltar sobre a mesa de salto ou de saltar sobre o cavalo?

Em relação às características corporais exigidas para praticar nos aparelhos, pode-se dizer que, no naipe masculino, em quatro dos seis aparelhos existentes, os

exercícios são feitos com base nos membros superiores (argola, cavalo com alças, barra fixa, barras paralelas simétricas); apenas salto e solo são feitos com base em membros inferiores. No naipe feminino, entretanto, em três dos quatro aparelhos existentes, os exercícios são feitos com base nos membros inferiores, e apenas um aparelho envolve diretamente os membros superiores (barras paralelas assimétricas). Dessa forma, lesões mais comuns para as mulheres ocorrem nos membros inferiores (joelho e tornozelo), enquanto, para os homens, são mais frequentes as lesões nos membros superiores (ombro). Na contemporaneidade, existe uma valorização das pernas para as mulheres e do peitoral para os homens – marcas culturalmente produzidas que nem sempre se deram dessa forma. Atualmente, a GA reforça essa valorização, contribuindo para a produção de representações de corpos masculinos e femininos e para a reprodução de padrões aceitos socialmente como mais ou menos desejáveis.

Em relação ao conjunto de exercícios corporais esperados de ginastas, também aparecem especificidades culturalmente aceitas como sendo de mulheres ou de homens que podem facilitar ou dificultar a prática da ginástica artística tanto para integrantes do naipe feminino quanto para integrantes do naipe masculino: força, velocidade, potência e explosão estão para o masculino, assim como equilíbrio, flexibilidade, ritmo e leveza estão para o feminino, mas argumento que agilidade e coordenação motora, por exemplo, estão vinculadas aos dois napes. Pode-se pensar, então, em diferentes tipos de força, flexibilidade, equilíbrio, velocidade, etc. para um e para outro naipe. Manter a “postura” também é uma das exigências feitas tanto ao naipe feminino quanto ao masculino, mas são posturas distintas. No feminino, a exigência vem acompanhada da “exibição” e da “elegância”. Durante as observações, ouvi diversas vezes a expressão “*coloca ou cadê a elegância desse corpo*” ou simplesmente “*elegância nesse corpo*” e, ainda, “*fica bem exibida, bem exibida, ergue a cabeça, elegância, ritmo, levanta o queixo, olha os ombros*” (décimo primeiro diário, 21.05.2008).

Postura e elegância – cabeça e ombros erguidos, ponta de pé, alinhamento dos ombros, joelhos e quadril –, juntamente com o uso de roupas justas – *collants* (malhas que se assemelham ao maiô) e calça colada –, tornam o naipe masculino vulnerável a críticas, principalmente para quem associa o uso destes acessórios e a execução desta postura ao universo feminino. A finalização dos exercícios também

corroborar para esta afirmação: *“nosso esporte é estético, a gente trabalha em cima da estética, que vai desde o movimento até a roupa e a forma de se apresentar, a parte coreográfica, a forma de concluir um exercício, de forma suave e delicada”* (entrevista com integrante da equipe técnica masculina, grifos meus). Ao exigir elegância, postura, ponta de pé, etc. para o naípe masculino, a ginástica artística também permite transgredir, ou colocar em suspensão, representações de gênero hegemônicas; isso impede que se fale em reprodução de uma masculinidade hegemônica.

No solo, os exercícios femininos possuem acompanhamento musical e duram entre 70 e 90 segundos, enquanto que os masculinos não possuem acompanhamento musical e duram entre 50 e 70 segundos. Os exercícios masculinos no solo são feitos com base em acrobacias na lateral do aparelho e piruetas, enquanto os exercícios femininos envolvem giro e expressão “artística”.

Outro exemplo significativo que diz respeito à constituição física dos aparelhos, discutido a partir das entrevistas realizadas com atletas e equipe técnica, é o material com que é feita a barra fixa masculina. Sua constituição é de aço, enquanto que as barras paralelas assimétricas usadas pelas equipes femininas são de fibra e revestidas de madeira. Alguns exercícios, feitos tanto por homens quanto por mulheres nesses dois aparelhos, seguem princípios comuns. No entanto, notou-se, numa primeira análise, que o revestimento em madeira das paralelas femininas implica um cuidado diferenciado com a equipe feminina; esse aparelho, constituído dessa forma, é mais lento, mais macio, enquanto que a barra fixa do masculino é mais veloz, mais dura, mais agressiva. Cabe ressaltar que existe o uso obrigatório do protetor de mão para praticar na barra fixa de aço.

A trave, por exemplo, é um aparelho somente feminino, enquanto que a barra fixa, o cavalo com alças e as argolas são apenas masculinos. Durante as entrevistas, desafiei os(as) participantes a pensar sobre por que isso ocorre dessa forma. As explicações dadas quase sempre, relacionavam-se a certa “natureza” dos corpos. *“Já pensou o que aconteceria se um menino caísse de pernas abertas na trave”*, disse-me um integrante da equipe masculina; e uma atleta da equipe principal feminina: *“os meninos sobem na trave, a primeira coisa que fazem é ficar fazendo força com as pernas fechadas, morrendo de medo de cair”*.

Há ainda as barras paralelas, que são assimétricas para as mulheres e simétricas para os homens. Apesar de os nomes serem semelhantes, elas são completamente diferentes. As mulheres usam as pernas para impulsionar e fazer força na realização dos exercícios, enquanto os homens fazem a maior parte dos movimentos com os braços. No início da pesquisa, confundia a barra fixa, aparelho somente masculino, com as barras paralelas simétricas, justamente por tomar como referência as barras paralelas assimétricas do feminino. A barra fixa aproxima-se muito mais das paralelas assimétricas do que as paralelas simétricas

Cartwright (1995), ao discutir como as interpretações da imagem médica (ultrassonografia e ressonância magnética) são influenciadas pelo senso comum sobre gênero, sexualidade e identidade cultural, defende que uma tecnologia ou um equipamento sempre está implicado em relações sociais; eles, que parecem neutros e inquestionáveis, são influenciados por diferentes opiniões. Meu interesse foi procurar entender como os aparelhos de ginástica constituem e estão constituídos por diferenças de gênero e, com isso, como eles acabam produzindo também corpos específicos que podem ou não reproduzir representações dadas hegemonicamente na cultura. O fato de a trave ser um aparelho somente para mulheres e de as argolas e o cavalo com alças serem para homens, além de as barras paralelas serem diferentes e de o solo ser praticado em tempos diferentes e com ou sem coreografia, é o que me permite fazer esta associação. A imbricação de gênero e sexualidade entre corpos masculinos e femininos também se faz presente na discussão sobre os aparelhos de ginástica artística usados por mulheres e por homens. Parece que existe, na maioria das vezes, em algumas modalidades, uma tentativa de afastamento de características de atletas-homens e atletas-mulheres, bem como a busca por uma não-imbricação.

O uso de aparelhos que reforçam valências físicas (características físicas) valorizadas ou marcadas socialmente como parte dos atributos femininos ou masculinos enfatiza padrões comumente aceitos em uma sociedade. A modalidade não é a única responsável por inventar seus aparelhos, suas formas de praticar. Antes disso, ela nos apresenta em seus espetáculos aquilo que circula em nossa sociedade. Apresentar gestos e movimentos corporais que estejam de acordo com os padrões de feminilidade e masculinidade, que sejam aceitos socialmente, é o que faz a prática da ginástica artística com suas equipes femininas e masculinas: aos

meninos, cabe aguentar a dor em silêncio, enquanto que as meninas podem expressar seus sentimentos através do choro. Os aparelhos carregam qualidades atribuídas ao mundo feminino ou masculino.

Trago o exemplo de uma atleta brasileira de ginástica que nos últimos anos ganhou grande visibilidade. Daiane dos Santos destaca-se em dois aparelhos da ginástica artística feminina (salto e solo). Segundo explicações frequentes, isso ocorre por ela ter iniciado muito tarde na modalidade e não ter tido um desenvolvimento técnico necessário para executar com maior rendimento os outros dois aparelhos: trave e paralelas. Com o exemplo dessa atleta, posso afirmar que o esporte marca seu corpo, pois a marca ocorre nos movimentos que ele pode, consegue realizar com maior ou menor perfeição. Essas marcas, feitas em seu corpo pelo esporte de alto rendimento, estão atravessadas por questões de gênero. Vivências anteriores fazem com que essa atleta possua maior facilidade em desenvolver movimentos amplos, de velocidade e explosão. Tais movimentos diferenciam atletas que tiveram acesso a eles e atletas que têm maior facilidade em executar movimentos ditos mais refinados, que envolvem o ritmo, o equilíbrio, a técnica, a precisão, a calma, a concentração (comuns para a trave e paralelas). No momento em que essa atleta realiza o salto duplo *twist* carpado, já realizado por atletas da ginástica artística masculina – salto que acabou levando seu sobrenome (dos Santos) –, ela rompe fronteiras de gênero, deixando marcas no esporte e desafiando os limites entre o masculino e o feminino.

Como o esporte de alto rendimento tem lidado com a questão das diferenças de habilidades físicas entre atletas mulheres e atletas homens? Que estratégias de organização das competições são utilizadas para garantir a participação de homens e mulheres? Tais estratégias rompem com o par binário masculino-feminino ou continuam mantendo hierarquias nas diferenças entre ser mulher e ser homem? Quando os sentidos das diferenças entre os gêneros são abalados e quando as distinções e os limites se fortalecem? Essas são questões amplas que formulei ao iniciar a pesquisa, buscando relacionar o tema da educação corporal de atletas com questões de gênero. Não tive a pretensão de responder tais questionamentos e fui elaborando-os à medida que acompanhava as discussões feitas por Louro (2004) no livro *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Eles me auxiliaram na elaboração das análises que ora apresento.

Na ginástica artística, continua existindo uma separação bastante evidente e um cuidado para manter nos corpos de atletas feminilidades e masculinidades culturalmente aceitas para cada sexo, embora em alguns momentos essas fronteiras estejam bastante borradas. Em outras modalidades de esportes, a discussão torna-se ainda mais complexa. O que é mesmo um corpo feminino e um corpo masculino? Talvez a necessidade de considerar essas fronteiras sem sentido se faça urgente. Ser forte e competitivo é algo que culturalmente associamos ao universo masculino, mas a força e a competitividade no meio esportivo passaram a ser valências-características também desejadas (necessárias) por mulheres atletas.

Segui pensando nessa imbricação entre corpos femininos e corpos masculinos, acompanhando também discussões recentes sobre o caso de uso de *doping* (Rebeca Gusmão) e a questão do sexo ambíguo (Semenya). Isso faz pensar como fica a questão de atletas transexuais, como é o caso da judoca Edinanci da Silva e da jogadora de vôlei Érika Kelly Coimbra, que tiveram que fazer a cirurgia “reparadora de sexo” e passar por testes de feminilidade. Para Louro (2004):

Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as conseqüências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens. Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem históricos e situados. Os corpos são “datados”, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial (LOURO, 2004, p. 89).

Para esta autora, as significações atribuídas aos corpos são sempre arbitrárias, disputadas, relacionais, construídas em cima de normas e regras preestabelecidas. Contudo, como qualquer norma se constitui em uma invenção social, alguns sujeitos as repetem, as reafirmam, e outros buscam delas escapar.

Meyer (2003), reconhecendo a importância que o conceito de gênero teve para os estudos feministas, ao retomá-lo historicamente em suas diferentes definições, afirma que um dos pontos de convergência dessas diferentes formulações do conceito é que com ele

[...] pretendia-se romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resulta em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a – ou complementava a – noção de sexo e pretendia referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado (MEYER, 2003, p. 15).

Para a mesma autora, nessa forma de operar com o conceito de gênero – ou seja, como uma construção social –, assume-se uma “natureza” biológica e universal do corpo e do sexo. Meyer assume, no entanto, o conceito de gênero ressignificado, complexificado e ampliado pelas teóricas feministas pós-estruturalistas (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; WEEDON, 1999; NICHOLSON, 2000), que não aceitam mais pensar gênero e sexo (tomado, aqui, como anatomia corporal *dada*) separadamente.

Linda Nicholson (2000) defende que não existem dados fisiológicos usados em todas as culturas que, portanto, distinguiriam homens e mulheres. Ela se despede de qualquer fundamento essencialista para o gênero que viria da biologia e que aceita a distinção entre gênero (como aquilo que é socialmente construído, como referente ao comportamento, à personalidade) e sexo (aquilo que é biologicamente dado, referente ao corpo). A autora assume que gênero constitui o sexo, e não o contrário – o sexo seria subsumido pelo gênero, nomeado pelo gênero.

Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüísticas implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003, p.16).

As discussões sobre o conceito de gênero e sexualidade, vindas principalmente da teoria *queer*, questionam a relação direta entre sexo, gênero e sexualidade. Louro (2004) explica assim:

Certa premissa, bastante consagrada, costuma afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele. Essa seqüência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto). [...] A ordem “funciona” como se os corpos carregassem uma essência desde o nascimento; como se corpos sexuados se constituíssem numa espécie de superfície pré-existente, anterior à cultura (LOURO, 2004, p. 80-81).

Garantir que a prática de ginástica não afete, principalmente, a masculinidade ou a feminilidade dominante/hegemônica parece ser um dos cuidados exigidos no treinamento esportivo e nos esportes em geral. Não podemos negar que a inserção da mulher na ginástica artística (e em muitas outras modalidades) tenha significado muito para as conquistas das mulheres no mundo esportivo. No entanto, é preciso também reconhecer que muitas das diferenças entre ser mulher e ser homem se mantêm e que essas diferenças frequentemente reforçam hierarquias que colocam mulheres e homens em situações de desigualdade: para as atletas femininas de ginástica artística, graciosidade, leveza, ritmo, etc. (“meninas dóceis, emotivas, fracas, dependentes”); para os atletas masculinos, força, valentia, determinação, etc.

Observei equipes masculinas, femininas e mistas (caso das escolinhas) em treinamento num mesmo ambiente (ginásio). As relações de gênero aparecem de forma ainda muito tradicional. Se, por um lado, homens precisam comprovar constantemente sua masculinidade, visto que historicamente a ginástica (em geral) se aproxima do mundo feminino, por outro, mulheres devem manter distância de características masculinizantes, visto que o trabalho de força, a competitividade, a inserção no mundo profissional esportivo, etc. se aproximam do mundo masculino.

No que diz respeito às questões de gênero e masculinidades, o esporte pode ser pensado de diferentes formas. Cito duas delas a partir das leituras que fui realizando. Uma é olhar para o esporte como um dos atributos desejáveis (que atravessa várias épocas) para aqueles que buscam a masculinidade hegemônica, a qual está relacionada a ser “jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom

peso e boa estatura, e com algum recorte esportivo recente...” (KIMMELL, 1998:106, p.7, grifo meu). A outra é vê-lo como um meio para corrigir uma masculinidade subalterna não-desejável: “o esporte é tido como uma espécie de antídoto para a feminilização, um lócus propício para a construção da masculinidade, porque apresenta aspectos de competição, violência e combate que, mesmo ritualizados, são considerados atributos da masculinidade” (CECETTO, 2004, p. 77).

Acredita-se que os homens, ao submeterem-se às normas e disciplina rígidas exigidas no treinamento para participar de competições esportivas, estariam, ao mesmo tempo, se preparando para se tornar independentes, provedores, viris, ágeis, fortes, trabalhadores, controlados e muitos outros atributos. O esporte é uma das formas de se produzir virilidade, ser ativo, dominante, e assim poder aspirar aos privilégios de gênero; ele pode ser olhado como um importante formador desse homem com “H” maiúsculo – esse homem que não pode ser comparado às “mulheres e aos homens gays, que têm servido como visões clássicas da identidade de gênero subalterna” (KIMMELL, 1998, p.116). Essas duas formas de pensar as relações entre esporte e masculinidade (como um atributo desejável da masculinidade hegemônica ou como um meio de afastamento da masculinidade subalterna) misturam-se, mesclam-se; uma depende da outra, assim como a construção da masculinidade hegemônica somente se torna possível através da existência da masculinidade subalterna e de outros estilos de masculinidade.

À medida que o ideal hegemônico de masculinidade se estabelece, este é criado por ocasião a um feixe de “outros”, cuja masculinidade foi problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno emergem em mútua e desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero (gendered) (KIMMELL, 1998, p.103).

Para o autor:

[...] os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, em diferentes períodos históricos, entre homens em meio a uma só cultura e no curso de uma vida. Isso significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança” (Ibidem, p.106).

No entanto, na ginástica artística, parece que estas duas visões não se encaixam tão bem. O fato de a ginástica no geral, independentemente da modalidade, ser mais ligada ao mundo feminino traz pontos polêmicos para as representações de homens e masculinidades, e parece que este é um caminho a ser percorrido, por vezes bastante caro, para atletas homens que optam pela ginástica.

Pergunto, então: por que a masculinidade tem que ser constantemente provada? Quais são as diferentes masculinidades que convivem nos clubes esportivos? Como elas são representadas? Existe, no campo esportivo, uma diversidade de tipos (estilos) de masculinidades, ou nele somente é possível a construção da masculinidade hegemônica?

Observa-se que, no campo esportivo, ocorreram transformações; as mulheres estão mais presentes e hoje participam de quase todas as provas olímpicas, marcam presença no futebol, etc. Apesar de saber que a simples inserção da mulher em modalidades esportivas não garante a igualdade dos sexos, pergunto: será que a participação das mulheres no campo esportivo (do futebol⁴², por exemplo) afeta, ameaça a masculinidade hegemônica, a reforça ou, ainda, faz ambas as coisas?

Um dos desafios que me coloquei durante a pesquisa foi o de buscar apreender e significar diversas experiências do masculino e do feminino nas práticas esportivas e compreender construções distintas de gênero masculino e feminino através dos esportes. Busquei olhar para o campo esportivo em uma perspectiva relacional. “O tema da masculinidade deve ser tratado não de maneira separada, mas sempre em relação com a feminilidade e outras dimensões sociais” (GARCIA, 1998, p.35).

Passo agora a fazer uma discussão sobre a educação corporal de atletas da ginástica artística, enfatizando as tecnologias do eu e as tecnologias de dominação e analisando como o corpo é educado, o tempo inteiro, em um exercício do sujeito sobre si mesmo e do sujeito na relação com o outro. Desenvolvo uma análise de como ocorre a educação corporal da ginástica artística a partir das cinco dimensões propostas por Larrosa (1995) para pensar a experiência de si: o ver-se, o expressar-se, o narrar-se, o julgar-se e o dominar-se. Busco articular práticas, discursos que foram emergindo da produção de dados, com a teorização.

⁴² Falo do futebol por ele ser o esporte brasileiro predominantemente masculino, assim como se poderia falar do boxe, do judô, das lutas em geral, do automobilismo, do turfe. Já como práticas comuns para as mulheres, enquadram-se a ginástica rítmica, o nado sincronizado e as danças, entre outras.

3.2 O QUE AS COISAS QUE FAZEMOS FAZEM DE NÓS

[...] a idéia do que é uma pessoa, ou um eu, ou um sujeito, é histórica e culturalmente contingente, embora a nós, nativos de uma determinada cultura e nela constituídos, nos pareça evidente e quase “natural” esse modo tão “peculiar” de entendermos a nós mesmos (LARROSA, 1995, p. 40-1).

Assim como Larrosa (1995) analisou, a partir do conceito de tecnologias do eu, as práticas pedagógicas nas quais se desenvolve, se medeia, se transforma e se produz certa experiência que as pessoas têm de si mesmas (p. 36), procurei analisar o treinamento esportivo dessa forma – como uma prática pedagógica que desenvolve, medeia, modifica a experiência de si, para que cada um se aproxime de uma representação almejada de ginasta de alto rendimento, presente no ginásio de treinamento e no contexto geral da ginástica artística, ao mesmo tempo em que produz e transforma atletas de determinadas formas. Entender que formas são essas, que particularidades elas têm, que discursos as produzem, que mecanismos e estratégias esses discursos colocam em prática e o modo como transformam seres humanos em sujeitos no contexto esportivo – pessoas (crianças e jovens) em atletas (de alto rendimento, de alta performance) – foi meu desafio.

Larrosa (1995) afirma que, com o conceito de tecnologias do eu, é possível apreender modos através dos quais a pessoa humana se fabrica no interior de certos aparatos, entendendo-se as práticas pedagógicas como produtoras de pessoas. Ele trabalha com o conceito de tecnologias do eu desenvolvido por Michel Foucault (1990), que diz respeito a práticas nas quais um indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo. Tais práticas permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com ajuda de outros, um certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. Tais procedimentos existem em qualquer civilização e são propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de um certo número de fins.

Observo que, em algumas práticas correntes no treinamento, em alguns discursos presentes nas entrevistas que realizei, existe todo um trabalho de ver-se,

dizer-se, expressar-se, julgar-se, governar-se e de conhecimento de si que atletas desenvolvem sobre si mesmos(as), sobre seus corpos, para pertencerem ao grupo de ginástica artística, seja ele no âmbito local, estadual, nacional ou internacional. Estas práticas de si articulam-se com as tecnologias de dominação, que, no meio esportivo, dizem respeito principalmente aos interesses das instituições que preparam/"formam"/detectam atletas; às organizações esportivas, que organizam regras, normas e competições esportivas; aos patrocinadores, que, ao financiarem atletas, vendem seus produtos; às mídias; às equipes médicas e de treinamento; a atletas reconhecidos e bem-sucedidos; etc.

As relações de poder, que envolvem, ao mesmo tempo, tecnologias do eu e tecnologias de dominação, não se dão em uma única direção, mas compõem redes de interesse e poder que se estabelecem em diferentes direções, frequentemente relacionadas a quem têm mais força no jogo de interesse econômico, político e científico. Para Foucault, o controle externo das condutas, "tecnologias de dominação", combina-se com o autogoverno e com um conjunto de tecnologias do eu que acaba por produzir um determinado tipo de pessoa autogovernável. "Se para governar é preciso conhecer os indivíduos a serem governados, para autogovernar-se é necessário conhecer-se a si próprio" (SILVA, 1995, p. 192). Nesse sentido, o governo é compreendido por Foucault como o conjunto de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens.

Foco especialmente na análise das experiências de si dos sujeitos envolvidos com essa modalidade, não deixando de reconhecer a existência do governo com suas formas de dominação. Ao defender que o treinamento esportivo, enquanto prática pedagógica, como dispositivo pedagógico do esporte de alto rendimento, produz pessoas de determinadas formas, não pretendo negar que na maioria das vezes o que se faz é mediar e modificar a experiência de si, dentro daquilo que já é almejado no mundo da ginástica artística e que está relacionado aos parâmetros definidos pela confederação e federações. No entanto, nesse mesmo processo, a possibilidade de produzir novas subjetividades, novas práticas, também se engendra. O objetivo pretendido foi ir além de uma noção de poder disciplinar, buscando compreender a complexidade das relações no interior do ginásio e no interior da instituição esportiva de alto rendimento. Trata-se de uma tentativa de analisar a partir do biopoder, "um tipo de poder fundamental para o desenvolvimento

do capitalismo, cujo objetivo é produzir forças, fazê-las crescer, ordená-las, canalizá-las, em vez de barrá-las ou destruí-las” (SIBILIA, 2002, p. 163).

Para Silva (1995), estas formas de governar, próprias das sociedades em que estamos vivendo, estão baseadas não somente em estratégias externas de controle, mas no autogoverno dos indivíduos. O controle externo da conduta – *as tecnologias de dominação* – combina-se com o autocontrole – *as tecnologias do eu* – para produzir o sujeito autogovernável das sociedades modernas. No entendimento desses autores, trata-se da existência de uma racionalidade que estimula ao mesmo tempo a totalização e a individualização; que busca formar sujeitos (atletas) independentes, autônomos e responsáveis que consigam medir as consequências de suas ações, no caso esportivo, relacionadas ao que pode acontecer se ingerirem comida em excesso, se não dormirem/descansarem o necessário, se ultrapassarem o limite do corpo, se chegarem atrasados ao treino, etc. Como afirmam César e Duarte (2009), “o novo sujeito econômico ativo deverá produzir-se a si mesmo por meio das novas tecnologias informacionais, corporais e cognitivas no sentido de torná-lo um empreendedor de si mesmo” (CÉSAR E DUARTE, 2009, p. 123). Corrobora Sibilía (2002):

[...] hoje é função de cada indivíduo conhecer suas tendências e administrar seus riscos, numa forma de autopolicimento privado que implica o dever de lutar contra o próprio destino, ultrapassando os limites da própria configuração biológica com a ajuda da tecnociência fáustica. (SIBILIA, 2002, p.199).

E, ainda, conforme resume Castel apud Sibilía (2002):

A nova estratégia do biopoder: “mobilizar os indivíduos expostos às suas próprias limitações, para que assumam a exigência de administrá-las”. Tornando-se **gestores de si** (grifos do autor), planejando as próprias vidas como os empresários delineiam as estratégias de seus negócios, avaliando os riscos e fazendo escolhas que visem a maximizar a sua qualidade de vida, otimizar seus recursos pessoais e privados, gerenciando as opções de acordo com parâmetros de custo-benefício, performance e eficiência (Ibidem, p.197).

A instituição esportiva também trabalha na fabricação desta racionalidade, deste sujeito. Ao mesmo tempo em que individualiza, totaliza. Coloca-se a serviço

da constituição de sujeitos que podem ser vistos no universo esportivo como únicos, mas que simultaneamente parte de um mesmo contexto que os torna iguais a muitos outros, assumindo falas, narrativas, modos de ser, vestir, falar e alimentar-se comuns a qualquer atleta. Enfatizo novamente que isso não os torna sujeitos alienados, pouco conscientes, impossibilitados de resistir ao poder que vem de fora.

Para citar exemplos desse sujeito empreendedor de si mesmo, autônomo, produzido também no meio esportivo, recorro ao momento vivido por uma atleta da ginástica artística reconhecida internacionalmente. No ano passado, acompanhei na página da internet de Jade Barbosa vendas de camisetas para ajudar na recuperação de uma lesão no punho. Não é apenas essa atleta que vende produtos para um fim específico, neste caso, administrar recursos para tratamento médico. Atletas de outras modalidades também possuem lojas virtuais, com suas marcas, com produtos esportivos. Parece que vender produtos com marcas próprias, produtos personalizados, tornou-se uma prática comum no universo esportivo. Compreendo que esse processo, ao mesmo tempo em que atribui responsabilidades esportivas maiores para um sujeito individual, retirando responsabilidades das instâncias esportivas maiores, acaba produzindo atletas com capacidades de ampliar sua reputação e condição econômica, sujeitos donos de si, empreendedores de si mesmos.

Nessa perspectiva, na tentativa de aproximação com o campo esportivo, sublinho que, simultaneamente atletas fazem o esporte e o esporte faz atletas de formas muito particulares, mexendo, alterando, transformando até mesmo aspectos físicos e fisiológicos dos corpos. Ao mesmo tempo em que atletas fazem o treinamento, o treinamento os(as) faz de forma singular. Trata-se, aqui, de pensar sobre *aquilo que as coisas que fazemos fazem de nós*. Portanto, faz sentido perguntar também quais os efeitos que incidem nos corpos no processo de treinamento e sobre a durabilidade e permanência (ou não) de tais efeitos nos corpos.

Na ginástica artística, não se pode fazer qualquer coisa, nem fazer de qualquer maneira. A busca pela “perfeição estética”, manifestada na fala da equipe técnica e de atletas durante a pesquisa, sugere que é possível sempre fazer coisas consigo para se tornar ainda melhor. A referência constante àquilo que se toma como imperfeição, nesse contexto, implica o esforço, também constante, de buscar

algo que não está pronto, que não existe, que ainda está por vir. Retomarei essa discussão mais adiante, ao falar de duas das dimensões da experiência de si: o ver-se e o julgar-se.

O treinamento, compreendido como uma prática pedagógica, ensina sobre como ser uma pessoa controlada, confiante, disciplinada, madura, concentrada, resistente. Como diz Larrosa (1995), delimitar o que é ser uma pessoa formada e sã implica, paralelamente, delimitar o que é ser uma pessoa não-formada e insana. Observei cenas do treinamento em que, reiteradas vezes, uma determinada atleta era tomada como “medrosa” ou como “preguiçosa”, portanto, não poderia mais estar naquele espaço. Ao se dizer isso especificamente em relação a uma atleta, diz-se também como os(as) demais devem ser: o tempo todo cheios(as) de vontade e corajosos(as). O treinamento, como um dispositivo do esporte, contribui para a formação de um sujeito são e maduro, definido normativamente em termos de autoconsciência e autodeterminação. Porém, muitas vezes, esse processo tem suas brechas, suas falhas: surgem as lesões, os dias de “preguiça” de atletas, o não-comparecimento aos treinos.

[...] quando as estratégias externas de governamentalidade entram em conflito com a imagem que os indivíduos possuem de si mesmos, uma certa dissonância num sentido de inquietude pode ser criada e pode levar à contestação no nível pessoal e possivelmente no nível organizativo (BURCHELL apud LUPTON, 2000, p. 19).

Nem sempre atletas seguem à risca o programa de treinamento que lhes é atribuído. Na maioria das vezes, o árduo, o diário, tão presentes nas falas que afirmam que o treino é puxado e extenuante ou que ele ocorre todo dia, é vivenciado exatamente dessa forma, com muito rigor. Isso varia de atleta para atleta, cada qual com suas capacidades de cumprir o programa de treinamento que lhe é colocado ou de a ele resistir, com tudo o que o processo de treinamento envolve.

Larrosa (1995), subsidiado pela teoria foucaultiana, principalmente pelo conceito de experiência de si, propõe “não considerar as práticas como espaços de possibilidades, [como] entorno organizado ou [como] oportunidades favoráveis para o desenvolvimento da autoconsciência, da autonomia ou da autodeterminação, mas como mecanismos de produção da experiência de si” (p. 44). Assim, ele critica e

inverte a lógica para pensarmos as práticas pedagógicas e/ou terapêuticas, definidas como “espaços institucionalizados onde a verdadeira natureza da pessoa humana – autoconsciente e dona de si mesma – pode desenvolver-se e ou recuperar-se”⁴³. Propõe que a “verdadeira natureza humana” seja pensada em relação às condições históricas de sua produção, em sua contingência e provisoriedade. Larrosa (1995) define a experiência de si como sendo “aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc.” (p. 43). Mais do que isso, ele situa o conceito de experiência de si, tal como Foucault, como uma experiência histórica e culturalmente contingente, como algo que deve ser transmitido e aprendido. “Toda cultura deve transmitir um certo repertório de modos de experiência de si e todo novo membro de uma cultura deve aprender a ser pessoa em alguma das modalidades incluídas nesse repertório” (p. 45). Ainda assim,

Qualquer prática social implica que os participantes tratem os outros participantes e a si mesmos de um modo particular. Quem são os participantes para si mesmos e quem é cada um para os outros é essencial à natureza mesma de qualquer prática social. Portanto, aprender a participar em uma prática social qualquer (um jogo de futebol, uma assembléia, um ritual religioso, etc.) é, ao mesmo tempo, aprender o que significa ser um participante. Aprendendo as regras e o significado do jogo, a pessoa aprende ao mesmo tempo a ser um jogador e o que ser um jogador significa (Ibidem, p. 45).

“Foi lá por 11 ou 12 anos que eu fui realmente perceber onde é que eu estava, fui ver que poderia ser uma carreira”, afirma um dos atletas mais antigos da equipe principal masculina que observei. Este atleta começou a treinar entre os seis e sete anos de idade; com 11, começou a competir em nível nacional; aos 13, afastou-se da ginástica por três meses, retornando em seguida; aos 17 anos, passou a receber remuneração no esporte. Ele tem vinte anos de treinamento em ginástica artística. Conta que desistiu da ginástica nesse curto período (três meses) por querer ir ao *shopping* com os amigos e jogar bola na rua, coisas que gostaria de

⁴³ Não são poucas as vezes que discursos relacionados aos esportes enfatizam essas características, principalmente aquelas relacionadas ao “recuperar-se”. Como exemplo disso, podemos citar as inúmeras afirmações sobre a possibilidade do esporte de afastar as pessoas (crianças e jovens) do uso de drogas.

fazer, mas que o treinamento impedia devido à falta de tempo. Sua família e os bons profissionais que tinha na época “cataram-no” e levaram-no de volta ao esporte.

Pergunto, então, o que é ser atleta da ginástica artística e o que ser atleta dessa modalidade significa? Que regras, que modos de ser e de comportar-se devem ser aprendidos para que se possa ser integrante deste grupo? Essas são questões que o texto de Larrosa (1995) permite formular e que me auxiliaram durante a pesquisa para compreender como o treinamento constitui a experiência de si, como ele produz determinados tipos de pessoas, de corpos. O desafio foi compreender esse movimento educativo a partir de, no mínimo, duas práticas não apenas inseparáveis, como também concomitantes: de transmissão da experiência do mundo aliada à construção da experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros. Nas palavras do autor: “tanto o que é ser pessoa em geral como o que para cada uma é ser ela mesma em particular” (LARROSA, 1995, p. 45).

Quais são as marcas do grupo de praticantes da ginástica artística? Que marcas as pessoas que chegam a este grupo começam a *incorporar*, principalmente as relacionadas à forma de vestir, comer, falar, lidar com o corpo, etc.? São pessoas (crianças, jovens, adultos), que se encontram em determinadas circunstâncias culturais e que se envolvem no / são envolvidos pelo esporte de alto rendimento, que desperta, entre outras coisas, algo tão subjetivo como o desejo de superar-se, de ser alguém na vida, de vencer, de ser o número um.

O treinamento esportivo, visto como um dispositivo pedagógico⁴⁴ do esporte de alto rendimento, que educa corpos, é constituído por várias dimensões que identifiquei na pesquisa subsidiada pelos escritos de Foucault (1990 e 2000) sobre as *tecnologias do eu* e as reflexões de Larrosa (1994) a partir dos mesmos estudos. Algumas dessas dimensões envolvem: silêncio e concentração: ver-se; disciplina e repetição: expressar-se; inquietude e superação: narrar-se; maturidade e competitividade: julgar-se; coragem e controle: dominar-se.

As subjetividades de atletas são constituídas (também ou principalmente) por exercícios de treinamento em que procurei relacionar, o ver-se com práticas de fazer silêncio e concentração no interior do ginásio de ginástica, práticas que parecem

⁴⁴ “Dispositivo pedagógico” está sendo usado no sentido proposto por Larrosa (1995, p.57): “qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. [...] sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas”.

envolver certa interiorização do olhar. O expressar-se (colocar para fora o que foi aprendido) através de formas particulares, que envolvem a rotina do treinamento; entre elas, as que ganharam maior visibilidade foram a repetição constante de exercícios, de movimentos corporais, e a disciplina necessária para se chegar ao alto rendimento. Explorei também o narrar-se a partir de duas formas comuns de falar de si mesmo, presentes principalmente nas falas de atletas durante as entrevistas, quais sejam: a de contar-se como alguém que não consegue parar, o que chamei de inquietude, e a capacidade de resistir ao trabalho duro/intenso dos treinos, a superação, que pode levar, inclusive, à ascensão social, constituindo os(as) atletas como vencedores(as). Na dimensão do julgar-se, foi possível pensar o que ocorre quando atletas, ao ver-se, expressar-se, narrar-se, entram no domínio de regras, leis e normas a serem buscadas e seguidas na ginástica artística. O julgar-se é a dimensão privilegiada; ele faz ver-se, narrar-se, expressar-se. Atletas julgam-se segundo valores e princípios diversos, dentre os quais, evidencio no texto a busca constante pelo resultado. A competitividade quase intrínseca faz com que atletas lidem o tempo todo com a condição de ser o melhor, o número um, junto à exigência por maturidade colocada a crianças e jovens, ainda que não tenham ingressado na vida adulta.

É como se o sujeito da reflexão, além de possuir a capacidade de ver-se, tivesse também um critério ou padrão que lhe permitisse avaliar o que vê, criticar-se. E esse critério, seja ele imposto ou construído, absoluto ou relativo, é o que lhe permite estabelecer o verdadeiro e o falso do eu, o bom e o mau, o belo e o feio (LARROSA, 1995, p. 74).

Por fim, em relação ao domínio sobre si, o dominar-se, busco refletir sobre o paradoxo enfrentado por atletas, pela equipe e por responsáveis de lidar com a coragem, com o estímulo a dar o máximo de si, com o forçar atletas até seu limite e, ao mesmo tempo, terem de exercer o controle sobre si, o controle do corpo. Na reflexão da relação paradoxal da coragem e do controle, a aprendizagem de sentir dor, o controle do peso corporal (ou da fome) e o controle do choro são tópicos que procuro analisar.

[...] os humanos, ao se relacionarem consigo mesmos sob formas particulares, dotam-se de determinadas capacidades, tais como: compreender a si mesmos, falar de si mesmos; colocar a si mesmos em ação; julgar a si mesmos (ROSE, 2001, p.145).

3.2.1 Silêncio e Concentração: ver-se

Aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas (BERGER, et al, 1972, p. 12).

Argumento que o silêncio no ginásio e a capacidade de concentração exigida de atletas funcionam durante as sessões de treinamento esportivo na produção da experiência de si, exigindo o exercício de observar a si próprio, de reconhecer-se como ginasta de determinada forma. Fazer silêncio e adquirir ou exercitar a concentração podem ser vistos como exercícios que promovem o ver-se. Os exercícios realizados pelos(as) atletas, comumente de forma silenciosa e concentrada, bem como os ensinamentos da equipe técnica, transmitidos frequentemente apenas por olhares, com todo tipo de discursos que os tornam possíveis, possibilitam formas de autoconhecimento aos(às) ginastas, formas de ver-se e de exteriorizar as performances que conseguem realizar.

O olhar, compreendido como um importante e recorrente instrumento na prática pedagógica nas sessões de treinamento esportivo, exercido na maioria das vezes em silêncio e concentração, tanto por atletas quanto pela equipe técnica ou por outras pessoas envolvidas com o treinamento, possibilita o ver-se. Os(As) ginastas são estimulados(as) a ver a si mesmos(as) na figura de atletas mais evoluídos(as) ou com capacidade de execução de exercícios cada vez mais difíceis, complexos, “perfeitos”, visto que naquele ambiente treinam atletas de diferente nível técnico, desde iniciantes até integrantes da seleção brasileira de ginástica. O indivíduo é levado a reconhecer-se e identificar-se em imagens dispostas para isso. Cessar ruídos e conversas, abster-se de falar, centrar-se, focar-se, não deixar a mente se desviar, pois ela é um “olho que pode conhecer”, ver coisas, ver o próprio sujeito que vê – tudo isso faz parte dos desafios de manter-se concentrado, em silêncio, realizando os exercícios da ginástica artística.

Muitas das operações próprias do poder se realizam e se efetivam no olhar, por meio do olhar. (...) O olhar relaxado, confortável, benevolente, superior (um olhar de pálpebras levantadas), de qualquer pessoa em posição de autoridade contrasta com o olhar humilhado, atemorizado, de reverência (um olhar de pálpebras abaixadas) da pessoa em posição inferiorizada (SILVA, 1999, p. 60-1).

Neste texto, Silva (1999) teoriza sobre a relação do conceito de representação e visão em sua articulação com o poder. Ele critica a centralidade dada ao olhar na modernidade, como se este fosse capaz de revelar algo tal como é, e lhe atribui a mesma dimensão de um discurso, ou seja, o olhar institui um jeito de conhecer, de ensinar, de exercer uma pedagogia.

Cabe ressaltar que o olhar relaxado, benevolente e superior pode não ser o olhar lançado pela equipe sobre atletas, mas acontece também entre atletas com maior ou menor experiência, entre integrantes da equipe que ocupam diferentes lugares no treinamento ou, ainda, entre responsáveis, familiares, visitantes e espectadores. Essa mesma lógica ocorre também com o olhar humilhado, atemorizado, de reverência, embora, em minha leitura, esse olhar normalmente seja mais comum em atletas ou integrantes da equipe que ocupam posição inferior quanto ao conhecimento sobre a ginástica artística. Para atletas, ele pode ser também facilmente relacionado com quem apresenta maior dificuldade de cumprir e respeitar as regras, as normas, de seguir a disciplina exigida nesses locais, e os xingamentos costumam ocasionar este segundo tipo de olhar.

Durante as observações, era comum ver atletas treinando individualmente em um dos aparelhos de ginástica por longos períodos. Uma atleta pode passar 30, 40 minutos ou mais treinando na trave, por exemplo, ou em qualquer outro aparelho da ginástica, sendo observada pela equipe técnica à distância, o que também ocorre com integrantes das equipes masculinas. Atletas repetem inúmeras vezes os mesmos exercícios, os mesmos movimentos e a mesma sequência em um mesmo aparelho. Ficam concentrados(as) individualmente. Mesmo quando treinam junto com outros(as) atletas, as conversas são curtas, em tom baixo. Algumas vezes, embora estando próxima, quase não conseguia escutar o que era dito. As relações entre atletas ou entre técnicos(as) e atletas frequentemente se estabelecem por olhares, sorrisos, expressões faciais. Observei também a equipe técnica chamar a atenção de pequenos grupos de atletas por estarem conversando demais enquanto

treinavam em um mesmo aparelho, com pouca concentração e possibilidade de o treino virar uma brincadeira caso o silêncio e a concentração não fossem seguidos à risca.

Neste tópico, busco relacionar a centralidade assumida pelo olhar nas sessões de treinamento esportivo com o ver-se, um dos dispositivos pedagógicos das práticas de si. Compreendo que o olhar, entendido como uma prática pedagógica, permite que, em silêncio e concentração, atletas eduquem seus corpos, voltem seu olhar para dentro de si (ver-se) e executem determinadas operações que, junto com outras, os(as) tornem ginastas de formas particulares.

I.E.T. Na ginástica, a gente busca, preza a perfeição. (...) Se tu pegares um bom ginasta e olhares os mínimos e mínimos detalhes em câmera lenta ou em uma fotografia, tu vais ver a perfeição da posição do dedo, da ponta de pé, do joelho estendido, da posição da cabeça. Todos os segmentos corporais estão alinhados de forma a mostrar uma beleza plástica diferenciada, que mexe com a gente simplesmente pelo olhar.

Ver em si próprio(a) essa perfeição, essa sequência de gestos, esse alinhamento corporal passível de se identificar “*simplesmente pelo olhar*”, conforme o trecho acima, é um dos objetivos a serem atingidos por ginastas desta modalidade. Trata-se de uma forma de olhar para si que necessita de plasticidade, de “perfeição” e de alinhamento corporal que possam ser identificados pela fotografia ou em câmera lenta, como explica a integrante da equipe técnica ao ser entrevistada.

Durante as observações das sessões de treinamento, ouvia algumas vezes comparações irônicas em relação ao modo de fazer outras práticas corporais, entre elas, a prática da capoeira e das atividades circenses⁴⁵. Evitar a realização de movimentos feitos com o corpo mole, semelhantes àqueles executados na capoeira – como a ginga, a batida, o molejo – ou àqueles relacionados à arte circense e, sobretudo, ao fazer pelo fazer torna-se uma exigência para atletas da ginástica artística. Assim, tomar distância corporal dos movimentos executados nessas duas práticas é uma aprendizagem e um cuidado necessário a ginastas. Estes (as) devem buscar a retidão, o alinhamento, a perfeição, o encaixe corporal, próprios da forma

⁴⁵ Dizer “*parece que está fazendo capoeira ou que está no circo*” é comum entre alguns integrantes da equipe técnica quando querem chamar atenção para a realização incorreta de posturas e exercícios.

científica e moderna de exercitar o corpo. É uma forma que visa à competição, que permite que cada um(a) tenha um estilo próprio ou faça os movimentos de forma particular apenas para avançar em cima daquilo que já existe. Ainda, suprimir desta forma de prática corporal o que por vezes existe de divertido, do fazer pelo fazer, do lazer e da ludicidade⁴⁶, presentes com maior intensidade tanto na capoeira quanto nas atividades ligadas ao circo⁴⁷, torna-se, em muitos momentos, uma obrigação.

A centralidade do olhar no processo educativo que se desenvolve nos treinamentos chamou minha atenção durante vários momentos da pesquisa, o que me demandou buscar formas de lidar teoricamente com ele. Compreendo que observações lançadas (olhares) sobre corpos infantis visando a “detectar” características visíveis e desejáveis para esta modalidade significam o início da educação corporal de atletas, ou seja, onde começa a educação de um corpo específico para atletas da ginástica artística. As observações lançadas podem ser de treinadores(as), professores(as) de escola, familiares, etc. Trata-se de corpos que importam, corpos olhados, previamente avaliados ou talhados que chegam ao treinamento esportivo da ginástica artística. Ali, em meio ao trabalho disciplinado e rotineiro das sessões de treinamento, são lapidados e treinados para competir, lidar com a dor, executar movimentos difíceis e complexos a fim de fazerem parte do ser atleta da ginástica artística. Uma criança que executa saltos mortais, sobe em árvores, fica de ponta-cabeça em barras de parquinhos de diversão, se lança de um obstáculo a outro e se caracteriza por determinada estatura pode vir a ser encaminhada para o teste de ingresso na modalidade. São esses olhares, lançados sobre os corpos desde muito cedo, que vão definir em seu processo inicial de educação quem merece investimentos.

⁴⁶ “*Muito riso, pouco juízo, como já dizia minha avó*”. Expressão usada por integrante da equipe para chamar a atenção de atletas que riam e conversavam entre si.

⁴⁷ Não estou me referindo aqui ao circo e à capoeira em sua forma profissional, que também absorveram os códigos de esportividade presentes no esporte de alto rendimento.

IET: Tem um biótipo bem característico da ginástica que é o porradinho. Que a criança, tu vês, a criança com dois, três anos, bem torneadinha, ombros bem delineados, braços necessariamente não muito grandes. Não precisa ser anão, foi-se o tempo em que no ginásio só tinha baixinhos. É claro, não dá para ter um metro e oitenta. Estatura mediana. Essa característica do esporte, a gente costuma dizer para os pais, é uma característica que tu nasceste com ela. (...) Ou tu és, ou tu não és, isso aí está no gene. É genético. (...) Olhou para a criança e viu torneadinha, porradinha, bah, fazer um testezinho, se ela tem uma boa coordenação motora, aí tu trabalhas. Aí tu tens que ver vários aspectos, que é uma questão da criança. É uma criança que consegue administrar o medo, a superação?

IET: Entre cinco e seis anos, ainda têm o lúdico, o brinquedo, mas já são crianças que a gente começa a colocar o olho, para ver se podem vir a suprir alguma equipe de base (...) já começamos a dar uma selecionada. Dificilmente a gente pega com cinco, mas com seis a gente já pega para a pré-equipe, se for o caso.

Muitas coisas são ditas nestes dois depoimentos de integrantes da equipe técnica ao falarem sobre características corporais importantes para ser atleta da ginástica artística. Entre elas, afirma-se que são características “*que tu nasceste com elas*”, “*que está no gene*”, “*que é genético*”, expressões passíveis de serem questionadas no referencial teórico com que estou trabalhando, conforme desenvolvi no tópico anterior, ao tratar do conceito de corpo e de articulações entre corpo, natureza e cultura.

“*São crianças que a gente começa a colocar o olho, para ver se pode vir a suprir alguma equipe de base. A criança, tu vês. Olhou para a criança e viu*”. E ainda: “*tem que ver vários aspectos*”. A frequência com que o olhar é mencionado nestes depoimentos me fez trazê-los para este tópico com o objetivo de analisar o quanto o olhar funciona como uma ferramenta da pedagogia esportiva exercida nas sessões de treinamento. Ele serve para detectar, selecionar, avaliar, acompanhar atletas e seus corpos. Atua na modificação, transformação e educação de corpos para o esporte de alto rendimento (da ginástica artística). É um olhar quase sempre silencioso, concentrado, quieto, porém, que educa, que ensina modos de ver, se comportar, agir, etc.

As metáforas ligadas à visão têm sido muito importantes na nossa tradição cultural, na medida em que a visão tem sido celebrada enquanto sentido privilegiado capaz de fazer uma mediação acurada e fidedigna entre nós e a realidade, ou seja, mostrar como é *mesmo* o mundo (VEIGA NETO, 2002, p. 24).

É comum, por exemplo, na passagem de atletas que fazem parte das escolinhas de base do clube para a pré-equipe, equipe intermediária ou equipe principal, o corpo ter sido bastante observado. Durante as observações, presenciei falas em duplas, em pequenos grupos, sobre partes do corpo produzidas, transformadas, desejáveis para determinado aparelho. Falas com admiração sobre partes dos corpos desejáveis para atletas. Exemplos: dizer que as coxas de determinada atleta eram musculosas, perfeitas, fortes. Para ingressar em uma equipe mais avançada de treinamento, os corpos são olhados, estudados e esquadrihados pela equipe técnica.

O que está em jogo ao se atribuir essa ênfase para o olhar, visto que ele serve como a forma privilegiada de detectar o talento⁴⁸? Qual a relação do olhar com a construção do biótipo, do geneticamente dado, do natural, enfatizados no depoimento acima? É possível no treinamento relativizar o olhar, não tomá-lo com tanta certeza, como capaz de mostrar as coisas tal como elas são?

Embora não seja uma regra, a baixa estatura para futuros(as) atletas da ginástica artística é buscada, através do olhar, e coloca-se como um “ideal” corporal. Perguntar se a ginástica “*encolhe*”⁴⁹ é uma das questões presentes na vida de ginastas, técnicos(as), responsáveis, familiares, enfim, pessoas que fazem parte deste universo, chamado em algumas instâncias de mundo da ginástica ou da Grande Família da Ginástica⁵⁰. Comprovar que o corpo “*não encolhe*” é outro desafio neste universo.

Se tomarmos a estatura do corpo na ginástica artística como um “invariante”⁵¹ corporal para afirmar que os corpos baixos já estão predestinados a essa modalidade, assumiremos que essa prática não torna os atletas baixos, como muitas polêmicas em torno da *especialização precoce* defendem. No entanto, ao assumirmos a existência do hormônio de crescimento e os riscos de lesões e fraturas em partes do corpo (*epífises ósseas*), o que pode alterar o crescimento, estimulando-o ou impedindo-o, podemos afirmar que a estatura, como um “invariante” corporal na ginástica artística, continua existindo. Mais ainda, é possível

48 Não por acaso existem os “olheiros”.

49 Expressão usada por um atleta durante a entrevista.

50 Ver, por exemplo, o site da Confederação Brasileira de Ginástica.

51 Assumo aqui o entendimento de Ortega (2008) quando defende a existência de uma antropologia mínima para os corpos. Esse autor vai defender que não podemos transformar nossos corpos no que quisermos pela existência desses invariantes corporais, embora estes também possam ser modificados.

dizer que novos “invariantes” podem ser produzidos, tanto no que se refere ao aumento da estatura (hormônio do crescimento) quanto em relação ao não-crescimento (lesões nas epífises ósseas).

Isso ocorre também se pensarmos não apenas no hormônio de crescimento ou nos riscos de lesões em partes cruciais do corpo para seu crescimento, mas em termos de tecnologias “não-invasivas” do corpo, produzidas nos aparelhos de ginástica. O comprimento e a altura da trave, da barra, das paralelas e do cavalo, a distância entre os barrotes das barras paralelas assimétricas na ginástica artística feminina, etc. – tudo isso está relacionado com a estatura de atletas. Nas entrevistas que realizei com a equipe técnica, uma integrante defendia a estatura como um requisito, afirmando que *“até pai e mãe a gente vê”* e explicando que observam, na sala de recepção, os pais e as mães quando levam ou buscam as crianças para o treino. Já outro integrante diz: *“foi-se o tempo em que, para se praticar ginástica, tinha que ser baixinho”*.

Em relação ao tamanho do corpo, trago aqui um trecho do diário de campo. Desde o início das observações, a estatura coloca-se como algo importante para mim, como pesquisadora:

Hoje observei um atleta apagando a luz do banheiro, localizado no hall de entrada no ginásio. Ele salta para apagar a luz por não alcançar o interruptor. (quinto diário, 16.04.2008).

Se, num primeiro momento, associei isso apenas à estatura, é porque estive naquele espaço marcada por uma representação de corpo que busquei encontrar ali. Também se pode ler esse fato como decorrência da localização do interruptor, que dificulta que atletas de pouca idade o alcancem, ou de inúmeras outras formas. Em duas entrevistas que realizei, a questão da altura também foi tratada de forma “lúdica” por um atleta e por uma técnica:

A: Quando se está em uma vila olímpica, olha de longe e observa. Quando vê aquele monte de anãozinho, afirma: óóó!!! Olha a ginástica chegando.

IET: Até pai e mãe a gente vê quando trazem os filhos para o ginásio.

Nesta última fala, a integrante da equipe técnica refere-se ao “biótipo” que se procura para atletas da ginástica artística. Segundo sua compreensão, são crianças que, provavelmente, por serem filhos (as) de pais e mães baixos (as), não vão crescer muito.

Embora o olhar esteja voltado para um determinado tamanho de corpo e exista estímulo para ver-se de determinada maneira, com determinada forma de execução dos movimentos na ginástica, que preza a perfeição, como dito anteriormente, pude pensar em várias possibilidades de educação desses corpos. Eles são ao mesmo tempo corpos comuns e diferentes: comuns porque a maioria dos(as) atletas possui estatura considerada baixa e poucos(as) têm estatura considerada mediana⁵². Diferentes porque se diferenciam no ginásio por possuir características vantajosas para um ou outro aparelho, por estarem mais ou menos próximos à altura e ao peso desejado, etc.

Atletas distinguem-se entre si, no ginásio, em função de seus corpos. Por exemplo: ombros largos facilitam a execução nas argolas; pernas compridas dificultam a execução no cavalo com alças; quanto maior a altura, maior a dificuldade de execução dos exercícios na trave e no solo; braços compridos e mãos grandes facilitam a execução em todos os aparelhos, etc. Estas são especificidades importantes para cada aparelho, características desejáveis ou não que fazem parte dessa educação corporal. Existem diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esportes, porém, entre tipos específicos de corpos que caracterizam uma modalidade, existem distinções mínimas que podem, dentro de determinado contexto, assumir um valor muito significativo e importante.

Acompanhar os diferentes níveis de formação de atletas, visualizando seu crescimento, a passagem do corpo infantil para o corpo jovem e deste para o corpo adulto, permitiu ampliar minha forma de compreender e pensar os corpos de ginastas como múltiplos, diversos. Isso não significa negar que acidentes possam ocorrer. Atletas podem sofrer alterações em sua estatura em função do treino extenuante. A ginástica artística de alto rendimento trabalha com o limite do corpo,

⁵² Cabe aqui abrir parênteses para perguntar sobre quem considera baixa ou mediana a estatura, com que padrões são feitas essas determinações e, ainda, sobre a questão do talento, do biótipo, que, como disse anteriormente, são expressões caras para o referencial que estou operando.

com muito risco para os corpos, que, através de movimentos extremamente técnicos, precisos, complexos, desafiam partes vitais do corpo (exemplo: fraturar o pescoço). Assim, podem também ocorrer acidentes que possibilitariam alterações no crescimento, mas **são exceções, não a regra**.

A altura é um importante marcador de corpos de atletas da ginástica artística, assim como pouca gordura corporal e quadril estreito; para as equipes femininas, seios pequenos devido à maturação tardia e à falta de gordura; para a equipe masculina, ombros largos, musculatura dos braços e peito bem definida, etc. Os (As) atletas são previamente selecionados(as) através do olhar a partir de características que apresentam seus corpos, pois a ginástica artística de alto rendimento, tal como está organizada hoje (código de pontuação, exigências de série e elementos, constituição de equipamentos, etc.), beneficia quem apresenta menor estatura.

O olhar materializa-se em diferentes formas no interior do ginásio: seja o olhar lançado pelo outro através da janela de vidro que configura a arquitetura do ginásio, descrita anteriormente, seja o olhar de responsáveis, familiares e acompanhantes que ficam no *hall* de entrada do ginásio. Também há o olhar de atletas para outros(as) atletas; ou o olhar nos espelhos fixados no interior do ginásio; ou o olhar da equipe, que por meio dele conduz o treinamento, reclama do que não está bem e elogia o que está bem. Ainda, o olhar materializa-se na concentração necessária e assumida com frequência por atletas que treinam solitariamente em um aparelho como se nada estivesse acontecendo à sua volta. Há também o olhar cabisbaixo, que sugere um olhar para o interior (ver-se), e o silêncio no ginásio, que propicia, estimula também um voltar-se para si próprio.

Olhar reto, olhar fixo, olhar voltado para frente, olhar no espelho, olhar cabisbaixo, olhar com o queixo erguido, olhar exibido, olhar alegre, olhar em lágrimas, olhar escondido, olhar profundo, olhar superficial, olhar disciplinador, olhar controlador; olhar que julga, olhar que elogia, olhar que humilha, olhar que estimula; olhar prazeroso do(a) espectador(a); olhar a arte, olhar os bastidores, olhar o trabalho; olhar triste de atleta saindo do ginásio após ser mandado embora por técnico; olhar de atleta para frente, sem voltar para os lados, em concentração; olhar de cima para baixo, de quem já esteve no pódio; olhar para o chão, olhar dos(as) visitantes da janela de vidro, olhar de atletas e da equipe técnica aos(as) visitantes, olhar dos(as) responsáveis e familiares da sala de recepção, olhar furioso de quem não vai perder o equilíbrio emocional por ser desrespeitado(a), olhar brabo; enfim, o ver-se é constitutivo das tecnologias do eu e de dominação que atletas exercem sobre si mesmos(as). Corpo que se produz a partir do outro, corpo que se produz a partir de muitos olhares, que corrigem, ensinam, julgam, se autocontrolam (espelho) e se apreciam. Olhar que contempla, olhar que comemora, olhar... (vigésimo terceiro diário, 11.07.2008).

Esse corpo que, frequentemente, possui altura baixa, que é esquadrihado pelo olhar e que aprende em silêncio, em concentração, a voltar-se para dentro de si necessita de disciplina e repetição para buscar a perfeição do gesto, para expressar-se de determinada forma. Silêncio e concentração juntam-se com disciplina e repetição, constituindo assim as práticas de si que atletas executam sobre seus corpos (e almas) individualmente e/ou com auxílio do outro. Essas práticas de si tornam possível o ver-se e o expressar-se de formas particulares.

3.2.2 Disciplina e Repetição: expressar-se

*Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente
(FOUCAULT, 1999, p. 130).*

A disciplina pode ser compreendida tanto como os diferentes campos de saber que compõem as diferentes áreas de conhecimento, quanto como forma de controle e regulação do social. Neste tópico, refiro-me à disciplina no que diz respeito a esta última forma de compreendê-la, ou seja, a disciplina exercida sobre os corpos dos sujeitos. No campo esportivo, ela se dá como uma maneira de tornar os corpos eficazes, eficientes, controlados em seus atos para que atinjam seus objetivos, no menor tempo possível e com o menor gasto de energia. Para Foucault (1987), a disciplina

[...] implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação constante de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1999, p. 118).

A disciplina é uma anatomia política do detalhe (ibidem. p. 120).

O que busco argumentar aqui é que, na ginástica artística, a disciplina se exerce principalmente através da “repetição” de exercícios e movimentos corporais e do controle da alimentação, do sono, do descanso, dos horários a serem cumpridos,

enfim, das rotinas, que procuro descrever abaixo a partir dos dados produzidos no campo. Ser incansável, repetir, retomar, não desistir, corrigir, obedecer e organizar fazem parte do processo de tornar-se ginasta de alto rendimento.

Para Foucault (1998), a disciplina constitui-se em um novo mecanismo do poder, que se diferencia do poder soberano. O autor aponta a existência deste novo poder a partir dos séculos XVII e XVIII: “este novo mecanismo de poder apóia-se mais nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos. É um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância (...)” (FOUCAULT, 1998, p. 187-88).

No trabalho sobre si mesmos(as) que atletas realizam nas sessões de treinamento esportivo, a disciplina e a repetição colocam-se como duas necessidades para se chegar à expressão que o corpo manifesta. Ser disciplinado(a) e ter paciência para repetir os mesmos exercícios fazem parte da educação corporal de atletas. Busco analisar aqui, na dimensão do trabalho sobre si mesmo apontada por Larrosa (1995) e Rose (2001), como o expressar-se, ou colocar a si mesmo(a) em ação, depende desses pressupostos.

Disciplina e repetição são práticas fundamentais na promoção do expressar-se. Como chego a essa expressão que meu corpo manifesta? Quais são os exercícios que efetuo sobre mim mesmo(a), sozinho(a) ou com auxílio de outros(as) para alcançar tal expressão? Como chego a um determinado tipo (nível) de expressão corporal?

Início este tópico transcrevendo abaixo alguns depoimentos de atletas quando contam, no momento das entrevistas, como é sua rotina em um dia comum de suas vidas. A pergunta feita nas entrevistas tinha como principal objetivo saber sobre a rotina individual vivenciada por atletas. Após a análise desses excertos, escrevo, a partir das observações de campo, um pouco da rotina das sessões de treinamento e suas principais metas:

A: Acordo, tomo café, vou para a escola. Minha mãe me busca na escola e leva minha marmita, como no carro, chego ao União, espero o treino, treino cinco horas ou três horas e meia, depende do dia, nas segundas, terças, quartas, quintas, sextas e sábados pela manhã. Espero a Kombi e vou para casa, tomo banho, janto e durmo.

A: Acordo às 7 horas, saio às 07h20min de casa. Meu colégio começa às 8. Eu saio às 12 horas, almoço às 12h30min. Venho para cá às 13h30min para chegar às 14. E volto para casa, chego lá às 20 horas. Eu como e depois vou brincar um pouco.

A: Acordo às 07h30min, saio de casa às 8 horas, chego à faculdade às 9 horas. Tenho aula das 09h10min até as 11 de um período, depois das 11h10min até as 12h50min de outro período. Desço para o União, almoço, dou uma descansada. Aí começa a rotina de treino, né, que, tipo segunda, vai das 14 até mais ou menos 19h30min. Depois saio, faço um lanche e espero a van que nos leva daqui. A van sai às 20h30min daqui. Chego em casa às 21h30min, janto, dou uma estudada, assim, quando tem prova na semana, e vou dormir umas 11, 11 e meia.

Essas três rotinas, contadas dessa forma, por três diferentes atletas, apontam pontos semelhantes relacionados à maneira de expressar-se de quem visa a ser atleta de alto rendimento da ginástica artística. Disciplina e repetição são características exigidas não apenas em exercícios no interior do ginásio de ginástica, mas também na forma de vida assumida pelas crianças e jovens entrevistados(as). O detalhamento com que se narra a distribuição do tempo nos trechos acima, como o exemplo do horário a ser cumprido e das horas, contadas em números, para estar em determinado local ou para fazer algo, constitui formas de expressão de ginastas. Ser disciplinado, repetir dia após dia a mesma rotina e sequência de exercícios e dar um ritmo para o corpo e para a vida podem representar, para algumas pessoas, uma mesmice, ou até mesmo um sofrimento, porém, para outras, significa controle, determinação, sucesso. Durante a pesquisa, ouvi manifestações de pessoas que não se tornaram atletas de alto rendimento e que passaram a atuar em outras instâncias da modalidade esportiva, afirmando que não “*nasceram para sofrer*”. Acompanhei também o relato de um integrante da equipe técnica, manifestando sua satisfação por um ex-atleta ter conseguido um bom emprego em uma grande empresa graças à sua vivência no mundo esportivo. Esse integrante atribui ao esporte o mérito pela inserção do atleta no mercado de trabalho, sobretudo porque desenvolve capacidade de disciplinar-se naqueles que o praticam. Segundo o depoimento, o emprego foi concedido ao atleta (trabalhador) pelo seu vínculo ao esporte de alto rendimento, que teria lhe ensinado uma forma peculiar de ser: um sujeito disciplinado, cumpridor de regras, obediente, responsável, etc.

Ir para a escola (uma minoria, para a faculdade), fazer temas, estudar para as provas, fazer as refeições, dormir e, se possível (se o corpo ainda aguentar), brincar e relaxar, vendo TV ou navegando na internet, é uma rotina comum entre atletas, que se diferencia em aspectos importantes, como, por exemplo, a maneira como eles(as) chegam e vão embora dos treinos, ou seja, como fazem seu deslocamento. Chegar ao clube caminhando, de ônibus, de carona, com carro próprio, de motocicleta, ou viajar 30, 40, 60 minutos, uma hora e meia ou duas horas faz diferença e é constitutivo do processo de educação corporal. Atletas deslocam-se dos municípios de Alvorada, Viamão e Canoas e dos bairros Menino Deus, Azenha, Cohab, Partenon, Vila Jardim, Jardim Vila Nova, Santana, Cidade Baixa⁵³, etc. Uma minoria faz suas refeições no restaurante do clube; outra parte almoça em casa, ou mesmo no interior do carro, conforme o relato acima. A qualidade da alimentação, o acesso a alimentos mais ou menos saudáveis e energéticos, o cuidado e orientação familiar, o apoio para os estudos, enfim, a rotina muda entre atletas. No interior do grupo, existem condições diferentes para exercer e viver a rotina e a condição de atleta. As distâncias, o uso ou não do meio de transporte oferecido pelo clube, a localização da escola, o fato de receberem ou não bolsa em escola particular, a alimentação, o sono, a moradia, as roupas, etc. contribuem para definir quem é quem no interior do ginásio, nas sessões de treinamento, no mundo da ginástica.

Essas marcas em relação ao transporte, à alimentação, à educação escolar, à forma de vestir, etc. são atravessadas pela condição socioeconômica de atletas e suas famílias (responsáveis) e colocam-se como desafios no ginásio de ginástica, no trabalho da equipe técnica, na batalha pela busca do sucesso no esporte. Uma das preocupações manifestadas durante a pesquisa pela equipe técnica foi como dar conta de tantas coisas ao mesmo tempo, ou seja, treinar, alimentar, vestir, dar apoio psicológico, etc. Relatos de integrantes da equipe que forneceram alimentação, roupas e até mesmo moradia para atletas de seu grupo são frequentes. O cuidado ao dizer que a forma de tratar atletas é a mesma, indiferentemente às condições socioeconômicas, e a afirmação de que o “*treino é o mesmo*”, de que no interior do ginásio “*todos são tratados como iguais*” (sabendo de todas as nuances envolvidas

⁵³ Cidades satélites e bairros de Porto Alegre que se diferenciam, entre muitos aspectos, pelas distâncias em relação ao clube e por condições socioeconômicas.

nesse processo), foram também preocupações manifestadas por integrantes da equipe de treinamento.

A preparação do corpo para estar no ginásio manifesta uma forma peculiar de expressar-se que envolve também nesta ação disciplina, rotina e repetição de tarefas. A montagem inicia antes de entrar na sessão de treinamento, quando atletas devem vestir-se “adequadamente”, “livrar-se” dos calçados, estar com o corpo “em dia”.

Louro (2004) discute a forma como as *drag queens* montam e fabricam seus corpos. Afirma a autora: “a montaria consiste na minuciosa e longa tarefa de transformação de seu corpo, um processo que supõe técnicas e truques (...). É nesse momento que a drag efetivamente incorpora, que ela toma corpo, que ela se materializa e passa a existir como personagem” (LOURO, 2004, p. 84-5). Comparo aqui a montagem da *drag* com a montagem de ginastas porque esse processo de montagem do corpo antes de colocá-lo em prática se dá de forma semelhante. Entendo que ginastas, principalmente femininas, passam por esse processo, que envolve intervir, esconder, agregar, expor – ou seja, possibilidades de entrar em cena como atletas, como personagens do mundo esportivo, são também possibilidades de se fantasiar e assumir uma identidade.

No universo feminino: uso de malhas, sunquíni, bermudas, blusinhas, cabelos presos, penteados, frequentemente decorados com gel, brilhos e acessórios; para as meninas, também se faz necessário o uso de bermudas de *cotton*, de short (durante o ciclo menstrual). No universo masculino: camisetas, short, bermuda, calça de ginástica.

No âmbito masculino, o uso de malhas, quase sempre, restringe-se aos momentos de competição – dificilmente atletas masculinos treinam de malha. Ainda em relação ao universo masculino e ao uso de roupas, algumas vezes encontrei no ginásio atletas integrantes da equipe principal treinando sem camisa, apenas de short ou de bermuda. As equipes masculinas mudam a roupa conforme o aparelho em que treinam: ou usam short (solo, salto, barra fixa e argolas), ou usam calças compridas (cavalo e barras paralelas simétricas). A calça produzida especialmente para fazer ginástica artística é malha e, segundo depoimentos de atletas e equipe, facilita a execução dos exercícios corporais e ao mesmo tempo protege as pernas contra impactos nos aparelhos. Por isso é usada ao realizar os exercícios no cavalo

com alça e nas barras paralelas simétricas. Apesar de a calça ser de malha, percebo que existe um cuidado ao ser produzida para que não marque demasiadamente o corpo de atletas masculinos. Integrantes da equipe principal mudam de roupa no fundo do ginásio e, às vezes, é possível presenciar a troca; atletas das equipes intermediárias usam o banheiro.

Em dias frios, abrigos, calças de *cotton*, blusas básicas de lã, camisetas de manga longa, meias, polainas de diversos tamanhos, sapatilhas, etc. entram no modo de vestir deste grupo de atletas. A montagem do corpo com a roupa “adequada” é realizada no clube, em casa ou em outros locais, antes de se entrar na sessão de treinamento. Cabelos e malhas são preocupações maiores no universo feminino e exigem tempo maior de preparação. O uso de bermudas coladas ao corpo (meia de nylon cortada), duas peças (sunquíni) ou blusinhas por cima das malhas segue tendências, reproduzem o que atletas em destaque no mundo da ginástica estão vestindo. Cabe salientar que, mesmo que todas as atletas passem por essa rotina de usar malhas e de andar com o cabelo bem preso, as diferenças nas escolhas e nos estilos fazem-se presentes. Cores, tecidos, combinações, malhas usadas em diferentes competições, cabelos com mechas, coloridos, unhas pintadas, etc. constituem espaço de exercer individualidades, marcar identidades, constituir grupos na ginástica artística.

As roupas e pertences de atletas são guardados em prateleiras que ficam expostas no *hall* de entrada do ginásio. Roupas, calçados, mochilas, bolsas, malas, pastas, etc. são encontrados nesse *hall*, que ao mesmo tempo serve de guarda-roupa e abriga aqueles(as) que aguardam atletas em treinamento ou aula, principalmente alunos(as) das escolinhas. Atletas da equipe principal possuem um armário no fundo do ginásio, no lado oposto ao *hall* de entrada, onde guardam suas roupas e pertences, efetuam trocas e buscam os acessórios necessários para o treino em cada aparelho.

Como afirma Segalem (2002), “vestir-se constitui a primeira das etapas de separação do mundo comum” (SEGALEM, 2002, p. 72). Trata-se da efetivação de certos processos no corpo que o afastam do mundo comum, conforme diz essa autora. É através do vestir-se que a pessoa incorpora, assume o ser atleta, o personagem atleta.

A vestimenta da ginástica feminina tem um estilo curto, colante, que exhibe o corpo, pernas assumem o nu. Na ginástica masculina, tanto o estilo comprido quanto o curto entram em ação; a malha colante permanece a mesma, exibindo tronco e membros superiores, enquanto que calça ou short são trocados. No momento das competições, atletas masculinos, como atores, mudam essa peça de roupa.

Macneill (2006) corrobora a discussão sobre as vestimentas de atletas quando faz referência aos maiôs compridos, que envolviam o corpo inteiro de atletas, oferecidos pela Speedo nas Olimpíadas de Verão: “Nas olimpíadas de 2000, pela primeira vez na história recente, a natação deixou de ser um evento de skins (pele) como a mídia se refere a esportes como a ginástica feminina e alguns eventos do atletismo onde os atletas exibem pernas e braços nus” (MACNEILL, 2006, p. 18).

Identifico, então, a vestimenta como uma primeira rotina que envolve disciplina e repetição na preparação (montagem) do corpo e de atletas da ginástica artística. Ela é aprendida e exercitada em diferentes níveis, desde o momento em que atletas começam a frequentar o ginásio de ginástica, e também se constitui na educação corporal.

Atletas com maior experiência possuem mais autonomia, vestem-se em locais próprios, guardam seus pertences em armários predeterminados. Adentram no ginásio e treinam mais individualmente. Os (As) mais novatos (as) vão entrando no ginásio e aguardam seu grupo e a equipe técnica para iniciar o treino. Esperam fazendo exercícios, ficam parados(as), jogam vôlei com cubo de espuma, leem livros, etc. A pré-equipe masculina que observei durante a pesquisa geralmente se coloca em frente ao seu técnico em ordem de tamanho, do maior ao menor atleta, para iniciar o treinamento. Alunos(as) das escolinhas aguardam no *hall* de entrada o chamado de seu(sua) técnico(a).

Após a preparação do corpo e o ritual de início do treino é feito um aquecimento. Para as equipes principais de atletas, isso envolve corrida pelo ginásio, aquecimento das articulações e alongamentos, estes conduzidos pelo(a) técnico(a) ou por atletas. Em seguida, dá-se início ao treinamento por aparelhos. A passagem de atletas pelos aparelhos constitui o maior tempo das sessões de treinamento – eles(as) treinam diariamente em torno de 40 a 45 minutos por aparelho, observando-se que nem todos os dias é possível treinar em todos os aparelhos. O restante do tempo é distribuído na preparação física, em que o trabalho

de força e a flexibilidade se evidenciam. O trabalho de força comumente é feito no início e no final do treino, assim como o alongamento. Atletas auxiliam-se entre si e recebem ajuda da equipe para segurar, apoiar, empurrar, forçar partes do corpo. A preparação física gira em torno da flexibilidade, do trabalho de força e da atividade aeróbica (corrida para aquecer ou para perder calorias, assim como caminhada e corrida na esteira para quem apresenta necessidade maior de perder peso), enquanto que a preparação técnica ocorre na repetição das séries de exercícios realizadas nos aparelhos. Atletas costumam dizer que, ao contrário do que muitos pensam, quando as competições se aproximam, o treino é “*menos puxado*”, mais leve.

Dominar destrezas diferentes para cada aparelho exige características específicas e muita precisão, “perfeição” técnica. Com isso, treinar diariamente, com exceção apenas dos domingos e feriados (nem todos), torna-se quase uma obrigação. Nas falas de atletas e equipe técnica, esse é um diferencial importante em relação a outras modalidades esportivas, que não exigem tamanha precisão. “*Manter o nível*”, para usar a expressão de um atleta da equipe principal, implica manter uma rotina de treinamento e uma dieta adequada, embora nem todos(as) vivenciem com tamanho rigor sua condição de atleta ou tenham orientação para assim proceder.

Nas sessões de treinamento, os (as) atletas dedicam horas de investimento em treinamento físico, visando principalmente à flexibilidade e à força, e em treinamento nos aparelhos, visando ao domínio das performances e à criação de elementos e séries de elementos que condigam com o código de pontuação da ginástica. Além do desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais para a ginástica artística, as equipes femininas fazem aulas de balé, orientadas por pessoa especializada que auxilia na montagem das coreografias para apresentação nas competições. Todo o trabalho corporal é desenvolvido no ginásio; apenas a fisioterapia (“*fazer gelo*”) é feita no departamento médico do clube.

Durante o treino, são poucos os instantes em que atletas não estão no ginásio. Pedem licença para ir ao banheiro e beber água e não costumam lanchar no período em que treinam. Para além dessa rotina que evidenciei acima, atletas também são responsáveis por preparar os aparelhos para a realização dos exercícios. Ajustam alturas, deslocam aparelhos de apoio, montam o local para

realização das atividades. As paralelas necessitam de um cuidado e de um tempo maior de preparação: é usado mel e borrifadas de água com o objetivo de melhorar a aderência, e lixa, que serve para remover o magnésio e o mel, antes de aplicá-los novamente. Lixar as paralelas faz parte da rotina de atletas (normalmente os(as) mais experientes). O magnésio nas mãos e pés é utilizado também para treinar nos demais aparelhos.

Integrantes dos diferentes grupos (equipes - turmas), com frequência treinam separados, ou seja, são poucos os momentos em que estão no mesmo local. Circulam pelo ginásio, treinando em aparelhos diferentes. Levei um tempo para perceber o funcionamento dessa organização, pois atletas de uma mesma equipe podem, por exemplo, estar treinando em lados opostos do ginásio. No início das observações, tive dificuldades para observar a quantidade de coisas que aconteciam ao mesmo tempo. São diversos grupos, com diferentes níveis de aprendizagem, sendo orientados por diferentes pessoas. Em um primeiro momento, deixei meu olhar livre; depois, fui acompanhando equipes, separei por sexo e também fiz observações inteiras de apenas uma pessoa: atleta ou integrante da equipe técnica. Para as equipes intermediárias, a observação podia ser mais sistemática, visto que treinam de forma mais concentrada, em um mesmo local do ginásio. Técnicos(as) acompanham seus(suas) atletas de longe, de perto, de muito perto (quando auxiliam em determinado exercício).

No final do treino, muitos vestem as roupas (mesmo sem banho) no *hall* de entrada do ginásio, onde ficam as prateleiras e os pertences, e preparam-se para ir embora. Após o treino, observei atletas jogando futebol ou basquete nas quadras de entrada do clube, outros(as) nas piscinas, outros(as) sentados(as) em cadeiras das mesas dispostas na entrada do clube, no restaurante, na portaria, etc.

Não estar acima do peso “ideal” para a realização dos exercícios é um dos grandes desafios para muitos(as) atletas, principalmente para as meninas que se aproximam da juventude. Retomarei mais adiante essa importante característica na educação corporal, que está diretamente implicada no dispositivo pedagógico das tecnologias do eu tratado por Larrosa (1995) como o controlar-se.

A força e a flexibilidade precisam ser treinadas até um determinado limite, precisam ser controladas para estar no limite necessário, pois ser forte e flexível demais é considerado um problema na ginástica artística. Diferenciar o corpo

definido do corpo forte é um aprendizado que atletas realizam, e ser flexível demais “*deixa o corpo mole*”, conforme a expressão usada por atletas ao serem entrevistados(as). Corpo definido (e não forte) e flexibilidade na medida certa tornam-se partes importantes de um ideal corporal buscado por atletas desta modalidade.

O aprendizado da disciplina e da repetição envolve dedicação, suor e lágrimas. Atletas iniciam o treino com pouca idade, o que gera muita polêmica nesta área, principalmente nas discussões que envolvem a especialização precoce e as alterações corporais ocasionadas pela prática. A maioria do grupo de atletas que observei entrou para o treinamento da ginástica artística entre os seis e oito anos. No clube, atletas são aceitos (as) nas escolinhas, sem o objetivo de treinamento, por volta de três anos de idade. Atletas formados (as) no clube iniciam na ginástica de forma lúdica, fazendo aulas de 60 minutos duas ou três vezes por semana; posteriormente, quando chegam ao treinamento, passam a treinar até três horas por dia. Para as equipes de ponta, o treinamento varia entre 20 e 30 horas semanais. O mais comum é treinar aproximadamente quatro horas por dia, mas atletas da equipe principal, em alguns períodos, chegam a treinar em dois turnos, atingindo 35 horas de treino por semana.

Expressar-se e narrar-se confundem-se na experiência de si, visto que não se trata de compreender o expressar-se apenas como aquilo que diz respeito ao movimento, à expressão corporal, e o narrar-se como forma de falar sobre si. Tanto expressar-se quanto narrar-se envolvem diferentes linguagens. O que é dito, falado e vivenciado materializa-se tanto na linguagem corporal quanto na linguagem verbal. O corpo diz e produz “coisas” através da sua expressão. Passo agora a analisar os discursos de superação e inquietude como formas de narrar-se (no processo de educação corporal da ginástica artística) no esporte de alto rendimento.

3.2.3 Superação e Inquietude: narrar-se

Ao narrar-se, a pessoa diz o que conserva do que viu de si mesma. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo (LARROSA, 1995, p. 69).

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos (LARROSA, 1998, p. 26).

É possível que não sejamos mais do que uma imperiosa necessidade de palavras, pronunciadas ou escritas, ouvidas ou lidas, para cauterizar a ferida (Ibidem, p. 27).

O que leva os sujeitos a contarem-se, a falarem de si mesmos de determinadas formas, em determinadas épocas e contextos, com determinados objetivos. Ver-se (silêncio e concentração) e expressar-se (disciplina e repetição), constitui o narrar-se de determinadas formas. No contexto esportivo de alto rendimento da ginástica artística, identifiquei duas formas recorrentes de narrar-se: atletas são contados(as) e contam-se como sujeitos inquietos e com capacidade de superação.

Ao falar de si mesmos (as), muitos são os discursos que estão presentes nas falas de atletas, equipe técnica e familiares, bem como no senso comum ligado ao esporte de alto rendimento. Larrosa (1998), ao discutir narrativa no texto em que reflete sobre como se chega a ser o que se é, vai dizer que todos somos constituídos por diferentes personagens, autores e discursos que nos interpelam de diferentes formas e com diferentes intensidades⁵⁴. Neste tópico, procuro explorar algumas falas sobre a inquietude e a capacidade de superação do sujeito atleta que, ao contar-se e ao ser contado de determinadas maneiras, é também produzido de forma bastante particular. Para Benveniste (1971) apud Rose (2001, p. 148), “é através da linguagem que os humanos se constituem a si próprios como sujeitos, porque é apenas a linguagem que pode estabelecer a capacidade de a pessoa se colocar como um sujeito”. Continua Rose: “a linguagem tanto torna possível que cada falante se estabeleça a si mesmo como um sujeito, a se referir a si próprio

⁵⁴ Diz Larrosa: Todos somos um pouco Ulisses, um pouco Cristo, um pouco Sócrates, um pouco Rousseau. E também um pouco Abraão, Prometeu, Antígona, Gulliver, Alonso Quijano, MacBeth, Édipo, Robinson, Fausto, Wilhelm Meister, capitão Ahab, Ulrich ou o Agrimensur K. (LARROSA, 1998, p. 26).

como “eu” em seu discurso, quanto é tornada possível por esse mesmo fato (ROSE, 2001, p.149).

Ser narrado, auto-narrar-se como um sujeito inquieto, quase hiperativo, para usar uma linguagem da psicologia, tornou-se um discurso recorrente em vários locais da cultura (escolas, mídias) para falar de atletas e de pessoas que se vinculam ao esporte. No espaço escolar, por exemplo, afirmar que os(as) alunos(as) vão extravasar suas energias nas aulas de educação física ou que crianças que não conseguem parar dentro de casa devem fazer esportes, sobretudo os meninos, que deveriam ser encaminhados para lutas ou para o futebol, são discursos que se evidenciam.

P: Gostaria que falasses um pouco de como se deu teu envolvimento com a ginástica, tua história com a ginástica.

A: Minha história foi que eu era muito arteira, eu sempre subi em árvore, eu era como um gurizinho, eu não conseguia ficar parada em casa. Aí, um dia, passou uma reportagem na TV sobre ginástica. Aí a minha mãe olhou e disse: é aí, vou colocar a minha filha aí. Aí a gente procurou e tal, e aí eu entrei para a ginástica. Teve um dia que a gente foi viajar para competir, não lembro para onde, aí a técnica [citou o nome] me encontrou e perguntou se eu podia fazer um teste. Aí eu vim, fiz um teste aqui no clube e passei, só que eu não tinha recursos para ficar aqui. Daí a gente voltou para casa. Aí, depois de um ano, participei de outra competição que teve aqui perto. A técnica [cita o nome de outra técnica que integra a equipe do clube], que é daqui também, me convidou outra vez. **A sorte nunca cai duas vezes no mesmo lugar.** Aí a gente veio, fez o teste, e a minha mãe me perguntou se eu queria vir. Aí eu disse “tá, vamos, né”. Aí a gente veio com pouco dinheiro. A minha irmã veio primeiro, e a gente ficou na casa da minha irmã. Depois, a gente foi para um apartamento. Aí, depois, como eu fui ganhando coisas, competições e tal, a gente ganha bolsa, a Kombi, aí vai até chegar agora onde eu estou. A gente ganha medalhas, aí a gente ganha coisas do clube: carteirinha para ser sócia, Kombi, escola.

Trata-se da forma de narrar de uma atleta de 12 anos que integra as equipes intermediárias do clube. Essa atleta começou a treinar com quatro anos, ou seja, treina faz oito anos. Interessa aqui analisar principalmente alguns componentes desta narrativa, que dividi em dois pontos: a) *ser arteira, subir em árvores, ser como um gurizinho*, presentes no início do trecho, e b) *eu não tinha recursos, a gente voltou para casa, a gente veio com pouco dinheiro*. **A sorte nunca cai duas vezes no mesmo lugar**, ditos no final do trecho que transcrevi.

Não conseguir parar, precisar fazer exercícios para se acalmar, gastar energia e deixar livre para depois domar são algumas justificativas comuns ao se inserirem crianças e jovens em modalidades esportivas. Relacionar essa inquietude ao universo masculino, como o trecho mostra no momento em que a atleta afirma “*eu era como um gurizinho*”, evidencia, outra vez, os atravessamentos de gênero presentes nos esportes e na educação corporal de atletas nesta modalidade esportiva. Calma e tranquilidade estão para o universo feminino, assim como agressividade e inquietude estão para o universo masculino. Meu objetivo é problematizar o entendimento de que alguém que apresenta inquietude teria maior necessidade e facilidade de praticar esportes se comparado a alguém que não apresenta tais características. “*Eu era muito macaquinha em casa, e minha mãe tinha saído do banco, e eu não estava querendo ir para a escolinha, porque eu queria ficar em casa com minha mãe, aí minha prima, que cursava educação física na época, me levou para a ginástica*”, conta outra atleta, ao ser entrevistada, referindo-se também à sua inquietude, através do uso da expressão: “*eu era muito macaquinha*”. A inquietação e o fato de serem agitadas, desassossegadas, são assumidos, nestas duas falas, como algo importante para se inserir no esporte. Esses são pontos lembrados por essas atletas ao contarem suas histórias.

As narrativas são cruzadas pelas linhas do poder, mas elas não existem num campo tranquilo de imposição. Ao contar histórias contaminadas pelos significados dominantes, elas tentam estabelecer e fixar identidades hegemônicas. Entretanto, as identidades e as subjetividades sociais existem num terreno de indeterminação, num território de significados flutuantes. Os significados produzidos e transportados pelas narrativas não são nunca fixos, decididos de uma vez por todas (...). Através das narrativas, identidades hegemônicas são fixadas, formadas e moldadas, mas também contestadas, questionadas e disputadas (SILVA, 1998, p. 205).

Mesmo que a inquietude esteja presente nas duas falas dessas atletas, elas são pessoas distintas, com idades diferentes, com diferentes níveis de conhecimento sobre a ginástica, integram equipes diferentes e possuem experiências e vivências diferentes. São identidades distintas que, em algum momento, se aproximam e são contadas nestas narrativas.

O segundo componente diz respeito ao que a atleta do primeiro depoimento diz ao trazer recordações, ao buscar na memória como foi sua “descoberta” (afirma

que foi encontrada) e sua inserção na ginástica artística de alto rendimento. A atleta, entre outras coisas, enfatiza a capacidade que teve de resistir à dureza das condições materiais impostas pela vida para conseguir estar no esporte de alto rendimento. Trata-se, nesse caso, de uma maneira particular de falar de si mesma, enfatizando a dificuldade encontrada por ela e sua família para inserir-se e manter-se no esporte. Ao afirmar: “*eu não tinha recursos, a gente voltou para casa*” e, ainda, “*a gente veio com pouco dinheiro*”, a atleta retoma a história de um passado difícil que é superado a partir do que ela vai conquistando através das medalhas, do que, naquele momento de sua vida, vai ganhando do clube. Superação no esporte, para muitos(as) atletas, vai além da capacidade de superar a si próprio(a), de atingir um nível técnico cada vez mais elevado. A superação, em muitos casos, passa também por conseguir ascensão social. São vários os depoimentos de atletas que contam suas histórias de superação relacionando-as às suas condições socioeconômicas. “*A sorte nunca cai duas vezes no mesmo lugar*” – essa atleta conta-se como alguém que soube aproveitar a oportunidade.

Essa forma de narrar-se (aquilo que a pessoa pode ver em si mesma) não está colocada apenas na ginástica artística e na fala dessa atleta, mas também em muitas outras modalidades e na cultura mais ampla relacionada à área esportiva.

O sujeito da autoconsciência não é imediatez, nem pura privacidade, nem acesso privilegiado, interioridade não mediada que se expressa no discurso. Pelo contrário, a narrativa, como modo de discurso, está já estruturada e pré-existe ao eu que se conta a si mesmo. Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado. (...) A consciência de si própria não é algo que a pessoa progressivamente descobre e aprende a descrever melhor. É, antes, algo que se vai fabricando e inventando, algo que se vai construindo e reconstruindo em operações de narração e com a narração (LARROSA, 1995, p. 70-1).

Ao retomar a memória para falar sobre sua história de vida, essa atleta atribui significados à forma como se percebe no meio esportivo da ginástica artística. “É através de histórias sobre o passado – narrativas – que podemos dar sentido ao presente e construí-lo e é também assim que podemos imaginar um outro futuro” (SILVA, 1998, p. 205).

“Aí, depois, como eu fui ganhando coisas, competições e tal, a gente ganha bolsas, a Kombi, aí vai até chegar agora onde eu estou”, diz a atleta ao contar sobre seu crescimento, sucesso, desempenho e destaque na ginástica artística. Mesmo que essa atleta ainda não faça parte da equipe principal, sua fala é de alguém que se encontra em um lugar importante da ginástica – ela é uma promessa das equipes intermediárias que pode ou não passar para a equipe principal.

Questões relacionadas às saídas de atletas da ginástica após anos de dedicação e treinamento e o que isso representa, o que significa em suas vidas, também são pontos a serem investigados. Deixar de dedicar-se a outras atividades, empenhar-se ao máximo no esporte e depois ser afastado por lesões, por não conseguir alcançar as expectativas almeçadas, enfim, por não dar certo, constituem-se em dificuldades vividas por ex-atletas, o que tanto pode levar a frustrações quanto ao reconhecimento de que não chegar ao topo não significa tudo. Atletas sabem que, em determinados momentos, sua presença em competições serve para compor equipes, que eles (as) não são personagens principais. *“Estar em uma olimpíada é uma coisa”,* diz um atleta ao ser entrevistado, *“trazer medalha para o Brasil, outra totalmente diferente”.*

O conhecimento adquirido e as oportunidades vividas por atletas fazem pensar que o treinamento esportivo da ginástica artística se constitui também como um espaço produtivo de convivência e aprendizado para jovens e crianças, principalmente quando se trata de respeito à diferença, domínio e compreensão corporal. Compreender o esporte como um meio para ter uma vida melhor, como uma forma de ascensão social, e relacioná-la ao esforço, à disciplina, ao merecimento, ao saber suportar o treino intenso, rigoroso e sistemático, ao saber resistir à dor, a ser sortudo (a), a ter dom, a ter talento, enfim, a ser *“alguém”* são formas de narrar presentes no imaginário social relacionado ao alto rendimento, sobretudo ao alto rendimento do futebol. Não é por acaso que muitas crianças hoje, ao serem questionadas sobre o que vão ser quando crescerem, respondem que querem ser jogador de futebol.

Cabe destacar aqui que, embora o discurso de superação, de ser vencedor(a) e de ser *“alguém”* esteja bastante evidente na cultura, são muito poucos aqueles(as) que conseguem sobreviver do esporte de alto rendimento, e na ginástica artística isso se restringe ainda mais.

[...] a autonarração não é o lugar onde a subjetividade está depositada, o lugar onde o sujeito guarda e expressa o sentido mais ou menos transparente ou oculto de si mesmo, mas o mecanismo onde o sujeito se constitui nas próprias regras desse discurso que lhe dá uma identidade e lhe impõe uma direção, na própria operação em que o submete a um princípio de totalização e unificação (LARROSA, 1995, p. 72-3).

Ser inquieto e buscar superação são discursos constituídos por regras que buscam uma identidade de sujeito calmo, tranquilo, concentrado, que queira ultrapassar seus limites. Assim como a calma pressupõe superar a inquietude, o ser alguém toma como ponto de partida o não ser alguém. Pergunto, então: existe esse sujeito anterior que não é alguém? São essas algumas histórias individuais que constituem subjetividades e identidades de atletas, porém, quando analisadas, em alguma medida, totalizam formas de ser, neste caso, da inquietude e da superação. É no jogo entre totalização e unificação que ocorre a constituição do sujeito moderno, empreendedor de si mesmo e para cuja formação a instituição esportiva contribui. Existem regularidades, porém, cada um narra-se conforme consegue perceber o que restou em si próprio.

A: Entrei na ginástica porque minha irmã fazia, mas o fazer dela era somente para dizer que fazia um esporte.

A: Comecei fazendo balé. Uma amiga da mãe me observou, viu as características da ginástica em minha prática e me encaminhou para a ginástica. Eu assistia à Daiane na TV e gostava muito.

O narrar-se é contingente, histórico e cultural. O que fiz foi trabalhar com duas maneiras que persistem nas falas de atletas, equipe técnica, responsáveis e familiares. Existem muitas outras regularidades no narrar-se, e elas dependem do tempo, que também permite que nos coloquemos de formas diferentes. Atletas não produzem suas histórias pessoais de forma tão autônoma.

3.2.4 Maturidade e Competitividade: julgar-se

“Tu tens que ter expectativa na tua pessoa e não no outro” (mãe de uma atleta)

R/F: Tem que estar sempre dando o melhor, tem que ser o número um. O pai faz o que pode por ti. Eu fico três, quatro horas, parado contigo aqui, mas eu quero resultado. Tu tens que ter resultado, tanto pra mim quanto pra ti. Tu não brincas, tu não passeias, tu não vais ao cinema, tu não saís com as tuas amigas, tudo por causa da ginástica, é porque tu gostas, então, tu tens que ser boa naquilo que tu fazes. [pausa] E ela tem a cabecinha muito boa, é muito madura para 11 anos, fica pronta, arruma a mochila, passa gel no cabelo.

Ele me contou mais algumas coisas que chamaram minha atenção e que fui comentando junto, entre elas, que o atleta (citou nome) “não é completo”, que parece que falta algo, que ele não é como atletas que treinam na seleção por não apresentar “aquele desejo de ser o melhor”. Ele me explicou sobre caráter, soou-me estranho, gostaria de voltar ao assunto em outro momento (Vigésimo segundo diário, 06.07.2008).

A primeira fala é do pai de uma atleta de 11 anos que treina desde os sete. Entrevistado no banco em frente à entrada do ginásio, o pai respondeu as questões: qual o tipo de apoio que sua filha recebe para ser atleta? (afetivo, financeiro, de tempo, etc.); o que é feito para manter sua filha na ginástica? Já no trecho do diário de campo, um integrante da equipe técnica falou-me sobre a forma de ser de um dos atletas de seu grupo de treinamento.

Podem-se delinear pelo menos duas dimensões importantes do exercício que atletas efetuam sobre si mesmos(as) com o auxílio dos outros:

- a) A busca constante por resultados, estar na frente, destacar-se ou, como explica aquele pai, *estar sempre dando o melhor, ser o número um, ser boa naquilo que tu fazes*, ou seja, assumir e compreender a competitividade como uma condição para ser atleta de alto rendimento: *“aquele desejo de ser o melhor”*.
- b) A necessidade de maturidade, evidenciada quando o pai conta o que a atleta deixa de fazer para treinar e como ela se prepara com autonomia para ir aos treinos.

Pode-se, assim, questionar: o que se entende por maturidade no contexto esportivo de alto rendimento? Quem determina o que é ser maduro? Que saberes confluem para determinar essa condição? Os sentidos de maturidade não estão

dados; existem campos de saber implicados com a definição do que é maturidade e de como se julga que alguém tem maturidade adequada à sua idade.

Em relação à competitividade: o que é ser competitivo neste contexto? O que atletas precisam fazer, aprender, exercitar, para atingir o nível almejado de competitividade? Atletas, ao mesmo tempo em que são educados como membros de uma equipe, de um clube, de um coletivo, são também educados para individualmente serem sujeitos competitivos, para superarem seus próprios limites. Ocorre uma dupla exigência por competitividade, tanto individual quanto coletiva. Que conflitos individuais e grupais se estabelecem nesse processo de subjetivação? Não é cada um por si e os demais que “se danem”, conforme compreensões mais aligeiradas poderiam supor. A competitividade ocorre num processo complexo que envolve competir **contra** o(a) outro(a), para destacar-se em aparelhos da ginástica artística, e ao mesmo tempo competir **com** o(a) outro(a), para classificar-se enquanto grupo, equipe que representa uma entidade, uma nação, etc. Os sentidos do competir **com** ou **contra** atribuem complexidade à competitividade, próprias do esporte de alto rendimento. As nuances desse processo possibilitam entender a competição como não sendo tomada sempre como algo relativo à rivalidade, à disputa, mas também como algo que estabelece relações de amizade, parceria, solidariedade.

A busca constante por resultado é o objetivo primordial de atletas e da equipe técnica. “*No esporte de alto rendimento, a gente vive de resultados*”, afirmou um atleta da equipe principal masculina ao ser entrevistado. Os (as) treinadores (as) são julgados(as) como pessoas duras, que não dão folga, que obrigam atletas a treinarem sem descanso, mas ao mesmo tempo são tratados(as) como uma espécie de segundo pai, de segunda mãe; são responsáveis por preparar campeões e campeãs. Tratam atletas como se fossem filhos (as), levam-nos(as) para casa, opinam sobre relacionamentos afetivos, interferem em suas vidas pessoais, escolhendo escola, turnos para estudar, fornecendo roupas e equipamentos, etc.

O planejamento do treinamento, a preparação e escolha de atletas para participar de competições visando ao calendário dos eventos esportivos dependem do desempenho que cada atleta está conseguindo obter. Embora o tempo de treino

para ingressar no alto rendimento⁵⁵ em nível nacional ou internacional da ginástica artística ultrapasse, com frequência, oito a dez anos, a competitividade é exigida desde que ocorre a inserção de atletas no esporte. Atletas convivem diariamente com exigências pelo resultado, como aquela feita por um pai à sua filha, o que se estende ao campo esportivo no geral. Isso implica, no caso da ginástica artística, o desejo de não apenas querer integrar uma equipe, mas “ser o(a) melhor”, “ser o(a) número um”, ser destaque em um dos aparelhos.

Atletas competem, durante eventos esportivos da ginástica artística, como integrantes de uma equipe ou individualmente. Reitero que a competitividade e a busca por resultados nesta e em várias outras modalidades ocorre com uma dupla exigência: é preciso favorecer uma equipe e ao mesmo tempo buscar atingir um desempenho individual superior ao dos(as) demais integrantes. A competição é externa por envolver outras equipes, que representam outras instituições, e interna, dentro da própria instituição, do próprio grupo, pela disputa por uma vaga. Atletas, em alguns momentos, sabem que são importantes apenas para compor equipes e que dificilmente serão destaques em eventos ou na modalidade.

“*Ela é dez em tudo*”, diz a mãe de uma atleta ao ser entrevistada, orgulhando-se da filha. Essas falas, essas expressões, em alguns momentos convivem, por exemplo, com a fala de um atleta da equipe adulta que, ao ser entrevistado, conta o quanto lhe custa, em horas de treinamento, “*manter o nível*”, marcando que estar em uma olimpíada é seu objetivo principal e que conquistar medalha já seria outra história.

Em relação à maturidade exigida de atletas desde muito cedo, trago ainda a expressão “*ele é um menino homem*”, dita pelo pai de um atleta de 11 anos durante a entrevista, orgulhando-se dos desempenhos do filho na ginástica artística, das

⁵⁵ Cabe dizer que, embora neste momento do texto assumo o alto rendimento na sua forma explicitada no meio esportivo – ou seja, na ginástica artística, são considerados de alto rendimento apenas aqueles(as) atletas que participam de competições em nível nacional –, durante a pesquisa, tratei como atletas praticantes do alto rendimento quem dedica horas diárias ao esporte, participando das sessões de treinamento. Esse foi um problema que fui tentando solucionar durante a realização do trabalho de campo: quando se trata de alto rendimento, alto nível? Como definir esporte de alto rendimento e atletas no contexto da pesquisa? Essas são questões que fui formulando e que ajudaram a produzir esta unidade analítica, onde busco vincular a dimensão do julgar-se, da experiência de si, com alguns meandros dessa discussão. Atletas reclamam, por exemplo, da afirmação de que se treina quatro anos para ir a uma olimpíada. Eles afirmam que se “treina a vida inteira”.

medalhas que já levou para casa, da resistência às dores corporais, principalmente das bolhas do início da carreira de atleta. A entrevista foi feita com pai e mãe ao mesmo tempo e na presença de um irmão menor (bebê), que circulava e exigia atenção durante nossa conversa, sendo algumas vezes atendido pelo pai e outras pela mãe, dependendo de quem estava com a palavra. Isso implicou a ausência, durante a entrevista, por alguns instantes, tanto do pai quanto da mãe. Estávamos sentados em um banco em frente à porta do ginásio, e a pergunta feita foi também relacionada aos tipos de investimentos feitos para manter o filho na ginástica. A partir desse depoimento e da análise prévia exposta acima, é possível citar a maturidade como uma das condições necessárias para alcançar a condição de ser atleta. Ela é reconhecida como algo positivo por estes familiares, embora a maturidade seja culturalmente reivindicada apenas para pessoas adultas.

Por outro lado, a maturidade é um atributo desejado para todas as pessoas, independentemente da faixa etária em que se encontram. Usar a expressão “infantil” para ofender adultos, por exemplo, reitera a compreensão de que a maturidade seja o melhor lugar, a fase melhor da vida para se estar, para se exercer.

Atribuir à ginástica artística a razão de ser da existência de atletas materializa-se quando o pai afirma: “*tudo por causa da ginástica*”⁵⁶. Entendo também estar dita neste depoimento a promessa de que é apenas um momento, de que não brincar, não se divertir, não sair com as amigas, não ir ao cinema e não passear sejam passageiros e que esse momento está implicado com uma promessa de futuro melhor,

Em relação às questões de gênero que atravessam a dimensão do dispositivo pedagógico denominado julgar-se, aponto que culturalmente a competitividade se apresenta como algo muito mais evidente na forma de ser para jovens meninos, enquanto que a maturidade se evidencia na forma de ser para jovens meninas. Afirmar que os meninos são mais competitivos do que as meninas e que as meninas amadurecem antes que os meninos são discursos que se repetem em diversas práticas pedagógicas. No entanto, no âmbito da ginástica artística de alto

⁵⁶ Chamou minha atenção durante a entrevista que esse pai trazia a atleta de motocicleta de Canoas e conseguiu patrocínio (auxílio para combustível) com duas empresas de lá, uma delas a empresa de ônibus na qual era motorista; além disso, havia quatro anos que levava a atleta para o treino e ficava aguardando, durante todo o tempo, no *hall* de entrada. Em outra entrevista, a mãe de outra atleta conta que largou tudo para poder acompanhar a filha e que é o que pode proporcionar para ela; diz: “*Hoje eu vivo em função da minha filha [cita o nome]. Eu vivo em função dela... Eu me doeie porque a única coisa que eu posso fazer é isso por ela*”.

rendimento, tanto maturidade quanto competitividade são exigências feitas para meninos e para meninas, embora talvez isso cause níveis de satisfação, sofrimento, dificuldades, exigências distintas para atletas femininas e para atletas masculinos. Não existem regras para a maturidade e a competitividade na ginástica artística acontecerem em uma única direção, conforme a análise que apresentei, mas são processos que subjetivam e precisam ser considerados nas sessões de treinamento esportivo. Isso porque são culturalmente produzidos e interferem na educação corporal, no desempenho que o corpo é capaz de expressar e atingir, no tempo necessário para aprender os elementos da ginástica e a ser atleta de alto rendimento.

Competir é uma prova constante para si e para os outros na busca de ser o(a) melhor, ser o(a) número um, ser dez em tudo. Para isso, necessita-se de pessoas maduras que abram mão de uma também infância naturalizada como tempo de brincar, de se divertir, de não seguir regras e não ter compromissos. Esta concepção de infância, que entendo estar muito distante da forma de viver de crianças e jovens atletas, também não está próxima das experiências vivenciadas por outras crianças que não praticam esportes de alto rendimento, estejam elas envolvidas com programas de televisão, jogos eletrônicos na internet, atividades extraclasse, trabalho infantil, etc. Maturidade, responsabilidade, disciplina, rotina, organização, otimização do tempo, higiene (estar “apresentável”, com uso de uniforme, cabelos bem presos e cortados, barba aparada, etc.), persistência, coragem e respeito aos ensinamentos da equipe técnica, entre outras aprendizagens, são características assumidas por atletas que almejam o pódio. É dessa maneira que atletas julgam a si mesmos(as) e são julgados(as) na corrida para ser o(a) melhor.

A experiência de si implicada na constituição da subjetividade na dimensão do julgar-se seria, então, o resultado da aplicação a si mesmo dos critérios de juízo dominantes em uma cultura. O sujeito só pode pôr-se a si mesmo como sujeito reflexivo na medida em que está constituído por sua sujeição à lei, à norma ou ao estilo. (...) O julgar-se é o que faz dizer-se e o que faz ver-se (LARROSA, 1995, p. 77–8).

Atletas são constituídos por discursos que falam sobre vencer, ser campeão(ã), ser o(a) melhor, estar na frente, obter vantagem, etc. Isso leva a resultados, conquista dos sonhos, medalhas, troféus, pódio, reconhecimento,

estrelato, performance, comemoração, torcida, fama. Para que isso ocorra, atletas são tratados(as) como sujeitos que não têm tempo a perder, geralmente como pessoas solitárias, distantes da família e das amizades, pessoas que pagam um preço alto para ser como são. Precisam de esforço, dedicação e disciplina; precisam repetir diariamente a mesma rotina, enfim, repetir sem cansar. Afirmações que dizem que atletas vivem somente para treinar e que a disciplina é a alma do negócio são comuns no meio esportivo de alto rendimento.

IET: (...) antigamente, a gente era atleta porque gostava. Hoje parece que o atleta está aqui por obrigação, porque, por mais que a gente sofresse com dor em tudo, nunca a gente desistia. Eles cansavam de o técnico mandar embora, e a gente ficava aqui, que nem cachorro pidão, “me deixa voltar, por favor”, porque a gente dava o sangue para dentro do ginásio. Hoje em dia, o técnico manda embora, e “graças a Deus, vou-me embora pra casa”. A gente diz “não se faz mais atleta como antigamente”. A gente errava e ficava no ginásio. Enquanto não acertava, não ia embora. Hoje não, errou duas, três vezes, o técnico mandou mudar, “graças a Deus”. A gente fala que, por ser na nossa época, era mais difícil quando a gente estava na ginástica. A gente vê que a gente estava na ginástica porque gostava. A gente sofria, mas a gente estava lá porque amava. Antes, a gente dava o sangue e hoje...

Nessa fala, integrante da equipe de treinamento, ex-atleta (foi atleta durante cinco anos), com 14 anos de experiência, reclama da dificuldade de encontrar pessoas com as características que julga importantes para ser atleta: amar, gostar do que faz, dar o sangue, submeter-se aos ensinamentos da equipe, ser persistente, sentir dor sem reclamar, etc. Faz comparações com seu tempo de atleta, reproduzindo uma linearidade em seu pensamento ao assumir que antes, na sua época, as coisas eram melhores. Como afirma Foucault: “é sempre preciso fazer mais e melhor. A tese da imperfeição permanente justifica que a ação do poder se amplie”:

As tecnologias de governo vão ganhando corpo sempre a partir dessa consciência aflita que consiste em verificar que um mar de realidades lhes escapa, que existem sempre novos domínios a dever atrair a sua atenção, que a ordem e a administração não se exercem nunca capazmente. A intervenção do poder terá de ser entendida, assim, como uma variável que torna mais complexa a realidade, que produz problemas em vez de os solucionar, mas que, por isso mesmo, exigem cada vez mais novas e novas medidas. Estamos sempre a ouvir ou a dizer: “governa-se muito pouco” (FOUCAULT, 1979, p. 820, apud RAMOS DO Ó, 2009, p. 105).

No processo de educação corporal da ginástica artística de alto rendimento, que ocorre pelas práticas que atletas efetuam sobre si mesmos(as) por conta própria ou com auxílio do outro, entre muitas coisas, identifiquei na pesquisa, conforme vinha escrevendo: a capacidade de fazer silêncio, ter concentração, ser disciplinado(a), repetir constantemente exercícios, contar-se como sujeitos inquietos e com capacidade de superação, capazes de resistir ao processo de treinamento e, em alguns casos, conseguir ascensão social, ter maturidade e buscar insistentemente por resultados. A partir de agora, analiso a relação paradoxal entre desafiar-se e ao mesmo tempo controlar-se, inserida na dimensão do dispositivo pedagógico que constitui a experiência de si, qual seja: o dominar-se.

3.2.5 Coragem e Controle: dominar-se

“Não adianta ter um corpo excelente e não ter coragem”. (atleta da equipe principal feminina)

Ao desenvolver o trabalho de campo, mais especificamente durante a realização das entrevistas, uma das questões que formulei foi em relação a características subjetivas importantes para atletas da ginástica artística. A coragem foi tomada como uma das qualidades fundamentais nesse meio. Um dos testes realizados para selecionar atletas para ingressar na modalidade implica solicitar que a criança se lance em voo de costas; se cair sentada, significa que não é corajosa.

Firmeza, audácia, ousadia, arrojo, valentia e atrevimento são sinônimos dicionarizados associados ao termo “coragem”, enquanto que fiscalização, supervisão e exame se relacionam ao termo “controle”. A coragem exigida de atletas da ginástica artística precisa ser administrada, supervisionada, fiscalizada para evitar acidentes, evitar que atletas se lesionem e administrar os riscos do esporte. É nesse sentido que identifiquei uma relação paradoxal entre coragem e controle que procuro desenvolver neste tópico.

No meio esportivo da ginástica artística, a coragem está colocada como um pressuposto para a condição de ser atleta. Coragem para lançar-se em voos, executar saltos mortais, realizar exercícios complexos de giros, saltos na trave de

equilíbrio, etc., ou seja, correr riscos faz parte dos desafios da prática da ginástica artística. Isso implica estar trabalhando o tempo todo com o limite do corpo e do movimento. Entre muitas coisas, implica saber controlar-se, ser um sujeito controlado. Desenvolvo aqui especialmente o controle da dor, do choro e do peso corporal, ficando atenta aos atravessamentos de gênero envolvidos nessa dimensão da experiência de si e a discussões amplas em torno das lesões corporais.

Atletas são estimulados(as) a dar o máximo de si para o esporte e simultaneamente devem saber controlar-se para não extrapolar o limite, o que pode se transformar, por exemplo, em lesões por estresse ou até mesmo em graves acidentes. A equipe técnica, ao mesmo tempo em que assume o papel de estimular atletas ao máximo, “*forçar até o limite*”, conforme expressão usada no ginásio, precisa constantemente evitar que o(a) atleta por si só ultrapasse o seu limite.

P: Gostaria que falasses sobre como é trabalhar com alto rendimento nesse limiar do limite do corpo. Como saber até onde o atleta pode ir, como evitar que acidentes ocorram, como saber se a lesão se aproxima (por estresse), se é hora de parar frente às exigências dadas pelas competições. Como treinar e competir com atletas lesionados.

IET: A gente tem uma preocupação justamente de não chegar à lesão para não perder o atleta, mas a preocupação também de não perder o atleta, de manter aqui dentro do ginásio o maior tempo possível em função do rendimento dele. Então, tu tens que estar sempre no olhometro, ver como é que está andando a coisa, se está rendendo, se ele está questionando que tem uma dor aqui, uma dor ali, ver como é que evolui esta dor, se essa dor é uma dor que apareceu um dia do nada, se ela é uma dor que começou a incomodar um dia e se repete no outro dia, começa a aparecer mais frequentemente, se é encaminhado pela mão do médico, depende da evolução das coisas. Tem dores que tu já sabes, são dores do treinamento, e elas são... Não tem o que fazer, faz parte, pare ou não pare, a hora que ele treinar aparece a dor de novo, então, como não tem o que fazer, ele tem que treinar e agüentar, e aí eles já sabem, eles são preparados para isso, eles são avisados disso, são sempre... Aparece uma dor no pulso, dor de treinamento no cavalo. Dor no pulso é uma dor que começa e que não some nunca mais, ela pode aumentar e pode diminuir, tem fases que ela aumenta, tem fases que ela diminui, mas é uma dor que persiste. Tem gente que começa a treinar muito cedo e que não apresenta essa dor no pulso. Tem gente que começa a treinar mais tarde e apresenta essa dor no pulso muito forte porque não teve uma preparação [repete] São características físicas, não é nem biótipo, mas é característica física, é resistência à dor e resistência do organismo a apresentar uma lesão ou não. A fase de recuperação, se tem recuperação rápida ou não, depende muito do próprio ginasta. A gente tem que estar sempre atento ao que está acontecendo.

Muitas coisas são ditas nesse trecho da entrevista. Entre elas, a naturalização da dor e a preocupação com o controle do corpo e da quantidade e qualidade da dor que atletas sentem. Isso não está relacionado apenas aos cuidados necessários com o corpo, por se desejar que ninguém sinta dor ou se machuque, mas à necessidade de controlar o corpo para *não perder o atleta*. Ficar fora de competições e prejudicar as instâncias esportivas por falta de controle corporal é uma rotina no esporte de alto rendimento, o que leva, com frequência, por conta própria, atletas a esconderem suas lesões e dores.

Esse domínio do corpo pelo(a) próprio(a) atleta e domínio do corpo do(a) atleta buscado pela equipe técnica são bastante variados; envolvem conhecer cada um(uma) em suas particularidades, suas diferenças, pois não existem regras comuns que sirvam a qualquer atleta. O trecho abaixo apresenta parte de uma entrevista realizada com uma integrante da equipe técnica, quando ela fala sobre o que significa treinar com dor e o cuidado para que atletas não ultrapassem o limite que o corpo pode suportar:

IET: A atleta x [cita o nome], ela treina, eu posso dizer, como uma máquina, assim, se é o que ela gosta, se ela está gostando do que ela está treinando, ela vai treinar com dor, ela vai treinar com mão aberta e ela não vai fazer nada de kamikaze. Já a outra atleta [cita o nome] não, essa [cita o nome novamente] seria uma... Como é que eu brinco, assim, é quase uma suicida. Quando ela não quer fazer, ou quando ela está com medo, ou quando ela está com dor, ela não procura vir e falar alguma coisa ou dar o máximo para acabar logo e terminar aquela dor. Não, ela vai de uma forma que ela torna perigoso o que ela está fazendo. Ela vai, sei lá, falando uma linguagem (...), ela vai toda molenga, que ela quase se mata para me mostrar que ela não pode fazer.

Em outras entrevistas, atletas falam, por exemplo, sobre o perigo que representam para si mesmos(as) em determinados instantes de treinamento, principalmente quando fazem os exercícios em momentos de cansaço ou de dor, quando sofrem as cobranças e pressões das competições que se aproximam, etc. Independentemente dos motivos que levam atletas a responder ao treinamento e às orientações da equipe de determinadas formas ou do que os (as) leva a se disporem a treinar até o limite, nas condições apontadas neste trecho, o controlar-se e estimular-se (encorajar-se) andam juntos. Representam pontos complexos e difíceis de ser analisados, tanto do ponto de vista de quem não pode se machucar, pois

estaria fora das competições, quanto do ponto de vista de quem não pode deixar que o(a) atleta se machuque, pois o(a) perderia.

Numa primeira análise, essas relações do esporte de alto rendimento com as dores corporais, podem ser entendidas como relações de violência. Ao buscar compreender a dor a partir do trabalho de Susan Sontag (2003), foi possível relativizar as dores rotineiras e cotidianas sofridas por atletas, visto que suas reflexões fazem pensar sobre as desgraças e crueldades causadas por seres humanos a outros seres humanos, durante as guerras. Essa autora trata de notícias e imagens que retratam cenas de guerra, horrores e desgraças mostrados nas mídias e do que essas realidades provocam nas pessoas, analisando como se reage frente à dor dos outros.

A necessidade de atletas aprenderem a lidar com a dor, criar-lhe resistência e controlá-la tornou-se bastante evidente, complexa e controversa durante a pesquisa:

IET: Eu quebrei os dois ossos.
Eu rachei a cartilagem da articulação.
Eu arranquei todos os ligamentos.
Eu fiz foi um salto no cavalo e cheguei com o pé virado.
Passei três meses com a perna para cima.
Eu botei parafuso, eu tirei parafuso.
Em vinte dias, voltei a competir.
Depois quebrei (...).
Sinto dor quando chove.
Com todas as minhas lesões.
Com tudo o que eu tive, para mim foi muito positivo.
Tem um ganho geral.

A: Apesar de a gente sofrer, é o que a gente gosta de fazer, é o que a gente sabe fazer, é o que a gente faz a vida inteira, então, é difícil, assim, parar e dizer “pô, acabou”. Um atleta de alto rendimento, ele se doa muito. O alto rendimento para mim não é atividade física, saúde, é aquela coisa, ele realmente deixa marcas. Todos os atletas possuem marcas. A Daiane é uma que já fez sei lá quantas operações, eu já perdi a conta, o que não é normal para uma pessoa da nossa idade. Então é... Nós somos... Na verdade, chega um momento em que nós somos obrigados a deixar de praticar aquilo que a gente gosta por motivos mais fortes.

O primeiro depoimento é de uma ex-atleta que começou a fazer ginástica artística com nove para dez anos, foi atleta por sete anos e atua na equipe há 18 anos, ou seja, 25 anos de envolvimento com a ginástica artística; o segundo é de um atleta integrante da equipe principal do clube que treina há 20 anos. São opiniões e depoimentos de adultos experientes e trazem para reflexão algo positivo em relação ao aprendizado da dor: *“com tudo o que eu tive, para mim foi muito positivo. Tem um ganho geral”*. E ainda: *“apesar de a gente sofrer, é o que a gente gosta de fazer”*. Essa positividade em relação a dor permite pensar sobre a resistência a dor adquirida por esse atleta e essa atleta, sobre o controle daquilo que pode parecer incontrolável. Algo que muitas vezes parece impensável é trazido nessas histórias com “naturalidade”.

Atletas aprendem e repetem em suas falas e práticas que dor e lesão fazem parte do esporte e que não impedem o treinamento. Esse é um discurso recorrente no ginásio de ginástica e aparece em várias entrevistas. Ele ultrapassa o universo da ginástica artística e circula no mundo esportivo, conforme mostram as expressões abaixo, usadas por pessoas envolvidas com diferentes modalidades do esporte de alto rendimento em distintos locais (no ginásio, na mídia, etc.):

O ginasta de alto rendimento convive com a dor, e o gelo é o nosso grande sócio. (Fala de Mosiah, comentando na Sport TV, no Rio de Janeiro, a ginástica nas Olimpíadas de Pequim).

Os atletas devem aprender desde cedo que lesão não impede o treinamento. (IET).

A dor faz parte do uniforme do atleta. (Oscar, ex-atleta do basquete).

Como se aprende a conviver com dor? Como se ensina a conviver com a dor? Quais são os tipos de dores suportáveis, passageiras? Como diferenciar as dores? Como gostar de fazer algo que provoca dor, que causa lesões? Quando a dor é tida como psicológica? Atletas devem competir sentindo dores, lesionados? Que relações de poder estão envolvidas em escolhas como estas? É possível competir sem sentir dor? O que mesmo é a dor? São muitas as questões, por vezes com tom ingênuo, que fui me colocando e colocando para os participantes da pesquisa.

Existe um processo de treinamento que ensina atletas a resistir à dor, a lidar com ela, a sentir dor. Atletas são treinados também para aprender a diferenciar uma

dor passageira (de treino), como uma bolha ou uma mão aberta, de uma lesão ou dor por fratura. Saber que depois que acabar o treino a dor vai passar, que existe uma dor “normal” do treino, são compreensões, aprendizados comuns entre atletas, e isso implica cuidado para não deixar uma lesão ficar crônica.

Atleta se aproximou do técnico e pediu autorização para sair do treino, ele tinha que ir ao médico e, pelo que entendi, se não fosse naquele horário (próximo das 16h30min), enfrentaria fila. O técnico autorizou em tom baixo, e os dois tiveram um diálogo sobre como deveriam ser as questões do atleta para o médico. Técnico disse que a pergunta deveria ser “se ainda existe lesão”, pois, se fosse apenas dor, o tratamento seria outro. O médico pode dar algo que tire a dor na hora, porém, que venha a ter prejuízos mais tarde, portanto, o atleta deveria perguntar antes disso, se ainda existia lesão (Vigésimo diário, 27.06.2008).

A partir das perspectivas teóricas com que estou envolvida, sentir dor não é “normal” para ninguém, assim como assumir a dor como intrínseca ao esporte de alto rendimento, mesmo em processo de treinamento, mas lidar com ela, ter capacidade de suportar e de resistir à dor constitui-se em uma aprendizagem, algo a ser treinado (ensinado, aprendido). Atletas que não conseguem aprender esse processo de lidar com a dor, que apresentam pouca capacidade de suportar a dor, são tidos(as) como chorões, choronas, ou como atletas de ocasião, diferentemente de quem é tratado como resistente, forte ou, como na expressão usada por integrante da equipe, quem tem “*coração de atleta*”⁵⁷. Atletas de ocasião, de momento, diferenciam-se de atletas de coração, este último considerado o sujeito apto a seguir no esporte (*tem que querer muito, gostar muito de treinar*).

Lesões são classificadas nas falas da equipe técnica e de atletas em dois tipos: por estresse, vistas como resultado do treinamento em excesso; e lesões como fatalidades, ocorridas pelo “azar” de sofrer um acidente, uma queda, um exercício mal finalizado, etc. É comum encontrar atletas lesionados nas sessões de treinamentos. Atletas isolam a parte lesionada e treinam outras partes do corpo, outras valências físicas, mas não deixam de estar no ginásio mesmo lesionados(as). Observei atletas treinando com faixas, talas, coleiras e até mesmo com gesso. A

⁵⁷ IET: Existem dois tipos de atletas: atletas com caráter de campeão, atleta com perspectiva, atleta com talento (...) que tem coração de atleta [ênfase no tom de voz] e o atleta do momento.

atual coreografia do solo de Jade Barbosa⁵⁸, que durante o ano de 2008 se envolveu em uma polêmica no período pós-olímpico devido a uma lesão no punho, resultou em um trabalho sem o uso de uma das mãos.

Acompanhei também durante a pesquisa o caso de uma atleta que precisou aguardar um tempo para submeter-se a um processo cirúrgico e teve que pagar com recursos próprios parte do tratamento. Ao relatar sua situação, ela não questionou o fato de ter que esperar e arcar com gastos para realização do procedimento médico. Afirma a atleta:

A: Eu tive uma lesão muito séria na panturrilha (...). Comecei a sentir dor no início do ano. No meio do ano, eu já não estava aguentando muito, só treinando com remédios para as competições. Agora, no final do ano, eu estou só esperando para operar. (...) Eu vou pagar apenas a passagem para mim e para a minha mãe.

Domínguez (2000), ao escrever sobre o livro de Le Breton *Antropologia da dor*, define a dor como um produto de um contexto, como a expressão de uma educação social. Esses autores discutem a influência da cultura na percepção e manifestação da dor. Enfatizam e consideram a dimensão afetiva da dor, seu caráter múltiplo, que afeta muito mais que processos orgânicos do corpo. Entendem a dor como algo construído social e culturalmente, com caráter múltiplo, complexo e ambíguo. Afirnam:

A dor vivida não é jamais uma pura experiência sensorial, mas sim uma percepção complexa, uma manifestação que se integra a experiência de vida acumulada por um indivíduo e, neste sentido, simultaneamente sentida, valorizada e integrada em termos de significação e valor. A dor, como experiência humana, não é um simples fato da natureza, senão, muito mais, uma experiência altamente simbólica, um fato da cultura. (Ibidem, p. 108).

⁵⁸ Esse foi um assunto que rendeu várias publicações na Internet. Entre elas ver: http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL1177600-16317,00-EVOLUCAO+DE+JADE+BARBOSA+COM+APENAS+UMA+DAS+MAOS+SURPREENDE+TECNICO+N O+FLA.html.

A: Este ano, eu estou sentindo muitas dores. É que no ano passado eu tive uma séria fratura no osso de crescimento e precisei parar de caminhar, podia quebrar o osso e minha perna parar de crescer. Aí eu voltei a treinar e comecei a ter dor no ombro, dor no pé e algumas vezes até eu me esquivava para não fazer, por causa da dor. Algumas vezes, eu nunca fui de chorar no treino, mas quando eu chego em casa, eu desabo, algumas vezes. Sabe que às vezes as dores são psicológicas. Sente uma vez a dor e pensa que vai sentir a dor pro resto da vida. Mas também não é bem assim, agora eu não sinto muita dor. Dor é normal de sentir para um atleta, senão, não é atleta. Eu não penso na dor mais, daí eu não sinto muita dor agora, normal.

Este relato, que entre outras coisas, diz sobre o sentir dor e o controle do choro, é da mesma atleta que tratei anteriormente no tópico narrar-se, ou seja, esta atleta tinha 12 anos no momento da entrevista e conta que começou a treinar com quatro anos (treina faz oito anos), ao narrar-se conta sobre suas dificuldades financeiras e sobre sua inquietude. Nesse trecho conta sua experiência com relação a dor, usando argumentos que passam por um convencimento a si mesma de que as dores podem não ser tão graves, sendo inclusive psicológicas. A experiência da dor sempre é singular, ninguém reage frente a dor da mesma forma.

Cada indivíduo responde de uma maneira diferente a uma ferida ou a uma infecção, embora essas sejam idênticas. O grau de sensibilidade é diferente. A anatomia ou a fisiologia não são suficientes para explicar as diferenças ou variações culturais, sociais, pessoais ou circunstanciais que afetam um indivíduo por ocasião de um acontecimento doloroso. E isso é porque a atitude frente a dor não é uma coisa meramente mecânica ou fisiológica, ela é sempre mediada pela cultura, pelas variações pessoais e pela significação subjetiva atribuída a sua presença. (Ibidem, p.107).

O autor defende ainda, sustentado na teorização de Le Breton que toda dor, inclusive a mais leve, provoca uma metamorfose, uma transformação no sujeito. A dor nos revela nossa impotência e nossa fragilidade. Ela não altera somente a relação do homem com seu corpo, vai mais fundo: transforma, contamina a relação do homem com seu mundo, com o universo em que está inserido. Assim como o corpo a dor é culturalmente marcada, não levar em conta as origens culturais e sociais de quem sente a dor pode constituir-se em um problema, por isso a necessidade de considerar cada caso individualmente, embora muitas vezes as dores estejam relacionadas às lesões ocasionadas principalmente pelo elevado número de horas de treinamento.

Finalizo esta parte do texto com a expressão usada pela mãe de um atleta de 11 anos que treina há cinco. Durante a entrevista, ela afirma: *“são apenas bolhas que viram calos”*. Pergunto sobre o que é mais difícil no esporte, e ela conta que, logo que seu filho entrou na ginástica artística, quando via aquelas mãos abertas de seu filho dormindo, passava pomada (Hipoglós) durante seu sono para curar. Ao tentar justificar a dor que sentia como mãe, conforta-se dizendo, então, que são apenas bolhas que viram calos. Acrescenta que já se acostumou e que hoje sente mais quando o filho leva broncas do técnico. Calos são apontados por atletas como as principais marcas da ginástica em seus corpos. Bolhas e mãos abertas fazem parte da configuração dessas marcas. *“Para se ter certeza se um baixinho ou uma baixinha faz ginástica artística, basta observar suas mãos, a calosidade revela sua prática”*, diz um atleta, em tom de brincadeira, durante a entrevista, quando fala das marcas do esporte deixadas nos corpos.

Este dispositivo pedagógico da prática de si, o dominar-se, faz pensar sobre o que o sujeito pode e deve fazer consigo mesmo. Tratando-se da educação corporal de atletas da ginástica artística, passa, entre outras coisas, pelo aprendizado e controle da dor, que trouxe para o texto até este momento, marcando principalmente o lugar das lesões nesse processo. Prossigo com esta discussão refletindo sobre o controle do peso corporal, visto também como algo a ser dominado.

O controlar-se envolve também questões relacionadas aos cuidados com a alimentação; controlar a fome para manter-se com o peso necessário é outra das exigências para quem deseja ser atleta. Seguir dietas balanceadas, evitar o excesso de ingestão de amidos e dar preferência para frutas, verduras e proteínas estão presentes nas falas de atletas que entrevistei, embora *“as escapadinhas, o chocolate escondido”*, também fossem mencionados. Atletas aprendem sobre uma alimentação adequada para controle do peso, embora, na maioria das vezes, cada um precise bancar individualmente e sem apoio sua dieta.

“Comer livre” é uma impossibilidade na ginástica artística, comenta uma atleta de 11 anos que treina há quatro. Ela reconhece que, para outros esportes, como sumô e judô, isso não é tão necessário, mas para a ginástica é imprescindível. O drama das jovens que chegam à adolescência (menarca) e se mantêm em treinamento é bastante presente na ginástica artística. O peso corporal é determinante para se tornar um grande talento na ginástica artística, e saber

controlá-lo é um grande desafio, pois a lógica seria “se treino, posso comer mais do que alguém que não treina”, mas, para ficar com pouco peso, essa lógica não funciona. “*E dizem que ginástica emagrece, emagrece nada*”, diz uma atleta de 14 anos que treina desde os cinco anos de idade (ou seja, nove anos de treinamento) e que vive esse drama no momento da entrevista. Ela prossegue:

A: Quando algo não está bem, sempre o problema é o peso. A pergunta da equipe é: já te pesou hoje? Às vezes, eu estou começando a aquecer, o técnico [menciona o nome] vem me caçar, e vamos até a balança para me pesar. Às vezes, é a cabeça que não está legal, é o fim de semana que não foi bom, mas o problema sempre é o peso. Para seguir dieta, precisa sempre pegar algo diferente no supermercado, foge ao orçamento. A minha mãe me ajuda, pica frutas e coloca em um pote.

Atletas faltam ao treino por estarem acima do peso. Comer escondido, desviar da balança⁵⁹, ficar fora de campeonatos, ouvir piadinhas irônicas (“*sinto, mas acho que vamos ter que comprar uma trave nova*”), ir para a esteira e correr são práticas (castigos) comuns para quem está acima do peso desejado (indicado). Xingamentos e cobranças de colegas de equipe e da equipe técnica são reclamações de atletas femininas que sofrem com o peso elevado.

O depoimento dado por outra atleta que também precisa controlar seu peso, pois, segundo ela, tem facilidade de engordar, aponta questões importantes relacionadas também às condições socioeconômicas:

A: O controle não é da comida, mas do peso. Não importa o que tu vais comer, tu estando no peso, não tem problema. O difícil é ficar dentro do peso estabelecido pela equipe técnica.

Compreendi que não existe uma dieta comum para atletas, e são poucas as orientações e investimentos em relação a como fazê-la adequadamente. A cobrança recai sobre o peso. O orçamento necessário para controle de peso e manutenção de hábitos saudáveis implica ter recursos, e isso, no universo da ginástica artística, ainda é muito restrito. O trabalho de força corporal, mencionado anteriormente, é feito no ginásio, sem equipamentos adequados e sem auxílio de profissionais da

⁵⁹ Atletas da ginástica utilizam a balança da sala do judô para fazer a pesagem na entrada ou na saída das sessões de treinamento. Essa sala está localizada ao lado do ginásio de ginástica. Não consegui saber o rigor com que isto é feito. No alto nível (nacional), o peso é controlado antes e depois dos treinos. O peso é anotado e algumas vezes fica exposto em um quadro que se encontra dentro do ginásio, onde fica também o roteiro de treinamento de alguns (algumas) atletas, junto com outras informações.

musculação, o mesmo ocorre com a nutrição, que não recebe apoio de pessoas desta área do conhecimento. Todo o treinamento e a preparação de atletas, com exceção da fisioterapia, é feito no ginásio de ginástica, sob a responsabilidade da equipe técnica.

Durante as sessões de treinamento, que duram em torno de três, quatro ou até cinco horas, os(as) atletas não comem, e recomenda-se que bebam pouca água, tudo para não permitir que o excesso de peso corporal atrapalhe o rendimento máximo esperado de cada um(uma) na execução dos exercícios. O peso, tão responsabilizado pelos maus desempenhos (principalmente no naipe feminino) na realização do exercício, assombra principalmente as cabeças das meninas adolescentes. Uma delas diz:

A: A pior coisa é tu engordares e não conseguires controlar o peso. Teve uma época em que eu me desmotivei, estava com problema de peso. Foi bem na época em que eu menstruei, e era bem irregular, menstruava somente uma vez no ano. Como a gente treina, o corpo fica mais leve e não tem a quantidade de gordura, por isso, acaba não menstruando regularmente. Este ano [2008], por exemplo, eu menstruei até março e, como os treinos estavam muitos fortes, eu fui menstruar de novo em agosto, e isso é normal na ginástica. O ano passado foi a mesma coisa (...). Tentei desistir duas vezes, não conseguia ficar dentro do peso, tu não tens controle do teu corpo, tu engordas muito fácil. Peso é um problema seguido na ginástica. Às vezes, é muito mais psicológico do que qualquer outra coisa...

Não conseguir controlar o peso é tido por essa atleta como a pior coisa. Sentir-se desmotivada, desanimada e aborrecida e até mesmo desistir do esporte pelas dificuldades encontradas com o excesso de peso corporal é bastante comum. Ouvi relatos da equipe reclamando do quanto é difícil treinar as atletas na fase da adolescência, contando sobre ter que ir buscá-las em casa e trazê-las de volta para a ginástica, práticas que foram bastante mencionadas. Uma atleta encontra uma saída. São outras realidades que se fazem presente em âmbito nacional, como indica esse trecho da reportagem cuja manchete diz: *Lipoaspiração chega ao esporte de alto rendimento*⁶⁰.

⁶⁰ Em: <http://www.arturmonteiro.com.br/2009/06/a-lipoaspiracao-chega-ao-esporte-de-alto-rendimento/>

A cirurgia estética, amplamente explorada no mundo artístico e por amantes do corpo perfeito, chega ao esporte de alto rendimento. Enquanto Diego Hypólito fica longe dos treinos devido à lesão no ombro, quem está voltando é a sua irmã. Daniele Hypólito foi submetida a uma lipoaspiração e, após um mês de recuperação, já pôde voltar às competições. O motivo da procura de Daniele por uma cirurgia que é costumeiramente feita por motivos de estética foi a dificuldade da ginasta em chegar ao seu peso ideal para voltar aos treinos. Assim, ela passou pela lipoaspiração e, após um mês de repouso, foi para o Troféu Brasil em Blumenau. Este procedimento é realmente necessário ou o controle alimentar é suficiente para tal objetivo? (MONTEIRO, 2009, s/p.).

Embora trazido por mim para refletir sobre o controle da alimentação, da fome e do peso corporal que atletas efetuam sobre seus corpos para manter-se em treinamento, esse trecho também aponta várias outras questões, como, por exemplo, os julgamentos em relação ao uso da cirurgia plástica para fins estéticos e o uso para fins de controle de peso corporal. O tom da pergunta que finaliza o trecho (“*Este procedimento é realmente necessário ou o controle alimentar é suficiente para tal objetivo?*”) conduz à representação de uma atleta pouco disciplinada, pouco controlada em relação à sua alimentação, e coloca sob rasura opiniões mais tradicionais em relação ao esporte como sinônimo de saúde e bem-estar, como uma maneira de manter-se em forma ou de buscar uma condição física melhor. Separar estética de controle de peso, numa cultura cotidiana de busca pela magreza, é algo improvável, porém, quando esse controle de peso corporal está vinculado à ginástica artística, parece não ser tratado também como uma questão estética.

O corpo de atletas da ginástica artística, controlado em seu peso, forte e flexível, por vezes lesionado, machucado, cansado, com calosidade nas mãos, é motivo de orgulho para vários(as) atletas. Possui características almejadas na atualidade (como, por exemplo, a magreza e a musculatura definida). São corpos malhados que atletas se orgulham de possuir:

A: Para ser ginasta, tem que ter o corpo [ênfase no O], tem que ser forte de braço, de barriga, de perna. Isso na ginástica é ótimo, é muito bom, mas, tipo assim, na escola, atrapalha. Eu não posso ir com uma blusa curtinha, apertada, porque eles ficam falando muito: que barriga, que braço, que coxa, que perna. A gente procura dizer que é da ginástica, não é nosso. Eu era forte, mas com a ginástica a gente desenvolve o músculo, desenvolve na barriga, na coxa, porque, se tu não tiveres, tu não tens força para fazer um mortal. Então, eu gosto do meu corpo como ginasta, eu não gosto que comecem a falar do meu corpo. É o corpo que eu tenho, eu não tenho culpa de ter, porque, se eu não tivesse esse corpo, eu não saberia lidar com a ginástica. É isso.

Ter esse corpo almejado envolve treinos diários e controle da alimentação. Mesmo assim, conforme as dificuldades relatadas acima, é algo difícil de conseguir, e por isso mesmo a atleta opta pela cirurgia plástica.

O controlar-se, visto como uma das dimensões do trabalho sobre si exercido por atletas, exige o conhecimento de si, saber até onde é possível ir com as condições que se tem, com as condições que cada qual apresenta em determinada fase do processo de treinamento – conhecer-se para poder dominar-se. O controle de atletas pela equipe técnica ocorre até mesmo pela fisionomia, pelas expressões faciais que técnicos(as) aprendem a decifrar individualmente no grupo que treinam. Como diz uma integrante da equipe técnica: “*chegam a mudar de figura, de fisionomia, a cor é pálida, sei até mesmo quando uma atleta está menstruada, sem ela me dizer*” (décimo segundo diário de campo, 23.05.2008).

Aprender a dominar, a governar e a conduzir é estabilizar as ações, dar-lhes uma forma, uma direção, uma composição mútua, uma ordem e um sentido. É formar e dirigir as forças, capturar e orientar as condutas, reduzir sua indeterminação, sua fluidez, sua desordem (LARROSA,1995, p. 82).

Ainda: “a experiência de si desde a dimensão do dominar-se não é senão o produto das ações que o indivíduo efetua sobre si mesmo com vistas a sua transformação. E essas ações, por sua vez, dependem de todo um campo de visibilidade, de enunciabilidade e de juízo (...)” (Ibidem, p. 79). O ver-se, o expressar-se, o narrar-se e o julgar-se são inseparáveis nos procedimentos de fabricação de sujeitos (seus corpos) controlados, que sabem até onde devem e podem ir para alcançar seus objetivos na ginástica artística de alto rendimento.

Novamente, nessa dimensão do dispositivo pedagógico da experiência de si, aparecem atravessamentos de gênero. Se, em muitos momentos das sessões de treinamento esportivo em ginástica artística, o controlar-se está para as meninas e jovens mulheres como o desafiar-se está para os meninos e jovens homens e isso pode reverter em discursos que afirmam que as mulheres precisam treinar mais para conquistar resultados, o choro torna-se algo a ser controlado tanto por mulheres quanto por homens. Entretanto, existe uma diferença neste controle que permite às mulheres uma liberdade maior de demonstrar esse sentimento, enquanto que aos homens a permissão para chorar exige maior controle. Se, num contexto geral de treinamento, os homens autorizam-se mais a desafiar-se e as mulheres são mais reservadas para os desafios, o que pode resultar em um controle maior sobre si mesmas, tratando-se do choro, não acontece dessa forma, ou seja, o controle do choro torna-se uma exigência mais visível no universo masculino.

As características exigidas para ser atleta de alto rendimento da ginástica artística colocam as mulheres em situação de desvantagem. Exigir coragem (não ter medo), autoconfiança e segurança, desafiar o limite e ter capacidade de suportar a dor são mais comuns no universo masculino. Isso acaba, freqüentemente, justificando discursos naturalizados no meio da ginástica artística que afirmam que as mulheres treinam mais e obtêm piores resultados, que elas estão sempre “*correndo atrás*” do que os homens fazem.

IET: Os movimentos acrobáticos são criados pelo masculino e depois copiados e apresentados pelo feminino. Isto já é histórico. O primeiro a fazer um duplo mortal foi um homem, o primeiro a fazer um duplo mortal com uma pirueta foi um homem. São raras as exceções. Normalmente, as meninas observam dentro da ginástica masculina e procuram levar para o universo delas. No solo, é só copiar; no salto, é só copiar; nas assimétricas, elas copiam movimentos que os homens fazem na barra. Na trave, também são os movimentos do solo. Primeiro criam no solo e depois levam para a trave.

Nesta fala de integrante da equipe técnica, aparecem informações sobre a naturalização de diversos elementos culturais e históricos que, analisados na perspectiva de gênero, podem ser compreendidos de outras formas. Questionar o status atribuído a quem é primeiro a executar e os sentidos dados ao estar na frente, ao ser criador de determinadas performances, possui valor superior na lógica da

competição, das disputas, de querer ser melhor. Não importa apenas executar, fazer; a busca é pela dificuldade a ser superada e pela perfeição técnica, por algo que ainda está por vir. O controlar-se e o desafiar-se, para atletas femininas e para atletas masculinos, estão constituídos o tempo todo por atravessamentos de gênero, sendo representativos de masculinidades e feminilidades presentes em muitas outras práticas culturais de nossa sociedade.

Organizei esta parte da tese, que considero como um momento importante de trazer e analisar dados produzidos durante a pesquisa de campo, em unidades analíticas a partir das dimensões dos dispositivos pedagógicos que constituem as tecnologias do eu desenvolvidos por Larrosa (1995). Foi através dessa forma de organização que procurei trazer elementos das observações, das entrevistas e do treinamento em ginástica artística. São pontos que durante a pesquisa foram se evidenciando, como o silêncio e a concentração de atletas, a disciplina e a repetição, a inquietude e a busca pela superação como duas formas de narrar-se, a competitividade e a maturidade como práticas comuns de julgar-se e, por fim, a coragem e o controle como paradoxos nas vidas de atletas e de quem está envolvido com o esporte de alto rendimento.

Os dispositivos articulam-se, mesclam-se, sobrepõem-se; eles não representam particularidades do sujeito atleta. Se os organizei dessa maneira, foi apenas como uma forma didática para poder refletir sobre o processo de educação corporal de atletas da ginástica artística. O que as coisas que fazemos fazem de nós e o que fazemos com essas coisas que nos fazem foi a tentativa que fiz de trazer para este tópico o material empírico, quase sempre, com sentidos contraditórios, vindos de diferentes participantes da pesquisa, que possuem opiniões e compreensões distintas sobre os temas pesquisados.

Ao ver-se, ao expressar-se, ao narrar-se, ao julgar-se e ao dominar-se, atletas exercem e sofrem a ação do poder. São diferentes intensidades, diferentes forças que entram em ação. Por vezes, atletas detêm o poder, por outras, ficam à mercê da equipe técnica, de familiares ou responsáveis, do clube, da instituição esportiva, etc. Simples tomadas de decisão, como não comparecer aos treinos ou querer desistir, ou acidentes, como lesões, desestruturam a lógica de que o poder está localizado em um único local. São tantos investimentos feitos, em termos de tempo de

treinamento e conhecimentos (habilidades técnicas) adquiridos, que faz com que atletas não apenas sofram, mas exerçam poder em seu processo de educação corporal.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1998, p. 183).

4 OUTROS RELANCES...

IET: (...) aquela criança que tem um brilho no olho, que tu dizes para ela qualquer coisa, e ela quer mais do que tu estás dizendo. Isso tu vês quando pequeno já. Isso é uma característica importante, a criança querer mais do que tu estás oferecendo. Ela sempre tem que querer mais do que tu estás oferecendo para tu poderes oferecer mais para ela.

O trecho acima foi recortado de uma das entrevistas que realizei com integrante da equipe técnica quando ele fala sobre características que considera importante para uma criança se tornar atleta de alto rendimento. No momento da entrevista, após apontar as características físicas de um corpo almejado, entre elas, força, flexibilidade, estatura baixa ou mediana, este integrante faz referência ao “brilho no olhar, ao querer sempre mais”. Trata-se de algo que extrapola o que se pode atingir pelo treinamento, pois, segundo sua compreensão, pode-se ver desde pequeno quem apresenta tais características. O que me fez trazer esse trecho para finalizar esta investigação foi a referência feita ao brilho no olhar e ao querer sempre mais do que alguém está oferecendo, pois essas características, neste depoimento, também tomam corpo. O brilho no olhar e o querer mais também são corpo, tomam forma, assumem materialidade, e o corpo é brilho, é vontade, é desejo, é sensação, é prazer ao mesmo tempo em que sente dor, chora, sofre e se submete a treinos rotineiros e exaustivos.

O esporte de alto rendimento não apenas danifica, desgasta, lesiona corpos. Ele produz vida, cria oportunidades, torna-se a razão de ser e o modo de “viver a vida” de pessoas que com ele trabalham. Os motivos que levam os(as) atletas a praticar esporte de alto rendimento e a fazer uso das tecnologias relacionadas ao corpo para melhorar suas performances são tão diversos quanto a tentativa de estudar esses fenômenos (esportes, atletas, corpos). Ao mesmo tempo em que estes temas fascinam e produzem desejo, podem produzir também repugnância, desconforto e tensão.

Discute-se se o prazer corporal consiste no “funcionamento calmo e regular do corpo – isto é, de um estado de saúde não perturbado por doenças de nenhuma espécie”, ou se ele requer algo mais que isso: em suma, se o prazer é a ausência de dor ou desprazer, ou se ele é algo mais positivo; em outras palavras, se o bem-estar é um grau zero de mal estar, ou se é algo mais intenso, quantitativamente mais elevado (RIBEIRO, 2003, p. 26).

Dentro das perspectivas teóricas e dos referenciais com que estive envolvida durante esta investigação, a questão não pode mais ser formulada no sentido de saber o que mesmo é esporte de alto rendimento, ou o que mesmo é o corpo, ou quem mesmo são os(as) atletas, ou como podemos representá-los(as) corretamente. O movimento é de estranhamento e distanciamento em relação a esses tipos de questionamentos e, ao mesmo tempo, de aproximação a um modo de olhar a cultura, procurando identificar discursos e conjuntos de significados que atuam na educação corporal de atletas.

Embora, nas sessões de treinamento esportivo da ginástica artística, se busque a perfeição estética do corpo na realização das séries de elementos da modalidade, por mais pretensiosas que sejam as vontades do esporte de alto rendimento, a educação corporal de atletas nesta modalidade esportiva está o tempo todo lidando com o incerto, o instável, o difícil do malabarista, com o contrabalanço e a harmonia desejada pelo equilibrista e com as peripécias, os incidentes, os imprevistos próprios do acrobata. A identidade histórica ligada ao trabalho realizado no circo constitui as subjetividades de ginastas. Essa história também possibilita entender o espaço de treinamento esportivo da ginástica artística como um local que compreende diferentes corpos, diferentes sujeitos, diferentes vontades, diferentes intenções. Cada um nesse espaço deixa-se tocar, modificar, educar, conforme suas condições e entendimentos. Isso ocorre num processo complexo de educação e abrange outras instâncias da vida de quem busca ser ou se torna atleta. A escola, a família, a comunidade, o bairro, os grupos de amizade e as mídias educam corpos de atletas junto com a equipe técnica que atua no ginásio. São corpos que se produzem e são produzidos em meio a muitos “dispositivos”, conforme busquei analisar ao falar das cinco dimensões que constituem a experiência de si.

A descrição de tecnologias de dominação que cada um exerce sobre si mesmo e de tecnologias de dominação que cada um exerce sobre os demais permitiu problematizar as sessões de treinamento como um universo complexo de relações de poder que se exercem em diferentes direções. O conceito de tecnologias do eu que envolve a forma de subjetivação dada a partir da experiência de si que cada um efetua sobre seu corpo permitiu pensar o atleta como um sujeito particular e, conseqüentemente, a imbricação que se estabelece entre corpo e atleta. Sujeito moderno, produzido também pela instituição esportiva, em meio a uma racionalidade que ao mesmo tempo estimula a totalização e a individualização e que não é apenas própria desse espaço, dessa modalidade ou dessa instituição. Foi imersa no desafio de pensar sobre o que as coisas que fazemos fazem de nós e o que nós estamos fazendo com as coisas que nos fazem – ou, dito de outra forma, o que podemos fazer com essas coisas ou, ainda, o que estamos fazendo com os outros e com cada um de nós mesmos –, que produzi esta escrita, com esta forma.

No texto “O enigma da igualdade”, Joan Scott (2005) diz que estamos acostumados a ter que optar, decidir em nossa vida cotidiana por isso ou aquilo. Ela nos faz pensar a partir de um lugar que torna as coisas mais complexas e *complicadas, que dificulta a compreensão de uma quantidade de temas que acabam ficando em suspenso, que acabam se tornando misteriosos ou problemáticos, como sugere o conceito de “enigma”, que atravessa o texto desde o título. Entendi que, diferentemente do que estamos acostumados a fazer em nosso cotidiano, tentar resolver os paradoxos e não ser paradoxal, ser claro, objetivo e não-enigmático, já não servem para esta leitura, pois, quando se pensa em determinados assuntos a partir de conceitos como o de paradoxo ou de dilema (não para ver sua improdutividade ou para tentar resolvê-los, mas buscando sua complexidade), são outras as questões a serem formuladas. Importa para esta pesquisa especialmente a parte final do texto, quando a autora levanta uma série de novas perguntas para o tema da igualdade e da justiça, dos indivíduos e dos grupos e, principalmente, quando ela afirma que prefere olhar para a política não como a arte de fazer o possível, mas sim como a negociação do impossível. “O que está em jogo é que tipo de humanidade queremos, e como podemos, nas próximas décadas, construir um mundo no qual a felicidade seja mais do que o grau zero da dor e da carência: em que ela seja algo positivo”. (RIBEIRO, 2003, p. 33).*

Esta é uma possível leitura do material empírico que produzi nesta tese; em outros momentos, com outros autores, com outras conversas, esse material poderia render outras leituras. Observei e analisei corpos em suspensão, saltando, levantando peso, deitados no solo, de ponta-cabeça; corpos exercitando-se nos aparelhos de ginástica, movimentando-se; corpos em toda parte, esbeltos, sorridentes, tristes, cansados, dispostos, enfim, corpos em seu processo de educação, em treinamento. O desafio de deixar-me levar por não saber mais de quem eram os relatos, de não criar nomes fictícios, de contar um pouco das histórias individuais de atletas, integrantes da equipe, familiares e responsáveis, buscando não expor ninguém e não julgar, sabendo o quanto é complicado cortar falas e selecionar apenas os pontos que interessam analisar, tornou-se um exercício prazeroso e, ao mesmo tempo, difícil, de idas e vindas aos rascunhos, às anotações, às coisas lidas e não incorporadas, às coisas apenas marcadas nas páginas de textos e livros, à possibilidade de rever e incorporar outras ideias.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. *Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n.2, p.445 – 465, julho-dezembro, 2003.

ARAÚJO, Rosane. *Manual do pequeno atleta*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BERGER, John, BLOMBERG, Sven, FOX, Chris, DIBB, Michael, HOLLIS, Richard. *Modos de Ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. *A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: Observando a cultura de treinamento desde dentro*. *Motricidade*, v. 3, n.1, p. 323-336, 2007.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desporto, 1997.

_____. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

BUENA Vista Social Club. Direção: Win Winders. Produção: Ry Cooder. Roteiro: Win Winders. 1999. 1 filme (100 min), son., color., 35mm⁶¹.

CARTWRIGHT, Lisa. *Gender artifacts: Technologies of body display in medical culture*. In: COOKE, Lynne e WOLLEN, Peter (Org.). *Visual display. Culture beyond appearances*. Siatle: Bey Press, 1995.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988.

CASTIEL, Luis Dadid. *Dédalo e os Dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde*. In: CZERESNIA, Dina, FREITAS, Carlos Machado de (Org.). *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001.

⁶¹ OBS: A sequência de fotografias foram produzidas a partir de cenas do documentário: Buena Vista Social Club.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CECCHETTO, Fátima R. *Corpo, masculinidade e violência*. In: CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 73-87.

CÉSAR, Maria Rita de Assis e DUARTE, André. *Governo dos Corpos e Escola Contemporânea: pedagogia do fitness*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio – agosto, p. 119-134, 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. Disponível em <http://www.cbginastica.com.br/web/>. Acesso em 5 de outubro de 2007.

CONNEL, Robert W. *Políticas da Masculinidade*. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, julho-dezembro, p.185-206, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber. *Uma agenda para jovens pesquisadores*. In: VEIGA NETO, Alfredo, BUJES, Maria Isabel E., WORTMANN, Maria Lúcia C., FISCHER, Rosa M. Bueno, SILVEIRA, Rosa Hessel (orgs). *Caminhos Investigativos II – Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 93-118.

COUTO, Edvaldo Souza. *Corpos Modificados. O saudável e o doente na cibercultura*. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Estermann. *O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 27, n. 3, maio, p. 103-118, 2006.

DOMÍNGUEZ, Reinaldo Bustos. Elementos para uma Antrología Del dolor: El aporte de David Le Breton. *Acta Bioethica*, Santiago, año VI, n. 1, p.104-112, 2002.

DONALD, James. *Liberdade bem-regulada*. In: SILVA, Tomaz. Tadeu. (Org.). *Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 61-87.

DOUGLAS, William e ARAUJO, Renato. *Criando Campeões – Uma receita infalível para pais e professores desenvolverem vencedores – Com dicas e depoimentos de Diego Hypolito*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em http://www.ginasticario.com.br/fgerj.php?item=Gr_historia. Acesso em 2 de março de 2008.

FERREIRA FILHO, Raul Alves. *Ginástica artística não prejudica crescimento*. Jornal do Comércio, Porto Alegre, abril, p. 2 – 3, 2005.

FISCHER, Rosa Maria B. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Tese, (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Olimpíadas de Pequim*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=498ASP003>. Acesso em 10 de agosto de 2008.

FONSECA, Cláudia Lee Williams. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 10, janeiro-fevereiro-março-abril, p. 58-78, 1999.

FOUCAUT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAUT, Michel. *A escrita de si*. In: _____. *O que é um autor?*. 4ª. ed. Alpiarça: Passagens, 2000.

_____. *Vigiar e Punir*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Microfísica do Poder*. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *O uso dos prazeres*. In: História da sexualidade. Vol 2. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

_____. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

_____. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

FRAGA, Alex Branco. *Anatomias Emergentes e o bug muscular*. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.) *Corpo e História*. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCIA, Sandra Maria. *Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero*. In: ARILHA, Margareth. RIDENTI, Sandra. G.U. MEDRADO, Benedito. *Homens e Masculinidades outras palavras*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1998. p. 31-50.

GIL, José. Entrevista com José Gil (realizada por Denise B. Sant'Anna). *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 5, n.2, dezembro, p. 253-266, 1997.

_____. *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Regras do jogo, 1981.

GLOBO ESPORTE. *Evolução de Jade Barbosa com apenas uma das mãos surpreende técnico do Fla*. Disponível em:

http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL1177600-16317,00-EVOLUCAO+DE+JADE+BARBOSA+COM+APENAS+UMA+DAS+MAOS+SURPREEN+DE+TECNICO+NO+FLA.html. Acesso em 10.06.2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A Produção de Corpos Hígidos: Atividade Física, Saúde e Nacionalismo no Brasil no Início do Século 20*. In: GRANDO, Beleni Salet (org.). *Corpo, Educação e Cultura – Práticas Sociais e Maneiras de Ser*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 75-94.

GONZÁLEZ, Jaime. F., FENSTERSEIFER, Paulo. E. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005.

GREEN, Bill. BIGUM, Chris. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 208-243.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Disponível em <http://www.gnu.com.br/novo/web/default.asp>. Acesso em 7 de janeiro de 2008.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo*. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n.2, julho-dezembro, p. 15-46, 1997.

_____. *Identidade cultural e diáspora*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 24, p. 68-76, 1996.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismos-socialistas no final do século XX*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do Ciborgue: vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 37-129.

HASSE, Manuela. *Branca, Limpa e Alinhada: a Ressignificação da Natureza no Processo de Transformação do Corpo Feminino (1938–1972)*. In: GRANDO, Beleni Salete (org.). *Corpo, Educação e Cultura – Práticas Sociais e Maneiras de Ser*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 53-74.

HOUAISS. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 9, outubro, p. 103-117, 1998.

KUNZ, Elenor. *A Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1994.

KUNZRU, Hari. “*Você é um ciborgue*”: *um encontro com Donna Haraway*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 19-36.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. *Tecnologias do eu e educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 35-86.

LATOURETTE, Bruno e WOOLGAR, Steve. *A Vida de Laboratório: A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUPTON, Deborah. *Corpos, prazeres e práticas do eu*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, julho-dezembro, p. 15-48, 2000.

_____. *Risk and the ontology of pregnant embodiment*. In: LUPTON, Deborah (Ed.) *Risk and Sociocultural Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MACNEILL, Margaret. *Estudos de Mídia do esporte e a (Re)produção de identidades*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, n.1, v. 28, setembro, p. 9-38, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade – proposta de análise e escolha do objeto*. In: OLIVEIRA, Paulo Salles (Org.) Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 183-197.

MATO, Daniel. *Esboço para uma linha de investigação em cultura e transformações sociais em tempos de globalização*. In: Marisa Vorraber Costa, Maria Isabel Edelweiss Bujes. (Org.) Caminhos Investigativos III - riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. p.155-178.

MEDEIROS, Marta. *Trampolim imaginário*. In: STRELIAEV, Leonid. Grêmio Náutico União centenariamente jovem. Porto Alegre: Leonid streliaev, 2007.

MEDINA, Joao Paulo S.. *Educação Física Cuida do Corpo e 'Mente'*. Campinas: Papyrus, 1983.

MEYER, Dagmar Estermann. SOARES, Rosângela de Fátima. *Modos de ver e de se movimentar pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com - e a partir de - um filme*. In: Marisa Cristina Vorraber Costa. (Org.). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. 1 ed. Rio do Janeiro: DP&A, 2005, v. 1, p. 23-44.

_____. *Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos*. Revista Movimento, Porto Alegre, v.9, n.3, setembro-dezembro, p. 33-58, 2003.

_____. *Gênero e educação: teoria e política*. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. P. 9-27.

_____. *Saúde da mulher: indagações sobre a produção do gênero*. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 113-119, 1999.

MIAH, Andy. *Atletas geneticamente modificados – ética biomédica, doping genético e esporte*. São Paulo: Phorte, 2008.

MOLINA NETO, Vicente. *Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física*. In: Vicente Molina Neto;

Augusto N. S. Triviños. (Org.). *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física*. 1 ed. Porto Alegre-RS: Editora da Universidade, Sulina, 1999, v. 1, p. 107-140.

MONTEIRO, Artur. *Lipoaspiração chega ao esporte de alto rendimento*. Disponível em: <http://www.arturmonteiro.com.br/2009/06/a-lipoaspiracao-chega-ao-esporte-de-alto-rendimento/>. Acesso em 24.06.2009.

MONTERO, Rosa. *A Louca da Casa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.2, agosto-dezembro, p. 9-41, 2000.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. IN: NOVAES, Adauto (org.). *O homem – Máquina-A ciência Manipula o Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 7-15.

NUNOMURA, Myrian, PIRES Regina Fernanda, Carrara Paulo. *Análise do treinamento na ginástica artística brasileira*. Revista Brasileira de Ciência dos Esportes, Campinas, v31, n1, p. 25-40, 2009.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto – corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PADIGLIONE, Vincenzo. *Diversidad y pluralidad em el encenário deportivo*. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona, INEF de Catalunya, n.41, p. 30-35, 1995.

PILOTTO, Fátima Maria. *A pedagogia esportiva da mídia uma análise a partir de textos de jornais*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação, (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2000.

_____. *Diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esportes*. In: WORTMANN, Maria Lúcia (et. al.) (Orgs.). *Ensaio em estudos culturais, educação e ciência; a produção cultural do corpo, da natureza, e da tecnologia; instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 93-114.

_____. *A educação física escolar analisada a partir de três diferentes perspectivas*. Monografia (Programa Especial de Treinamento, PET) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, 1997.

_____. *Marcando, driblando, bloqueando, cortando... representações de professores/as de Educação Física na literatura infanto-juvenil*. In: SILVEIRA, Rosa Hessel (org). *Professoras que as Histórias nos Contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 173-184.

POCIELLO, Christian. *Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação*. In: SANT'ANNA, Denise B. (org) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

PUBLIO, Nestor Soares. *Evolução Histórica da Ginástica Olímpica*. Phorte Editora. São Paulo. 1998.

RAMOS DO Ó, Jorge. *A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: outras conexões investigativas*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio – agosto, p. 97-118, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. *Novas fronteiras entre natureza e cultura*. In: NOVAES, Adauto (org.). *O homem – Máquina A ciência Manipula o Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROSE, Nicolas Rose. *Inventando nossos eus*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

_____. *Governando a alma: a formação do eu privado*. In: SILVA, Tomaz (org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 30-45.

SANT'ANNA, Denise. B. *Descobrir o corpo: uma história sem fim*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, julho-dezembro, p. 49-58, 2000.

_____. *Entrevista com José Gil*. In: *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 5, n. 2, dezembro, p. 253-266, 1997.

_____. *O corpo entre antigas referências e novos desafios*. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, vol. 5, n. 2, dezembro, p. 275-284, 1997.

_____. de (Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115-120.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. *Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver*. In: Marisa Vorraber Costa, Maria Isabel Edelweiss Bujes. (Org.) *Caminhos Investigativos III - riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. , p. 9-22.

_____. *Pedagogias do corpo: representação, identidade em instâncias de produção*. In: SILVA, Luiz Heron da. (Org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999. P.194-212.

SCHMIDT, Saraí. *Ter Atitude: escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*. Tese, (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.1, janeiro-abril, p. 11-30, 2005.

_____. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, vol.20, n.2, julho–dezembro, p. 71-100, 1995.

SEGALEM, Martine. *Homens, esportes, Ritos*. In:_____. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Tradução de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 70-90.

SIBILIA, Paula. *Biopoder*. In: *O homem pós orgânico – corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 157-213.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

_____. *Parecer*, (Projeto tese doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados*. In: _____.(Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O currículo como Fetiche – a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Alienígenas na sala de aula*. Uma introdução aos estudos culturais em educação. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Carmen Lucia; TAFFAREL, Celi Z.; VARJAL, Elisabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli O.; BRACHT, Valter. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Carmen Lucia. *Imagens da Educação no Corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STIGGER, Marco Paulo e LOVISOLO, Hugo (orgs.). *Esporte de Rendimento e Esporte na Escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

STIGGER, Marco Paulo. *Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico metodológicos e pesquisa de campo*. In: Stigger, Marco Paulo; González, Fernando; Silveira, Raquel da. (Org.). *Estudos Etnográficos Sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos*. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, v. 1, p. 31-50.

_____. *Esporte, Lazer e Estilos de Vida*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STRELIAEV, Leonid. *Grêmio Náutico União centenariamente jovem*. Porto Alegre: Leonid streliaev, 2007.

TESCHE, Leomar. *Turnen, A Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-Brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852-1940*. Ijuí: Unijuí, 2002.

TUCHERMAN, Ieda. *Corpo, fragmentos e ligações: A micro história de alguns órgãos e de certas promessas*. In: GOELLNER, Silvana V. e COUTO, Edvaldo S. (org). *Corpos mutantes – ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: editora da Ufrgs, 2007. p. 9-24.

VARELA, J., ÁLVAREZ-URIA, F. *A maquinaria escolar. Teoria & Educação*, Porto Alegre, n.6, p.68-96, 1992.

VARGAS, Mara Ambrosina; MEYER, Dagmar Estermann. *A textualização de corpos doentes através de imagens: uma das lições da UTI contemporânea*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.2, n. 56, p. 168-174, 2003.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal*. Caderno Cedes, Campinas, SP, v. 19, n. 48, agosto, p. 89-108, 1999.

VEIGA NETO, Alfredo. *Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império*. In: RAGO, Margareth e NETO, Alfredo Veiga (orgs.), 2ª. ed. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13-38.

_____. *Paradigmas? Cuidado com eles!* In: COSTA, Mariza, V. (org) *Caminhos investigativos II outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 35-48.

_____. *Olhares...* In: *Caminhos Investigativos – Novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 23-37.

_____. *Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades*. In: PORTOCARRERO, Vera & CASTELO BRANCO, Guilherme (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p.179-217.

VICTÓRIA Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazare Agra. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Uma introdução. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEEDON, Chris. *Feminism, Theory and the Politics of difference*. Oxford: Blackwell, 1999.

Anexo A - Ofício do programa e síntese do projeto entregue ao clube



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACED - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Ilmo Sr.
Prof. Jayme Werner dos Reis
M. D. Consultor Esportivo do
Grêmio Náutico União
Nesta capital

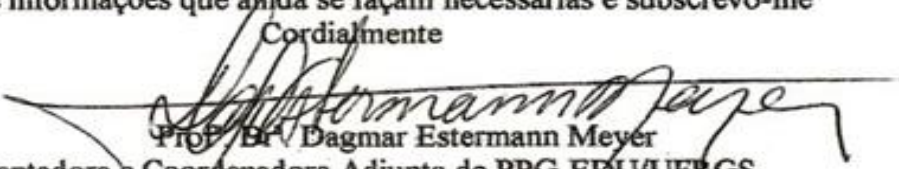
Prezado Senhor

Apresento-lhe a doutoranda **Fátima Pilotto**, regularmente matriculada neste Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fátima é minha orientanda e se encontra em fase de buscar uma instituição que a acolha para desenvolver o trabalho de campo que deve subsidiar a investigação que resultará em sua tese de doutorado. Como se pode ver na síntese do projeto anexo, Fátima pretende discutir e analisar os atravessamentos de gênero na produção de corpos de atletas de alto rendimento, tomando como referência os/as atletas da Ginástica Olímpica.

O GNU é uma Instituição referência nessa modalidade esportiva e essa é a razão que nos leva a procurá-los, no sentido de solicitar-lhes permissão para que a doutoranda possa realizar, ai, o seu trabalho de campo; comprometemo-nos a cumprir todos os requisitos éticos demandados a este tipo de investigação e a respeitar as normas de funcionamento e de organização do clube, no que se refere a esse departamento.

O trabalho de Fátima é importante não só para a sua formação como doutora em educação, mas também para sua função de formadora de professores e professoras de educação Física, na FACOS – instituição onde exerce a docência universitária – e, ainda, para a produção de subsídios que fomentem o debate sobre essas modalidades esportivas e seus efeitos sociais no campo da Educação Física. Assim, certa de poder contar com o apoio do Departamento sob sua coordenação, coloco-me ao seu inteiro dispor para outras informações que ainda se façam necessárias e subscrevo-me

Cordialmente


Prof. Dr. Dagmar Estermann Meyer
Orientadora e Coordenadora Adjunta do PPG-EDU/UFRGS

Av. Paulo Gama, s/nº - Prédio 12201 - 7º andar - Porto Alegre/RS - CEP 90046-900
Tel.: 51-33163428 - Telefax: 51-3316-4120 - E-mail: ppgedu@ufrgs.br

Aluna: Fátima Maria Pilotto

Orientadora: Profa. Dra. Dagmar Stermann Meyer

SÍNTESE DO PROJETO

O projeto de pesquisa trata do tema da produção dos corpos dos atletas praticantes de esporte de alto rendimento. Meu interesse em estudar este assunto está relacionado com minha área de formação – educação física – e, principalmente, com o trabalho desenvolvido em minha dissertação de mestrado. No último capítulo desse trabalho, ao falar de representações sobre as práticas corporais e esportivas em artigos de jornais, observei que um dos temas bastante recorrentes nas reportagens era o corpo-atleta. Além de minha motivação pessoal, esses temas fazem parte do cotidiano da educação física, campo em que geram muitas polêmicas e debates.

Busco pesquisar a rotina de treinamento de alguns/algumas atletas da ginástica artística-olímpica pois penso poderá contribuir para entender a produção cultural e histórica dos corpos, suas especificidades e singularidades. Como saber qual é o limite a ser respeitado ou não ser cruzado ao lidar com o corpo-atleta? Como trabalhar nesse limite, nessa fronteira? Assim, procurarei também entender as diferentes tecnologias que incidem sobre esses corpos - o treinamento específico de habilidades, a nutrição, a psicoterapia, as mídias, etc. Como esse corpo-atleta é dito, contado e vivido? O que os atletas falam sobre seus corpos? Como vivenciam o treinamento? Meu principal objetivo é compreender que discursos estão envolvidos nesse processo de produção, que relações de poder se estabelecem entre as diferentes instâncias envolvidas nessa produção.

Minha pergunta norteadora está formulada da seguinte forma: como se produz o corpo 'adequado' a prática da ginástica artística-olímpica? Como gênero atravessa e dimensiona essa produção corporal? Como a condição sócio-econômica influi na escolha e nas possibilidades de prática dessa modalidade esportiva? Pretendo argumentar que essa modalidade esportiva marca de forma específica os corpos tomando como referência especificamente as marcas de

gênero e a condição socioeconômica. Pretendo, ainda, argumentar que essa produção corporal é ao mesmo tempo um processo de educação corporal, e é a educação intensiva desse corpo que o produz de uma determinada forma.

Estou buscando sustentar minha pesquisa no campo dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero com aproximações no pós-estruturalismo. Essas teorizações são ainda bastante tímidas na educação física, por isso penso ser interessante discutir esse tema a partir dessa perspectiva. Conceitos como ciborgue (Haraway 2000), metacorpo (Virilio 1996), corpo operador (Gil, 1981), gênero (Louro, 1999, 2004, Meyer, 1999, 2003) tecnologias do eu (Larrosa, 1995), entre outros, servirão como ferramentas para analisar meu objeto.

Meu interesse é em desenvolver um trabalho etnográfico, indo diretamente aos locais de produção desses corpos para observar as sessões de treinamento e entrevistar os atletas, técnicos e demais pessoas envolvidas nesse contexto. Também pretendo fazer uso da análise do discurso para desenvolver minha investigação, buscando o emaranhado entre conceitos como saúde e doença, dor e alegria, bem-estar e mal-estar, etc. Terei o cuidado de não analisar as falas das pessoas enquanto sujeitos individuais, responsáveis por suas práticas, mas sujeitos dos discursos que os interpelam e constituem – sujeitos sociais imersos em práticas que envolvem relações de poder. O trabalho etnográfico pressupõe a imersão do pesquisador no cotidiano do grupo investigado para melhor poder compreendê-lo.

O projeto está organizado da seguinte forma: na introdução retomo minha formação, contando como se deu meu envolvimento com o tema, busco delimitar e problematizar a pesquisa. Na segunda parte falo um pouco sobre o esporte de alto rendimento, as polêmicas em torno dessa forma de prática corporal e alguns fragmentos de histórias das ginásticas que me permitem estabelecer vínculos com o corpo-atleta e mostrar ao leitor um pouco da modalidade que escolhi para pensar o assunto. Na última parte (Modos de ver, Modos de fazer) procuro fazer uma discussão teórico-metodológica definindo alguns conceitos e buscando articulá-los com o corpo-atleta.

Anexo B - Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

(elaborado em duas vias, uma que será arquivada pela pesquisadora e outra que deverá ser guardada pelo/a informante das pesquisas).

Prezado/a participante da pesquisa:

A pesquisa “A educação do corpo atleta” será realizada como condição para obtenção do título de Doutora em educação do Curso de Pós – Graduação em Educação (PPGEDU) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem como objetivo principal compreender como o treinamento esportivo produz marcas nos corpos dos atletas, através do acompanhamento da rotina de treinamento do grupo de atletas da ginástica artística do Grêmio Náutico União (GNU).

Esclarecemos que essa pesquisa está sendo desenvolvida através de dois procedimentos: 1) observação de sessões de treinamento e registro em um diário de campo; 2) elaboração de entrevistas com atletas, equipe técnica e responsáveis – familiares. As entrevistas serão gravadas para fins de pesquisa, sendo as fitas posteriormente destruídas. Ressaltamos que será assegurado aos participantes o caráter confidencial e anônimo das informações, bem como a possibilidade de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Esclarecemos, ainda, que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa.

A pesquisa está sendo desenvolvida por Fátima Maria Pilotto e orientada pela Dr^a Dagmar Meyer, do curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone para contato 99985200), com autorização do Grêmio Náutico União.

Agradecemos, desde já, sua colaboração. Porto Alegre,-----/-----/-----.

Eu, -----, declaro que fui informado dos objetivos e justificativas desta pesquisa. Minhas dúvidas foram respondidas e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Coordenadora da Pesquisa

Anexo C - Documentos de solicitação e de aceite do clube para realização da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACED – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Ilmo Sr.
Prof. Jayme Werner dos Reis
M. D. Consultor Esportivo do Grêmio Náutico União
Nesta Capital

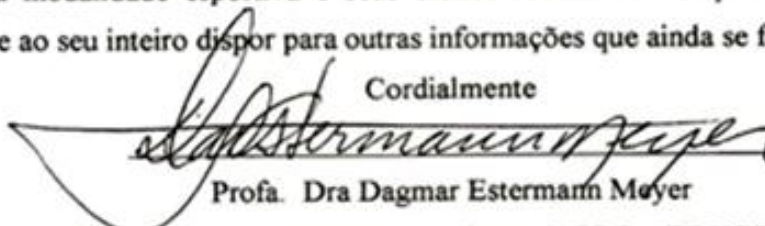
Prezado Senhor

No início de 2008 apresentei-lhe a doutoranda Fátima Maria Pilotto, regularmente matriculada neste Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fátima é minha orientanda e durante esse período (março a dezembro de 2008) realizou seu trabalho de campo junto ao grupo de atletas, equipe técnica e familiares da Ginástica Artística, para subsidiar a investigação que resultará em sua tese de doutorado. Fátima está discutindo e analisando os atravessamentos de gênero e classe social na produção de corpos de atletas de alto rendimento, tomando como referência os/as atletas da ginástica artística.

A razão que me leva a estabelecer esse segundo contato deve-se ao fato de formalizar a permissão feita verbalmente naquela ocasião. Solicito então, documento comprobatório da autorização dada pelo clube para que Fátima desenvolvesse seu trabalho de campo junto a Ginástica Artística. Reafirmo nosso comprometimento em cumprir todos os requisitos éticos demandados neste tipo de investigação, bem como o de respeitar as normas de funcionamento e de organização do clube, no que se refere a esse departamento.

O trabalho de Fátima é importante não só para a sua formação como doutora em educação, mas também para sua função de formadora de professores e professoras de Educação Física, na FACOS (Faculdade Cenecista de Osório) – instituição onde exerce a docência universitária – e, ainda, para a produção de subsídios que fomentem o debate sobre essa modalidade esportiva e seus efeitos sociais no campo da Educação Física. Coloco-me ao seu inteiro dispor para outras informações que ainda se façam necessárias.

Cordialmente



Prof. Dra. Dagmar Estermann Meyer

Orientadora e Coordenadora Adjunta do PPG – EDU/UFRGS

Dagmar Estermann Meyer



GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO CENTENARIAMENTE JOVEM

S.Esp/08

Porto Alegre, 22 de dezembro de 2008

Prezada Senhora Doutora:

Foi com grande satisfação que recebi, no início do corrente ano, a minha ex-aluna da ESEF/UFRGS, hoje doutoranda e sua orientanda para fazer junto ao Departamento de Ginástica Artística do Grêmio Náutico União, investigação de vários pontos por onde passam os (as) atletas de alto rendimento, como ponto de referência para a sua tese de doutorado.

A professora foi encaminhada por mim para a Coordenação do Depto. que prontamente a aceitou e que até o presente mostrou-se solícita, responsável e dedicada, sendo que pelo demonstrado, certamente alcançará os objetivos pretendidos.

Desejo a professora **Fátima** pleno sucesso em sua futura tese.

Atenciosamente

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

J. Reis
JAVIER WERNER DOS REIS
MAGRE, ALTO, RESPORTIVO

**Ilma.Sra.
Profª Dra. Dagmar Estermann Meyer
Orientadora e Coordenadora Adjunta do PPG - EDU/UFRGS
Nesta Capital**

Alto Petrópolis
Sede Administrativa e Social
Av. João Obino, 300

Moinhos de Vento
Sede Esportiva
Rua Quintino Bocaiúva, 500

Ilha do Pavão
Sede Náutica
Acesso Cais do Porto

Porto Alegre - RS - Brasil - www.gnu.com.br - e-mail: uniao@gnu.com.br - Fone: (51) 3025-3800 - Fax: (51) 3025-3857

Anexo D - Tabelas de resumo dos diários e das entrevistas

Diários:

Número do diário	Data da observação	Deslocamento	Duração da observação	Tempo de escrita	Resumo tópicos que ficaram do dia
------------------	--------------------	--------------	-----------------------	------------------	-----------------------------------

Das entrevistas:

Nome Atleta de qual técnico(a) Duração da entrevista Local que entrevistei Data e hora Número da fita e da entrevista	Idade Tempo de treino Idade que começou a treinar	Auxílio do clube Escola (Bolsa) Roupas Transporte Alimentação	Profissão dos Pais/responsáveis	História Como se envolveu com a GA	Competições que participou Viagens que realizou	Expressões Significativas
--	---	---	---------------------------------	---------------------------------------	--	---------------------------

Anexo E - Roteiro das entrevistas

Questões para atletas:

Nome:

Idade:

Quando treina (horários - rotina)? O número de horas que treina por semana?

Há quanto tempo treina (anos, meses)?

Qual sua rotina diária (de treino e de vida)? Descrever como ocorre um dia 'normal' de treinamento.

Você sempre treinou no União ou veio de outro clube (instituição)?

Como vai e volta do clube para casa?

Como se envolveu com a ginástica? (sua história com a ginástica).

Já chorou no treino? Você já teve ou já esteve perto de uma lesão, um problema físico? Como se sentiu? (já se lesionou). Em caso positivo que tratamento precisou fazer?

Recebe auxílio para treinar? (salário, benefício, bolsa, roupas e acessórios, medicação, atendimento médico e de fisioterapia, etc... se for possível declarar valores).

Fale sobre sua participação nas competições? (viagens, campeonatos que participou, conquistas, medalhas, investimentos, etc).

Fale sobre o seu corpo, o corpo do ginasta, da ginasta. Que características você acha que tem que ter um corpo (em termos de habilidades, peso, altura, etc) para poder ser ginasta? Na tua opinião em que o corpo que pratica ginástica se diferencia do corpo que pratica outros esportes?

Qual sua opinião sobre as equipes femininas e masculinas de ginástica?

Qual sua opinião sobre o entendimento dado no senso comum, principalmente na mídia, de que ginástica é coisas de guria? Isso faz algum sentido para ti?

Fiz também questões específicas para alguns/algumas atletas, conforme fui desenvolvendo as observações. Exemplos:

Dores nos pulsos.

Sobre ombros largos e o apelido (Cabide).

Cirurgia e recuperação do ombro.

Aparelho que têm maior facilidade.

Lesão na perna.

Participação no campeonato estadual e brasileiro.

Estar acima do peso.

Questões para equipe de treinamento:

Qual sua formação?

Desde quando você trabalha com ginástica?

Você é ex-atleta?

Quais os espaços que você atua dentro da modalidade?

Fale sobre a rotina de treinamento de sua equipe.

Gostaria que falasse sobre como é trabalhar com alto rendimento nesse limiar do limite do corpo. Como saber até onde o atleta pode ir, como evitar que acidentes

ocorram, como saber se a lesão se aproxima (por estresse), se é hora de parar frente as exigências dadas pelas competições? Como treinar e competir com atletas lesionados? Você pode opinar sobre o uso de doping e a especialização precoce?

Fale sobre o corpo do ginasta, da ginasta. Que características tem que ter um corpo para poder ser ginasta? E o atleta que características, além das habilidades físicas, você considera importantes? (Em termos subjetivos, psicológicos, afetivos, enfim de personalidade).

O que achas do treino das equipes masculinas e femininas, aparelhos, idades, etc? (aproximações e os distanciamentos).

Fale sobre as dificuldades encontradas pelo grupo que treina, principalmente relacionadas às condições socioeconômicas.

Fale sobre a relação com a equipe técnica (treinar os(as) mesmos (as) atletas em níveis diferentes) e com os(as) atletas (o grupo falta treino, por que motivos, a diferenças nas aprendizagens dos meninos e das meninas).

Quais são as outras frentes que atua e o que almeja?

Atletas saíram de sua equipe? (Circo) Por quais razões?

Como compreendes as broncas dadas a sua equipe, ou a integrantes individualmente?

Fale sobre as especificidades corporais por aparelhos e os marcos de passagem em cada aparelho? Quais são esses marcos, em termos de evolução no desempenho dos atletas?

Questões para familiares e/ou responsáveis:

Expectativas de futuro.

Tipo de investimento (afetivo, financeiro, de tempo, etc.) que faz para manter o filho, a filha na ginástica.

Relação com o clube e o(a) técnico(a).

Relação com o(a) atleta no cotidiano familiar (facilidades, dificuldades, tipo de estímulo – apoio necessário).